



**Impactos culturais, sociais e económicos**  
**do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha**

Ana Maria Fernandes Pereira

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre  
Mestrado em Gestão Cultural

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Luísa Arroz Albuquerque

**COPYRIGHT**

*Os impactos culturais, sociais e económicos do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha*

A Escola Superior de Artes e Design do Instituto Politécnico de Leiria tem o direito a arquivar, reproduzir e divulgar esta dissertação através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou de forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado e de a divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objectivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja dado crédito ao autor e editor.

## Agradecimentos

À equipa do Teatro da Rainha pela forma como me apoiou, acompanhou ao longo destes dois últimos anos.

Ao Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha e à Câmara Municipal de Caldas da Rainha pela disponibilidade das suas equipas e por toda a documentação facultada, indispensável à concretização do presente estudo.

Ao Fernando Mora Ramos que me encorajou a inscrever no Mestrado e que me acompanhou e apoiou nestes dois anos sempre com disponibilidade para conversar, sugerir e passar o seu saber. Por toda a literatura oferecida e pela possibilidade de ter a sua biblioteca sempre à ordem.

Ao Carlos Borges pela boa vontade e amizade com que leu e releu este trabalho.

Ao Carlos Alberto Augusto pela tradução do *abstrat* e pela amizade sempre demonstrada ao longo dos anos.

À Vera Marques pela ajuda, apoio diário pessoal e profissional e pela paciência em ouvir-me.

À Marta Pereira pela colaboração e disponibilidade amiga que sempre manifestou e pelas infinitas horas que me dedicou.

À minha filha pelo apoio e carinho que ao longo deste tempo me dedicou e pela compreensão nas muitas horas em que não lhe dei a atenção devida.

Aos meus pais que hoje estariam felizes por me ver acabar algo que me completa como pessoa e profissional.

E, finalmente, à minha orientadora, Professora Doutora Luísa Arroz Albuquerque, pelo apoio, colaboração e orientação na realização deste trabalho, que acompanhou dedicadamente.

A todos o meu Obrigado.

*É hoje pacífico que a cultura transcende as divisões sectoriais, influenciando na economia, no emprego, na coesão social, no turismo, no urbanismo. Disso dão conta os grandes documentos estratégicos da União Europeia ou da UNESCO. (Lage, 2014)*

## Resumo

O Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha é um edifício construído em 2008 ao abrigo do Programa Operacional de Lisboa e Vale do Tejo. É considerado um equipamento com condições únicas para o acolhimento do que de mais sofisticado se pode produzir ao nível da criação artística em matéria do espectáculo ao vivo (dança, teatro e música).

O estudo de caso adoptou assim uma pergunta de partida: “Quais os impactos culturais, sociais e económicos do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha”. A investigação foi realizada a partir da inquirição do público que o frequenta e dos seus funcionários como primeiros fruidores e pessoas capazes de identificar a interacção da programação cultural e artística com a população ao nível: 1) da evolução da literacia cultural e artística dos públicos; 2) dos benefícios sociais da sua implantação na concretização de um bom ambiente social; 3) como elemento dinamizador do comércio local e da captação turística.

O CCC, depois de 18 anos de um interregno de actividades de uma sala de espectáculos em Caldas da Rainha, assumiu-se como o elemento estruturador de uma política cultural da autarquia para a cidade, tendo, no entanto, que concretizar ao mesmo tempo uma estratégia regional uma vez que a sua construção teve como objectivo a criação de uma região euro-atlântica comparável a outras regiões europeias com o objectivo de romper com as assimetrias existentes entre as regiões no território português em matérias de fruição e criação cultural e artística. A edificação do CCC representa assim – potencialmente, como desígnio –, uma mais-valia para a região Oeste pela contribuição – assumida no seu documento de missão –, para a valorização territorial e do potencial humano.

**Palavras-chave:** Impactos, cultura, social, económico, espectadores, equipamentos culturais, programação.

## Abstract

The Cultural and Congress Center of Caldas da Rainha (CCC) is a building created under the Operational Program "Lisboa e Vale do Tejo 2008". It is considered an equipment which purports unique qualities for hosting the most sophisticated dance, music and theatre productions.

The present case study stems from the following question: "What is the cultural, economic and social impact of CCC"? Research for this study was based on a survey involving the staff and public that normally attends CCC's events. The assumption being that these represent the most qualified people to identify the interaction between the cultural and artistic programming and the city's population. This interaction is analyzed from a threefold perspective: (1) of the evolution of the audiences cultural and artistic literacy, (2) the social effects of such a policy in the creation of a sound social environment and finally (3) as a dynamic factor in the strengthening of local business and touristic attraction.

CCC has played a structuring role in the city's cultural policy, after an eighteen year hiatus of regular cultural activity. Nevertheless it also played an additional role in the developing of a regional strategy insofar as its creation presupposed the creation of an euro-atlantic zone, comparable to other European regions, designed to break national asymmetries in matters of artistic and cultural fruition.

The creation of the CCC thus represents a potentially added value (as a result of its statement of intention) for Portugal's Western region as a result of its contribution to regional and human development.

**Keywords:** Impact, culture, social, economic, audiences, cultural equipment, cultural programming

## ÍNDICE

1ª PARTE .....	7
<b>Introdução</b> .....	8
<b>I – Cultura e desenvolvimento</b> .....	10
1.1 – Consumo de massas e interioridade – o saber de coração.....	14
1.2 – Criação, arte e cultura .....	16
1.3 – Identidades culturais/sociais e criação artística .....	17
<b>II – Impactos culturais, sociais e económicos</b> .....	17
1.1 – O conceito de impacto: efemeridade e longa duração.....	17
1.2 – Impactos Económicos .....	19
1.3 – Impactos sociais e culturais .....	20
1.4 – Desenvolvimento regional, local e valorização territorial .....	21
<b>III – Metodologia</b> .....	23
1.1 – Objectivo do estudo.....	26
1.2 – Objecto de estudo .....	26
1.3 – Técnica de análise.....	28
1.4 – Amostra .....	28
1.5 – Inquérito.....	28
<b>IV – Estudos realizados no território português e a nível internacional</b> .....	29
1 – A Fundação de Serralves .....	30
2 – A Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 .....	31
3 – O Guggenheim Museum of Bilbao .....	36
<b>V – Caldas da Rainha Cidade de Cultura</b> .....	40
1 – Enquadramento da cidade na região .....	40
2 – Caldas da Rainha – cidade .....	41
3 – Equipamentos culturais na cidade .....	43
2ª PARTE .....	45
<b>I – Caso de Estudo – Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha</b> .....	46
<b>1 – Estratégia Territorial da Região de Lisboa e Vale do Tejo – Quadro comunitário de apoio 2000-2006</b> .....	46
1.1 – Caracterização sumária do Oeste.....	47

1.2 – Análise SWOT das Caldas da Rainha .....	48
<b>2 – O Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha .....</b>	<b>49</b>
<b>3 – Impactos culturais, sociais e económicos – análise dos inquéritos .....</b>	<b>52</b>
3.1 – Caracterização sociodemográfica do público e dos funcionários do CCC .....	52
3.2 – Impactos culturais.....	54
3.3 – Impactos Sociais .....	58
3.4 – Impactos económicos.....	62
<b>II – Conclusões .....</b>	<b>66</b>
<b>Bibliografia .....</b>	<b>73</b>
Anexo I – Inquérito ao público .....	77
Anexo II – Inquérito aos funcionários .....	79
Anexo III – Tabelas do inquérito ao público .....	80
Anexo IV – Tabelas do inquérito aos funcionários.....	97
Anexo V – Formato digital .....	102

#### **Índice remissivo de gráficos e tabelas**

Gráfico 1 – Qual destas situações descreve como principal razão para estar no CCC .....	53
Gráfico 2 – Idade .....	54
Tabela 1 – Assiste a espectáculos/exposições   É frequentador do CCC .....	55
Tabela 2 – Frequência de aulas   Frequência de Oficinas.....	60

## **1ª PARTE**

## **Introdução**

Quais os impactos culturais e sociais da actividade programada pelo Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha – CCC? Quais os seus impactos económicos? Qual a importância do equipamento para a Cidade e para a Região? Porque é politicamente relevante colocar as questões, reequacionando a importância das actividades culturais e artísticas, revisitando as potencialidades da divulgação cultural e da criação artística na actualidade?

A estas e outras questões tentarei dar respostas no presente estudo sobre o Centro Cultural e de Congressos, tentando perceber quais os *Impactos culturais, sociais e económicos* das actividades artísticas e culturais programadas e da própria existência do edifício, analisando e identificando, no tempo da sua existência, o conjunto complexo de interações do CCC por dentro das realidades cultural, artística, social e económica da cidade de Caldas da Rainha e da Região de que é “centro”, culturalmente falando.

A cultura é essencial na constituição da nossa identidade e enquanto território que nos diferencia como cidadãos e país (Landry F. M., 1999). Por outro lado, as artes e a criação artística contribuem em larga medida para a qualidade de vida das comunidades, embora a sua precariedade dificulte a exposição do seu verdadeiro valor (Matarasso, Towards a local culture index, 1999). Retenha-se que a fonte de mudança da economia, segundo certos autores (Ritenour, 2003), está nas artes e na cultura, sendo necessária uma melhor compreensão da complexidade inter-relação economia e cultura, destacando-se assim a importância do valor cultural e económico dos bens culturais.

O desenvolvimento económico não dependerá de uma população cujo potencial seja reconhecido pelas suas capacidades sociais e culturais? Ou seja, regiões com bom meio social, ambiental e cultural, não se constituem como locais privilegiados pela sua qualidade de vida, sendo consequentemente os mais procurados pelas populações? Rui Vilar diz-nos que, “A análise económica ou a importância económica da cultura não deve, no entanto, fazer-nos esquecer o papel fundamental que a cultura desempenha enquanto factor de desenvolvimento intelectual da sociedade e dos indivíduos que a compõem.” (Vilar, 2007, p. 133)

Economia da cultura, impacto da cultura na economia e cultura e desenvolvimento parecem ser actualmente as principais temáticas de investigação, mas será que a arte e a criação artística só têm implicações económicas? É importante falarmos do impacto da cultura na economia, enquanto sector que potencia rendimentos na empregabilidade, nas receitas fiscais e a sua contribuição para o PIB, mas é igualmente importante enquanto sector que qualifica os cidadãos e valoriza os territórios. Ou seja, as manifestações culturais e artísticas não devem ser só interpretadas segundo modelos económicos, há também que as analisar à luz da ciência social e cultural. Será então fundamental que se percebam quais os impactos sociais e culturais uma vez que decorrentes destes os impactos económicos surgem invariavelmente.

O edifício do CCC, com um valor de construção de 18 milhões de euros, contou com o investimento da Câmara Municipal de Caldas da Rainha e do Programa Operacional da Região de

Lisboa e Vale do Tejo Rainha<sup>1</sup>, tendo como objectivo dotar a região de equipamentos e infra-estruturas com vista à valorização territorial e do potencial humano; desenhado a partir da Estratégia de Desenvolvimento Territorial da Região de Lisboa e Vale do Tejo, o seu objectivo global será a criação de uma “região euro-atlântica de excelência, singular e competitiva no sistema das regiões europeias, num território de elevada qualidade ambiental e patrimonial” (Petersen, 2010).

Neste mesmo sentido, François Matarasso discorre no seu livro *Towards a local culture index*, (Matarasso, 1999) sobre a relevância dos impactos culturais e sociais não se confinarem ao nível do local/cidade mas também do concelho, porque, felizmente, as actividades culturais e a criação artística raramente se delimitam ao local de criação – seria decepcionante se as actividades culturais e artísticas só atraíssem as pessoas localmente –, e rapidamente passam as fronteiras do concelho para o país.

É neste pressuposto que é realizado o presente trabalho sobre o Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha – CCC, cuja pergunta de partida, repito, é: Quais os impactos culturais, sociais e económicos do CCC na Cidade de Caldas da Rainha?

Mas outros objectivos estão em igual ponderação, nomeadamente:

- De que modo as criações artísticas programadas pelo CCC se “incorporam” e interiorizam no quotidiano de vida dos cidadãos caldenses?

- De que forma o CCC é a sua “casa”?

- Qual o envolvimento da comunidade na programação e criação artística do CCC?

- Qual a relevância do CCC na afirmação internacional das Caldas da Rainha?

O estudo, composto por duas partes, inclui primeiramente a contextualização da cultura ligada ao desenvolvimento dos territórios, das populações e das identidades culturais, o consumo de massas, definição de impacto cultural, social e económico, metodologia (objectivo e objecto do estudo, técnica de análise e inquérito), análise de estudos similares nacionais e internacionais sobre a problemática a desenvolver e o enquadramento da cidade de Caldas da Rainha na Região Oeste. A segunda parte conterà os resultados obtidos sobre o estudo de caso – tratamento dos dados relativos aos inquéritos do público, funcionários e a análise do documento dos cinco anos de existência do CCC – e, por fim, as conclusões e interrogações que deixamos para trabalhos futuros.

A investigação é complexa, sobretudo quando os estudos portugueses sobre a temática social e cultural são praticamente inexistentes, o que levou à construção do instrumento de análise com base em investigações internacionais. Aliás, é interessante verificar que quando iniciei o estudo sobre o Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha – CCC, existia – por parte da investigação ligada ao Estado –, um estudo sobre o Sector Cultural e Criativo em Portugal elaborado por Augusto Mateus, e diversas investigações do Observatório das Actividades Culturais sobre os públicos das instituições portuguesas com maior relevância, como sejam O Teatro Nacional São João, o Festival de Teatro de Almada e o Porto 2001; a Cultura em Portugal – Diagnóstico e Prospecção; Políticas Culturais em Portugal (1985-95); etc. Não querendo com isto dizer que são as únicas investigações –

---

<sup>1</sup> Eixo 1 – Apoio a Investimentos de Interesse Municipal e Intermunicipal – medida 1.5 – Acções específicas de valorização territorial.

a Fundação de Serralves, por exemplo, tinha elaborado um estudo sobre o seu impacto económico –, serão os que maior visibilidade tiveram no período compreendido entre 1995 e 2012, em Portugal.

Já no decorrer da elaboração da presente dissertação, Novembro de 2013 a Julho de 2014, saíram quatro estudos promovidos pelo Gabinete do Senhor Secretário de Estado da Cultura, Dr. Jorge Barreto Xavier, coordenados por uma outra entidade, o Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais da Secretaria de Estado da Cultura, com os seguintes títulos: “A cultura e a criatividade na internacionalização da economia portuguesa”, “Cultura e desenvolvimento – um guia para os decisores políticos”, “Mapear dos recursos, levantamento da legislação, caracterização dos actores, comparação internacional”, “Criação de instrumentos financeiros para financiamento do investimento na cultura, património e indústrias culturais e criativas” e “Fundos estruturais e cultura no período 2000 e 2020”, estabelecendo assim um novo quadro de informação sobre a importância da cultura no campo económico e financeiro. Por último, a Fundação Cidade de Guimarães fez sair o relatório sobre os Impactos Sociais e Económicos da Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012.

Como se pode constatar, os estudos elaborados por economistas tendem a mostrar os números associados ao sector, empregabilidade e contribuição para o PIB, no entanto espera-se que estudos futuros incidam sobre os impactos dos projectos artísticos ao nível da literacia das populações no campo das artes e do aprofundamento da cidadania e da democracia.

## **I - Cultura e desenvolvimento**

Cultura e desenvolvimento são conceitos que pela sua abrangência temática múltipla se tornam difíceis de circunscrever, o primeiro unicamente no sentido antropológico (o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos, aptidões, etc.) e o segundo apenas como processo de construção de territórios e transformação económica.

Tentaremos, portanto, perceber a ligação entre cultura e desenvolvimento na perspectiva das populações, ou seja: o lado comunitário das práticas amadoras, (festas de aldeia, festivais de folclore, etc.) aliado à fruição em actividades de cariz profissional e à aquisição de conceitos que as habilitem para novos mundos do conhecimento.

Se desenvolvimento corresponde a mudanças, crescimento e evolução, e se essas alterações advêm do conhecimento adquirido pelo homem na sua capacidade de criar, transformar e incorporar novos aspectos resultantes da sua acção na sociedade, podemos dizer que o desenvolvimento depende da cultura e a cultura do desenvolvimento, criando-se uma interdependência entre estes dois termos. Na realidade, a cultura é um conceito que está sempre em desenvolvimento e isso é inerente ao desenvolvimento humano.

O desenvolvimento cultural é assim importante para o crescimento económico de um lugar, região ou país, por isso não será de estranhar que na última década, em Portugal, os estudos sobre as virtualidades da cultura no desenvolvimento da economia – *Sector Cultural e Criativo em Portugal, A cultura e a criatividade na internacionalização da economia portuguesa*, ambos da autoria de Augusto Mateus e Associados, *Guia para os decisores*, de José Tavares (Tavares, 2014) e as diversas publicações do Observatório das Actividades Culturais (Santos, 2005) (Santos, 1998) –, se tenham revelado como uma “nova tendência no que concerne às políticas governamentais sobre a

importância da cultura enquanto factor económico e um dos sectores que se identifica como em crescimento na economia portuguesa. Seria então de esperar que este acervo de estudos se traduzisse na delineação dos caminhos projectados para a Europa 2020 e que Portugal aderisse a este novo rumo com um reforço do financiamento da cultura no Orçamento de Estado. No entanto, tal não se veio a verificar, como se pode comprovar pelos menos de 0,2% do PIB que foram atribuídos ao sector da cultura no orçamento de estado de 2014. A cultura como sector potenciador da economia foi desvalorizada na política adoptada pelo XIX Governo; não só extinguiu o Ministério da Cultura, que existia desde 1995, como também não criou uma Secretaria de Estado, tendo-se ficado pela nomeação de um Secretário de Estado sem assento no Conselho de Ministros e, como tal, sem autonomia financeira e administrativa.

A cultura, longe de ser tratada como a singularidade que lhe é devida na comunidade onde cresce e cria progresso, tem sido conduzida pela ideologia dos poderes políticos nos últimos anos. Não teremos uma cultura como suporte de uma sociedade aberta e aprofundamento da democracia mas sim uma cultura de criação de “produtos e bens de consumo”, não de “objectos artísticos”.

Espera-se da criação artística não um elemento de evolução do ser humano, mas um meio de sair da crise. Também o será, mas antes terá que ser fundador de um pensamento crítico e assertivo nas condições de vida actuais.

A contribuição da cultura para o desenvolvimento económico das regiões e a sua contribuição para a internacionalização da economia portuguesa encontram-se sobejamente analisados nos estudos acima enunciados, confirmando a importância do sector cultural na produção de riqueza. Mas não só de economia se deve falar quando se trata de cultura porque nesse âmbito teríamos que falar unicamente das indústrias criativas – *design*, moda, publicidades, vídeo jogos, etc. Neste caso, será interessante reflectir sobre a cultura e o desenvolvimento na perspectiva da criação artística e das actividades culturais porque, entre 1995 e 2001, as capitais de distrito foram dotadas de equipamentos culturais (auditórios, teatros, cineteatros, etc.), construídos ou recuperados com o financiamento do Plano Operacional da Cultura e, no Oeste, pelo Plano Operacional de Valorização do Território de Lisboa e Vale do Tejo, disponibilizando um conjunto de equipamentos em Portugal que, finalmente, possibilitariam aos criadores e programadores artísticos organizar uma rede de circulação da criação artística.

São os factores intangíveis das actividades artísticas e das artes no que concerne ao lugar onde esses equipamentos se encontram, cuja função seria o servir das populações criando espaços que privilegiassem o desenvolvimento do potencial humano e dos territórios de mais-valia social, ambiental e cultural, que aqui importa analisar. Será necessário perceber em que medida as populações foram “tocadas” e os territórios foram transformados por via da existência dos edifícios e da criação e programação cultural e artística associada, possibilitando desse modo a criação de cidades com alma, em que a partilha entre criadores e público se faz de modo articulado e conseqüente para o reforço das identidades das comunidades e de uma sociedade civil crítica em relação ao seu meio social.

Será sempre bom lembrar que a cultura surge na nossa sociedade quando à sobrevivência pura e dura se ligam interpretações da realidade que para uma determinada comunidade constroem

um sentido, são factores de identidade e coesão comunitária, são um modo de se distinguir do outro, de outras comunidades. Quando a sobrevivência deixa de ser a única actividade que o Homem pratica no seu dia-a-dia, o Homem nasce para a humanidade. A cultura surge, portanto, como uma criação humana que completa a economia da sobrevivência. E é quando se liberta da sobrevivência que o Homem inventa outras possibilidades de existir, outras formas de estar em comunidade e de dialogar com o outro e com a natureza, justamente liberto um tempo que é possível dispor para além da fome, do medo, da defesa e do ataque – um tempo propício à linguagem, às linguagens. A cultura passa a fazer parte da vida quotidiana das comunidades quando a comunidade se projecta de modo identitário em práticas de natureza simbólica; a arte instala-se como um bem que abre novos horizontes às populações, em que a criação artística surge como expressão de uma necessidade espiritual e não mensurável que se materializa na produção de bens singulares de raridade excepcional. David Throsby reconhece que “os bens e serviços culturais são duais, têm valor económico e valor cultural, que inclui valores estéticos, espirituais, sociais, históricos, simbólicos e de autenticidade, e que não são traduzíveis simplesmente no valor económico em termos de preço, diferentemente de outros setores da economia.” (Yúdice, 2007, p. 3), e que a essência dos bens culturais é intangível e pouco perceptível aos olhos dos economistas.

Em relação à cultura artística teremos de falar não de valor de troca, nem de valor de uso, mas de valor simbólico, de um valor imaterial que não tem uma tradução contabilizável, mas que tem para além disso, um valor ético, moral, mítico, cognitivo, comunitário, também autonomamente estético, já que cada comunidade valoriza os seus ícones e bens imateriais específicos, isto é, identitários e universais, críticos, desejados ou blasfemos, avançados sobre o tempo mental dominante, sobre a ideologia que cimenta a coesão social de conjuntura. As influências artísticas expandem-se nos territórios de cultura artística e têm como veículo as línguas e linguagens. Assim foi na poesia, e é; assim foi e é na pintura, na dança, no teatro, e nessa forma espontânea, ou falsamente espontânea, que é a performance. É também verdade, sobretudo hoje, que há áreas artísticas, como a pintura em particular, que ganharam um poder idêntico ao do equivalente geral da moeda. Ter certas pinturas num cofre-forte é um investimento com réditos lucrativos mais fortes do que ter dinheiro propriamente dito. Basta pensar em Picasso, em Miró, em Paula Rego. Os bancos investem em pintura e detêm desse modo um capital imenso e uma riqueza enorme de valorização constante, tal como o ouro.

A economia do conhecimento abre aos economistas uma nova visão da área da criação e consumo de bens culturais; a dissociação que existia entre os criadores e os economistas é fruto de duas “sensibilidades” diferentes. Por um lado, os artistas não querem as suas obras mercantilizadas, puro negócio, mas por outro, os próprios economistas ao não conseguirem mensurar e encontrar o valor tangível da criação artística colocaram as artes numa prateleira de *deficit* eterno.

Mas na realidade uma comunidade culta, que tenha interiorizado valores culturais de um modo profundo, de tal forma que os seus membros são cultos de referências que são laicas, artísticas, individualizáveis, obra de outros génios ou de outros artistas, é uma comunidade mais capaz de resultados económicos, de se projectar no futuro, de maior capacidade de produção de riqueza porque desde logo vive num ambiente propício à invenção, à aplicação do que interiorizaram na experiência da fruição e criação artísticas, na leitura, no domínio do empreendimento económico. Só

um indivíduo tocado pelo que é próprio do mecanismo criativo consegue aplicar essa potencialidade sob outra forma a objectivos económicos. A cultura é a base de uma economia sustentável pelo lado dos recursos humanos, por isso tem de existir como sistema, pois só dessa forma se projecta em cada um de nós.

David Throsby constata isso mesmo, que a cultura é um património intelectual que fica de uma geração para outra. As crenças e costumes, por exemplo, têm “características culturais” (Ritenour, 2003, p. 2) cujo valor cultural é importante para o desenvolvimento económico uma vez que há nos objectos um valor identificável. Throsby sugere ainda como método de análise do valor cultural de um objecto a comparação com modelos absolutos, deixando que os processos de avaliação sejam subjectivos. A análise contextual, de conteúdo, a pesquisa social e a opinião de especialistas são padrões de avaliação que não se convertem em dados mensuráveis. Na verdade, os bens culturais têm um tipo de mensagem simbólica ou significação que de algum modo põem o Homem, ou não, nos mecanismos imperiais da sociedade de consumo – há aliás, em reacção e por efeito da crise, cada vez mais, um regresso, com o desemprego crescente, a formas de produção pré capitalistas. Há de novo experiências de troca directa, há cidades a criar “tipos de moeda local” e há sectores da sociedade de regresso a economias de auto-sustento alimentar.

Mas numa era em que a cultura assume um carácter propagandístico, deixando perecer aquilo que a distingue como possível bem comum de serviço público, e justificando-a apenas como um elemento da economia que pode ser mensurado, em que se pode verificar a repercussão do investimento realizado pelo Estado ou pelos financiadores privados, esquecendo que tal como a educação, a saúde, etc., a cultura é, ou deveria ser, parte integrante dos sistemas que constituem a vida em sociedade.

Quando se faz um estudo meramente económico da cultura há ainda uma outra “confusão” entre indústrias criativas e indústrias culturais, o que leva a que a análise do impacto das artes na economia local, regional, nacional, possa ser enviesado quanto ao seu retorno na economia. A designação de actividades artísticas e culturais como indústria criativa ou indústria cultural – em que se integram as organizações culturais sem fins lucrativos –, cria na análise económica discrepâncias quanto à tradução estatística do impacto das actividades artísticas no sector da economia.

Acontecem inúmeras transacções de natureza económica que trarão, a quem financiou, o devido retorno, quer através das compras de materiais e prestação de serviços, quer ao nível das taxas fiscais, quer junto dos investidores com retorno ao nível da imagem, quer através dos resultados directos das próprias bilheteiras. Nalguns casos, os espectáculos quase que se pagam. O que não é a mesma coisa que assumir a responsabilidade, por exemplo, de criar um projecto que permita a todos os estudantes do ensino secundário de português o conhecimento directo da obra de Gil Vicente em palco e imaginar que essa operação, essencial de um ponto de vista cultural, histórico, linguístico e sensível, tenha um retorno económico. O retorno será muito mais que o retorno económico, será um retorno educativo e estético, um retorno cultural, um retorno que permitirá aos jovens, perdidos no consumo dos objectos globalizados, a identificação do que os torna “outros” num contexto globalizado. Podemos dizer que a cultura e a criação artística são factores de desenvolvimento económico, que as instituições – públicas e privadas – com objectivos de serviço

público sem fins lucrativos que dão a conhecer às populações géneros artísticos que pela sua natureza não são entretenimento massivo. Sendo alimento da democracia, os projectos culturais e artísticos contribuem de igual modo para a economia sem sujeição dos seus projectos à sua mercantilização total – o que implica sempre uma alteração de natureza do objecto estético –, sendo portanto um tipo de criação produtiva muito diferente daquilo que encontramos nas indústrias criativas e culturais.

A interdependência entre a cultura e a economia está suficientemente fundamentada com as análises dos impactos no emprego, no retorno fiscal, na valorização e qualidade dos territórios em que se vive, sendo por isso óbvio que o apoio nacional às artes não precisa de ser mais defendido do que se defendem os apoios à agricultura, à construção de auto-estradas ou ao apoio aos partidos políticos. Um povo que não acede às suas riquezas culturais, não acede à dignidade da sua própria memória identificável, memória que lhe permite aceder ao exercício constante de imaginar o seu próprio futuro, à construção de um futuro que seja projecção de um desejo comunitário, informado, sensível e cidadão.

É por isso importante recordar a constituição da Unesco, que sublinha a cultura como um factor privilegiado para a paz e a solidariedade entre os povos, situação que não se verifica quando o diálogo assenta só em acordos políticos e económicos.

### **1.1 – Consumo de massas e interioridade – o saber de coração**

A cultura de massas preconiza um estado de adaptação à realidade, adverso à interioridade complexa dos processos de subjectivação como meio do enriquecimento humano, estabelecendo por isso “que todos os produtos se relacionam com o que já foi pré-formatado” (Adorno, 2003, p. 63), produzindo produtos que se moldem aos consumidores e sejam nivelados segundo o gosto e o interesse do seu maior número, determinando que a criação artística e cultural tenda a fazer-se não segundo aquilo que possa ser de crescimento do indivíduo, mas segundo aquilo que o possa alienar da realidade. Deixam de existir conflitos, passa a existir uma sucessão de choques e sensações que surgem do exterior e que se encaixam sem desentendimento no curso dos acontecimentos.

Segundo Adorno, a cultura de massas é inspirada no *variété*, lugar onde acontecem representações que depois de bem observadas são rotineiras, reafirmação da realidade como ela é mesmo quando espectaculares, onde as peças são “a-históricas”, onde o espectador mesmo atrasado entra atempadamente na percepção que terá do espectáculo. Adorno baseia a sua definição de cultura de massas no cinema e no jazz, que considera artes industrializadas e ao serviço do capitalismo. Penso que hoje com o desenvolvimento da tecnologia, da indústria do entretenimento e do *mainstream*, sobretudo musical, a mesma definição pode ser adoptada para os megaeventos que arregimentam multidões para espectáculos/concertos de reprodução automática sem qualquer carácter inventivo ou de possibilidade de um verdadeiro diálogo com o público. O *light* e o *digest*, para os espectáculos ou para a literatura, são termos que se instalaram no vocabulário do público como sinal de bens culturais particularmente apreciados que encontram a sua instalação, estabilização e justificação no espaço em que se forjam publicitariamente essas necessidades de consumo, enquanto as criações assentes na literatura e na arte de qualidade são colocadas perante o

espectador como “seca” porque apelam não à observação do “pão e circo”, mas à aplicação inteligente e sensível dos seus conhecimentos em temas como a crítica social, a dor ou ainda a ficção de momentos históricos do mundo. Assim é com escritores como Howard Barker, que escreve não para recompensar o público, mas para que este pense e tenha necessidade de voltar a assistir à peça, como Martin Crimp, mas também com clássicos-contemporâneos como Bertolt Brecht ou Thomas Bernhard.

É importante estabelecer com o público um laço de “emancipação” que faça sobressair a sua criatividade. A “emancipação” é um dos elementos que leva o indivíduo a abraçar novas oportunidades e a encetar acções inovadoras em relação ao pré-estabelecido, que o reconduzam ao sentimento de valor pessoal, gerador de satisfação e de orgulho na medida em que ousa transpor a esfera das rotinas comuns e diárias. (Rancière, 2010)

Como afirma Jacques Rancière, “O espectador deverá ser subtraído à posição de observador que examina calmamente o espectáculo que lhe é proposto. Deverá ser desapossado desse domínio ilusório e arrastado para dentro do círculo mágico da acção teatral onde tocará o privilégio do observador racional pelo de um ser na posse das suas energias vitais integrais” (Rancière, 2010, p. 11).

Será importante perceber de que modo a arte e a cultura se interiorizam nas populações permitindo que essa transformação interior corresponda a uma modificação do seu território, modos de vida e de estar. A cultura como meio de interacção com a nossa existência, modificando as nossas experiências e sendo dialecticamente modificada por elas.

Se por um lado é notória a apetência do público para actividades culturais como os jogos, o cinema, a televisão, a moda, a publicidade – actividades culturais que não são necessariamente artísticas, mesmo que integrem elementos criativos obviamente –, há por outro lado actividades culturais – não industriais –, algumas até convivendo com artesanatos ancestrais, técnicos e espaciais, mas também de códigos comunicativos – que funcionam de acordo com os processos artísticos cujos impactos não são tão visíveis, como é o caso das artes de palco ou das artes experimentais de um modo geral, e cujo impacto fundamental é o da sua diversidade essencial e o da sua importância num determinado território – que dizer do teatro Nô, ou do Tchiloli? Não se trata de um consumo massivo num dado contexto, mas de uma actividade permanente que tem os seus momentos de apresentação/celebração. Outro tipo de actividades, como por exemplo a actividade estável de um teatro de reportório, distendida no tempo e com resultados educativos e de alfabetização do gosto, de literacia visiva, como acontece em França e na Alemanha com os fortíssimos teatros públicos, permite o acesso a uma “cultura elitista para todos” por camadas da população, que não sendo assim, não acederiam aos tesouros artísticos da humanidade, nem aos da sua própria cultura linguística e performativa. Nestes países as políticas culturais centrais e regionais inscrevem as actividades artísticas qualificadas como um desígnio democrático e procedem a um enraizamento nas práticas culturais das comunidades – o recuo destas políticas revela-se simultaneamente como o avanço da xenofobia e do nacionalismo que neste momento representam um perigo no contexto europeu. Tratar a cultura como um bem público, como património imaterial histórico ou contemporâneo acessível a todos, parece ser das medidas mais difíceis de fundamentar

por parte dos governantes quando se pensa na distribuição dos apoios para a cultura. Por exemplo, a criação de um Shakespeare o que é que nos traz? Trata-se de um complexo investimento em figurinos, cenografia, actores, técnicos, aluguer de espaço, promoção, divulgação, etc. O que resulta não é propriamente um bem transaccionável, algo que se possa pagar numa escala idêntica à de um objecto reproduzido numa escala massiva técnica ou tecnologicamente. Essa característica de um verdadeiro objecto artístico, não reprodutível e variando conforme os dias e os públicos, os contextos culturais, não impede entretanto esse espectáculo de ter a sua economia.

Na realidade, quem decide ou indica o valor cultural de um objecto, de uma representação, de uma dança com carga ritual?

O desprezo pela memória é mau conselheiro e as políticas da indiferenciação podem criar consumidores mas não cidadãos. Com escreve George Steiner no seu livro “As Lições dos Mestres”, “... a memória – a “Mãe das Musas” – é precisamente o dom humano que possibilita a aprendizagem. (...) Aquilo que sabemos de cor amadurecerá e desenvolver-se-á dentro de nós.” (Steiner, 2003, pp. 34, 35)

## **1.2 – Criação, arte e cultura**

A palavra cultura facilmente utilizada de modo abrangente causa muitas vezes alguma confusão entre a sua utilização enquanto factor criativo ou, no seu sentido antropológico, como ideias, costumes e usos das populações. É no entanto, enquanto “conjunto complexo de *recursos*, onde, de vez em quando, os actores sociais vão buscar não só elementos úteis para a definição da realidade natural, social e das próprias identidades, mas também modalidades estratégicas e as orientações do seu agir” (Crespi, 1997, p. 147), que nos importa aqui reflectir enquanto meio de criação nas artes e de produção cultural e artística.

A complexidade cultural enquanto linguagem, mito, religião e ritual, dão lugar às expressões artísticas ligadas “às emoções, dimensões do desejo e do imaginário individual e colectivo, representações da realidade natural e social, concepções do mundo e da vida.” (Crespi, 1997, p. 170). Se o mito e a religião foram as primeiras fontes de inspiração estética dos artistas, a arte, no decorrer dos anos foi-se autonomizando recorrendo a outras fontes de inspiração ligadas a todos os tipos de experiência, evoluindo para formas de mediação simbólica.

A produção artística inclui a pintura, a escultura, a arquitectura, a dança, o cinema, a fotografia, a música, o teatro, a literatura, a poesia, etc. Enquanto áreas artísticas têm sido problematizadas ao longo dos tempos, nomeadamente, pela dificuldade em determinar critérios que permitam estabelecer aquilo que é *arte* e o que não é. O que é ou não *artístico* altera-se com o tempo, em diferentes contextos sociais e culturais e, até, segundo o sistema cultural actual, nas suas formas e conteúdos.

A *arte* na sua acção social e na relação com o simbólico problematiza um dos vectores que levam à sua compreensão e definição. Mas outras relações há, possíveis de estabelecer, por exemplo, entre o artista e a obra de arte, considerando as componentes sociais da formação do artista e as condições em que a obra de arte é produzida, as instituições políticas e sociais e a ideologia, que influenciam o ambiente na qual a obra de arte nasce. Segundo Franco Crespi, os sociólogos da cultura recusam o artista como “génio solitário” pelo simples facto dos processos de

criação artística corresponderem ao resultado do ambiente económico e social, ao diálogo entre os criadores de diferentes disciplinas artísticas e das instituições envolvidas na concepção da obra. Podemos incluir aqui a avaliação feita pelo público e pelos críticos como componentes que ajudam a definir o conceito de arte.

### **1.3 – Identidades culturais/sociais e criação artística**

Walter Benjamin no seu ensaio sobre a “A obra de arte na Era da sua reprodutibilidade técnica” fala-nos da aura dos objectos criados e da perda da sua originalidade. A aura dos objectos criados é suprimida com o uso da tecnologia que os massifica mas que não os inclui na esfera do espectador como algo emancipado e orgânico na sua existência. Na óptica de Jacques Rancière “o espectador emancipado” é aquele que se apropria dos objectos pelo conhecimento que detém. Guy Debord no seu livro “A sociedade do espectáculo” demonstra como a criação artística é representativa do meio que se insere tornando-se espectacular na medida em que o espectador quanto mais vê menos vive porque os seus gestos passam a ser uma imitação do espectáculo que observa. O espectador acumula um conjunto de produtos em ligação estreita com a expansão económica e de produção industrial que o vão alienando porque a mercadoria passa a ser o espectáculo.

François Matarasso em “Towards a local culture index” reflecte sobre a actividade cultural na comunidade como sendo o espaço de desenvolvimento pessoal em todas as idades reforçando as suas competências, confiança e criatividade. É importante verificar que a acção cultural constrói a capacidade organizacional da comunidade, capacita grupos locais e desempenha funções importantes ao nível da cidadania activa principalmente quando une as pessoas à volta de actividades tão simples como comemorações que ao mesmo tempo reforçam os laços entre as pessoas. Matarasso cita o poeta Roderick Watson, que diz que “a identidade cresce a partir de histórias que contamos a nós mesmos sobre nós mesmos” (Matarasso, 1999, p. 7). A cultura funciona para as comunidades como uma acção essencial na sua identificação e coesão.

## **II – Impactos culturais, sociais e económicos**

### **1.1 - O conceito de impacto: efemeridade e longa duração**

A palavra impacto encerra em si diversas definições, no entanto o que aqui importa definir é a palavra impacto na sua matriz de consequência ou efeito de uma acção ou acontecimento, neste caso, referente ao estudo das artes e da cultura enquanto sistemas de interacção com a comunidade que produzirão tendencialmente um *impacto*. As artes têm impacto nas comunidades. Mas que tipo de impacto? Económico, social e cultural? Como se avaliam os impactos? Metodologias, indicadores, variáveis, periodicidade, etc. E que actividades culturais e artísticas vamos estudar? As indústrias criativas que englobam o *design*, a moda, os vídeo jogos, a publicidade, o entretenimento ou a criação artística e a arte? Será que todas têm a mesma linha de análise? Os impactos culturais, sociais e económicos da carreira de um espectáculo de Shakespeare podem ser avaliados da mesma forma que um espectáculo integrado num Festival de Teatro?

Ao tentarmos definir o conceito de impacto temos que ter em atenção todas as perspectivas que a palavra nos pode dar e as relações e diferenças que a mesma pode suscitar. Os resultados

têm que ser cuidadosamente demonstrados, metodologicamente, desde o cálculo estatístico à imparcialidade do investigador, sob pena de que na tentativa de provar os resultados positivos, se dê azo a que os financiadores possam colocar a possibilidade de não continuar a apoiar as actividades culturais e artísticas, passando essa responsabilidade para o mercado.

Esta preocupação está bem patente no documento elaborado por Yan Nicolas, *L'analyse d'impact économique de la culture – Principes et limites*. “É importante reconhecer que a avaliação do impacto, quando usada para justificar o apoio público a X, leva a que se associe a política de criação de riquezas à política cultural. O facto de se invocarem as cifras positivas de impacto, conduz, na verdade, a que o decisor político intervenha na área cultural para alcançar objectivos unicamente financeiros – em termos de dividendos, dos salários provenientes de empregos, das receitas fiscais – usando a arte e a cultura como um acessório, instrumentalizando-os. Ora nada garante *a priori* que, o facto de alcançar esses objectivos, permita alcançar objectivos, digamos, artísticos e culturais (não monetários).”<sup>2</sup> (Nicolas, 2006, p. 13)

Assim, para falarmos de impactos de modo amplo devemos ter em atenção os aspectos culturais e sociais, sobretudo no que toca ao seu impacto na formação dos indivíduos.

Como é consumida a programação artística e cultural pela população? É um acontecimento efémero e deixa resultados unicamente económicos ou vai mais longe e estabelece uma ligação entre o artístico e os indivíduos? Como se comprova pelo crescente número de estudos sobre os impactos económicos elaborados a nível nacional e internacional, (*Economic Prosperity IV. Washington: American for the arts, Measuring the economic benefits of arts and culture – Arts Council, La Culture à Montréal: impacts économiques et financement privé, Study of the Economic Impact of the Activities of the Guggenheim Museum Bilbao – Estimation for 2011, Sector Cultural e criativo em Portugal e A cultura e a criatividade na internacionalização da economia portuguesa – Augusto Mateus e Associados, Cultura e Desenvolvimento: Um Guia Para os Decisores – José Tavares, Creating an impact: Liverpool’s experience as European Capital of Culture, Impacto económico da Fundação de Serralves, Impactos, Económicos e Sociais – Guimarães 2012*, etc.) as artes passaram a fazer parte do fortalecimento das comunidades na expectativa de criar territórios valorizados pela presença de agentes criativos, e de qualificação do potencial humano, na esperança de modificar os ambientes sociais e económicos de algumas áreas das cidades ou mesmo regiões, tornando-os mais competitivos.

Mas, na verdade, a quem apoia as artes interessa-lhe mais perceber a forma como o investimento se traduz em termos financeiros, empregabilidade, receitas de impostos, incidência no PIB, etc., deixando, muitas vezes por responder a pergunta: Qual o impacto cultural e social das artes nas comunidades? O recente estudo de Guimarães 2012 é o que mais se aproxima desta resposta, ao inquirir a população de modo pormenorizado sobre a sua participação, os modos de participação,

---

<sup>2</sup> Il importe d’avoir conscience que l’analyse d’impact, lorsqu’elle est utilisée pour justifier le soutien public à x, conduit à joindre la politique de création de richesses à la politique culturelle. Le fait d’invoquer des chiffres positifs d’impact amène en effet le décideur public à intervenir dans le domaine culturel pour atteindre des objectifs uniquement pécuniaires – en matière de revenus, de salaires tirés d’emplois, de recettes fiscales – en utilisant les arts et la culture comme accessoire, en les instrumentalisant. Or, rien ne garantit *a priori* que le fait d’atteindre ces objectifs permette d’atteindre des objectifs, disons, artistiques et culturels (non pécuniaires).”

a valorização pessoal e as mais-valias artísticas que daí ficaram. Sabemos tratar-se de um tema que carece do maior cuidado dado o seu carácter ao envolver valores simbólicos e imateriais.

Uma outra razão que podemos apontar na dificuldade de um estudo desta natureza é o facto dos impactos económicos serem facilmente tratados estatisticamente, enquanto as interações da cultura e das artes nas populações têm que ser tratadas qualificativamente. Ao tratarmos os impactos sociais e culturais da actividade cultural e artística de modo quantificável apuramos somente a representação simples da realidade. Para considerar os impactos de carácter individual e organizacional das populações – porque o envolvimento das comunidades nas “artes” pode ser de diferentes tipologias: individual (como público ou participação na criação); estrutura de criação artística (com ou sem fins lucrativos); áreas criativas numa cidade; festivais ou produção directa com a comunidade, (por comunidades também podemos ter diversas acepções: regiões, cidades, bairros, escolas, grupos informais de cidadãos ou étnicos) – na sua matéria sensível, será necessário realizar um estudo de impacto qualitativo que demonstre as competências (cognitivas e de emancipação) adquiridas pelo indivíduo no seu contacto com as artes.

Fazer um estudo que englobe todas as vertentes dos impactos culturais, sociais e económicos implicará ter diferentes métodos de pesquisa e um conjunto significativo de indicadores e variáveis. Com essa diversidade de definições como podemos estudar o impacto das artes nas comunidades? Só podemos estudar uma parte ínfima desta problemática porque um estudo mais aprofundado da questão leva-nos a outro grau de dificuldade que se prende com a definição clara do quadro metodológico, dos indicadores e o número extenso de variáveis que seria necessário correlacionar e trabalhar, que no quadro deste estudo não há condições de realizar. Estas mesmas dificuldades são abordadas no documento *L'apport de la culture à l'économie en France*, elaborado pela Inspecção Geral de Finanças e pela Inspecção Geral dos Assuntos Culturais Franceses e no *Towards a local culture index* de François Matarasso (Matarasso, 1999). O estudo francês aponta sobretudo a falta de um quadro metodológico partilhado e testado e Matarasso aponta a dificuldade em medir as entradas, saídas e resultados face à extensão de indicadores e variáveis a considerar, apesar de terem sido publicadas pelo Office of Arts and Libraries, em 1990, orientações sobre os indicadores relativos aos fundos aplicados nas bibliotecas públicas, que avaliassem a modificação da qualidade de vida, a aprendizagem, trabalho etc, das populações.

Dada a dificuldade de estudo nas matérias subjectivas, a maior parte da investigação centra-se nos impactos económicos por terem um quadro metodológico claro em que os indicadores e as variáveis se calculam quantitativamente, como é o caso do American for the arts ou dos estudos ingleses do Arts Council.

## **1.2 – Impactos Económicos**

Shawn Ritenour no comentário que faz ao livro, *Economics and Arts*, afirma que David Throsby sabe distinguir correctamente entre “valor económico” e “valor cultural”, situação que muitas das vezes não é clara para os economistas que têm tendência para confundi-los, principalmente quando incluem o valor estético na definição de valor cultural. Já quando falamos dos impactos económicos da cultura nas comunidades, tal como alerta o estudo francês *L'analyse d'impact économique de la*

*culture – Principes et limites*, (Nicolas, 2006) será bom ter em consideração o “efeito de alavanca”. Os apoios e financiamentos da cultura através das instituições governamentais e privadas são os principais impulsionadores da contribuição da cultura na economia, por isso os seus efeitos podem ser maiores ou menores consoante se traduzirá essa primeira entrada financeira.

Os impactos económicos da cultura dividem-se em três sectores:

- Impactos directos – geram-se com a primeira entrada em caixa, com a compra dos bilhetes pelos visitantes ou espectadores locais e não locais, as suas despesas de deslocação (alojamento, restauração, estacionamento, etc.);
- Impactos indirectos – é a actividade económica gerada a partir desta entrada inicial reflectida nas despesas em compras de bens e serviços aos fornecedores que são consumidas pela instituição/evento e os impostos apurados a nível local.
- Impactos induzidos – são as segundas despesas realizadas pelas famílias locais, em bens e serviços – devido ao aumento das suas remunerações –, as compras realizadas pelo comércio local aos produtores – aumento do consumo – e o novo nível de apuramento de impostos;

O cálculo do impacto económico faz-se utilizando tabelas de *input-output*, sistema de equações matemáticas que combina a estatística com a teoria económica, e que verificam quantas vezes é possível passar um euro na economia local, ou seja, qual o impacto económico gerado por cada gasto realizado. Como pode um euro voltar a ser gasto?

### **1.3 – Impactos sociais e culturais**

Uma outra ordem de impactos, mais difícil pela sua natureza subjectiva, como já foi referido, são os impactos sociais e culturais das estruturas de criação e programação cultural e artística.

Os equipamentos e as estruturas de criação são um forte polo de dinamização da actividade social das populações, ao mesmo tempo que funcionam como polo de inserção social (principalmente étnico), valência formativa (captação de novos públicos, matérias artísticas), boa qualidade de vida e segurança.

Este aspecto do trabalho das organizações culturais tem sido alvo de estudos por parte de países como a Inglaterra e a França por verificarem que o trabalho realizado por estas estruturas é inestimável para a aprendizagem e para o trabalho cívico (voluntariado) criando oportunidades para todas as pessoas em todas as idades, contribuindo para o bem-estar das comunidades locais ao mesmo tempo que se reconhece o seu carácter inovador na ligação da população às artes.

Alguns dos indicadores que nos podem ajudar a perceber a ligação da cultura e das artes com a população passa por saber a sua opinião sobre de que modo é que as estruturas interagem ao nível:

- Do contacto com as artes e o envolvimento com a comunidade;
- Da oferta cultural diversificada;
- Da qualidade dos espectáculos;
- Da requalificação da cidade ou espaço;
- Do desemprego;

Podemos estabelecer pelo menos três ligações entre as comunidades e as estruturas de criação ou programação artística: 1) o voluntariado, que ganha especial relevância quando permite ganhar novas oportunidades de interacção social; 2) a ligação com os estabelecimentos de ensino através de programas específicos para as escolas; 3) criação de programas com a comunidade. Estes três factores em conjugação, entre experiências e aprendizagens, podem conduzir a uma comunidade de espectadores e de cidadãos cientes do seu envolvimento num projecto social e cultural, o que permitirá o desenvolvimento nessa comunidade de novas visões, com massa crítica capaz de perceber os desafios desta nova era do conhecimento em que a economia absorve grande parte do nosso quotidiano, deixando pouco tempo para aquilo que é sensível e belo.

François Matarasso em *Use or Ornament* (Matarasso, 1997), considera a participação em actividades artísticas como benefícios sociais para os indivíduos e para as comunidades. A confiança que é gerada nas populações com o sensível e o artístico, como formação do seu conhecimento e competência, permite-lhes uma criação de laços com a comunidade, principalmente nos grupos minoritários ou marginalizados, contribuindo para a coesão social. Os projectos artísticos fortalecem o compromisso das pessoas com os lugares e levam ao seu envolvimento nos problemas das cidades, nomeadamente em contextos de regeneração urbana. Por isso a actividade cultural e artística de um local não pode ser dissociada da realidade que a envolve, sob pena de trabalharmos em dois caminhos diferentes, desperdiçando benefícios para as artes e para comunidade. A participação em actividades artísticas e culturais produz inevitavelmente impactos directos sobre as pessoas envolvidas e em extensão na comunidade em geral. Melhor ainda quando os projectos são bem concebidos e geridos, o que contribui para que o seu resultado seja positivo.

#### **1.4 – Desenvolvimento regional, local e valorização territorial**

No contexto da análise dos impactos das artes numa comunidade, mais uma vez o que é privilegiado nos estudos são os resultados passíveis de serem quantificados ao nível do desenvolvimento e da valorização territorial local, regional, nacional e internacional, no sentido de justificar a construção de novos equipamentos culturais ou mesmo a instalação de estruturas de criação artística. São os indicadores económicos, mais do que os elementos correspondentes ao desenvolvimento e capacitação da população para as novas construções do conhecimento que se tornam indiscutivelmente fundamentais num espaço territorial nacional e internacional, que são valorizados. Espaço em constante mutação e a carecer de novas reflexões na sua construção sustentável – ambiental, cultural e económica – pela sua natureza material, directa, possível de medir no mercado mas com outras consequências como temos afirmado. Os indicadores económicos que se transformam no substancial dos estudos, por mais que se tentem introduzir indicadores de natureza imaterial, indirecta e social que não reflectem necessariamente valores transaccionáveis no mercado, não possuem, no entanto, valor aos preços de mercado no sentido do êxito do que é lucrativo, mesmo que tenham um valor de mercado.

Ao considerar as “artes” como factores para: uma melhor aprendizagem e disciplina dos alunos; revitalização de territórios e desenvolvimento económico; o bem-estar físico e mental; e um aumento do capital social; teremos conseqüentemente a realização de importantes objectivos para a

comunidade, em que é importante perceber os mecanismos causais através dos quais as artes têm impacto, ou seja, quais os factores que intervêm numa actividade artística que possam ser motores da acção e interacção das relações sociais, culturais e materiais produzidas pelo indivíduo que levam à construção do mundo em que vivemos.

Ao analisar os estudos realizados, quer a nível nacional quer internacional, o primeiro indicador cultural a ser analisado é o peso do sector cultural no emprego – o emprego que segundo o CAE – Classificação portuguesa das Actividades Económicas, abrange especializações bastante diversificadas, desde arquivistas, bibliotecários, escritores, compositores, encenadores, iluminadores, pintores, realizadores, escultores, actores, músicos, bailarinos, jornalistas, artistas de circo, tauromaquia, etc. –, seguindo-se o volume alcançado no PIB nacional. Para o cálculo do impacto no PIB recorre-se às despesas familiares e às exportações de bens culturais. Nas despesas familiares em bens e serviços culturais incluem-se, por exemplo, a compra de livros e jornais, idas ao cinema, teatro, museus e concertos, mas também os materiais usados em actividades artísticas amadoras, tais como desenho, instrumentos musicais e equipamento fotográfico e cinematográfico.

Mas, objectivamente os estudos tendem a demonstrar:

- O modo como o montante de apoio do Estado é aplicado e ainda como são aplicados os fundos dos mecenas;
- As dependências e interligações das artes nos territórios onde se inserem. As sinergias que se criam nas realidades locais com os seus efeitos económicos multiplicadores no comércio, nos serviços, na indústria, traduzindo esses efeitos no emprego e na taxa de impostos aplicada;
- A valorização territorial e a sua extrapolação a nível nacional com base na actividade turística que se desenvolve por via das actividades culturais e artísticas enquanto polos de atracção de visitantes nacionais e estrangeiros. A concorrência entre regiões tem levado, muitas das vezes, não a uma política cultural consequente, mas à criação de epifenómenos que nada acrescentam aos territórios e que, em alguns casos, contribuem para a má distribuição dos apoios às artes, não corrigindo as assimetrias culturais e regionais;
- O impacto das actividades culturais e artísticas ao nível do desenvolvimento das economias locais, e das suas contribuições para a economia a nível nacional, para o PIB e para a empregabilidade.

Estabelecendo a conexão entre impactos económicos, aferidos pela empregabilidade, e impostos, poder aquisitivo da população e impacto social, pode concluir-se que nos territórios onde a criatividade e as artes predominam há uma melhoria assinalável da qualidade de vida, pelo ambiente criativo em si, pelo dinamismo criador e pela via da atracção de profissionais qualificados e de novos visitantes ao território.

Richard Florida ao escrever sobre os territórios criativos salienta o facto de os empregos seguirem as pessoas e não o contrário e, afirma igualmente que, as pessoas criativas são fundamentais porque são particularmente inovadoras, produzem meios criativos e atraem novas actividades económicas. (Florida, 2002)

O desenvolvimento das regiões, hoje, assenta em grande parte na imagem que conseguem criar de si mesmas. Por exemplo, a Feira do Chocolate em Óbidos ou, mais recentemente, a onda na Nazaré, criando um marketing à volta dos eventos que são apelam à circulação de turistas e consequentemente, em períodos sazonais, geram um aumento das receitas no comércio e restauração. No entanto, a efemeridade destes programas cria uma “bolha” momentânea, que muitas das vezes dá a ilusão de desenvolvimento regional esquecendo que a estes eventos temos que associar um outro leque de despesas que advém da grande circulação de pessoas e bens, sendo por isso necessário reforçar a segurança, limpeza, os meios médicos, transportes, etc.

O desenvolvimento terá que ser lido não com base na efemeridade dos eventos mas com base naquilo que a própria região consegue estruturar e chamar a si. As actividades culturais e artísticas estruturadas nas regiões podem, de facto, criar um caminho para a fixação de pessoas com preocupações culturais, ambientais e sociais, que se encontram em linha directa com as novas formas de vida no mundo.

Por outro lado, como diz Augusto Mateus, “As estratégias de desenvolvimento regional e urbano que acolhem explicitamente elementos de acção cultural suscitam a concertação de esforços de diferentes organismos e instituições públicas e privadas e contribuem para o aumento da coesão social desses territórios, seja porque a valorização, reutilização e animação do património histórico e cultural alavancam a probabilidade de sucesso das estratégias económicas, pelos efeitos, de rede e pelos sentimentos de identidade e coesão que fazem emergir, seja porque geram ambientes humanos e sociais mais propícios ao risco, à iniciativa e à criatividade.” (Mateus, 2010, p. 9)

Pensando na Região Oeste, que já em 2006 pretendia ser uma plataforma “euro-atlântica de excelência, singular e competitiva no sistema das regiões europeias, num território de elevada qualidade ambiental e patrimonial” (Petersen, 2010, p. 39), é dever do Centro Cultural e de Congressos fazer a sua parte nesta estratégia da Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo e da Europa 2020.

### **III – Metodologia**

A metodologia seguida é um começo para um estudo que se pretende o mais objectivo possível na procura do valor tangível das artes, mas, mais do que isso, também pretende explicitar o que de intangível existe nas actividades culturais e artísticas. O estudo visará responder à pergunta de partida: Quais os impactos económicos, culturais e sociais do CCC na cidade de Caldas da Rainha.

Colocada a pergunta, tratou-se de perceber qual a metodologia a adoptar que pudesse responder com maior segurança a estas dimensões (económica, cultural e social) que por dentro de si têm variáveis quantificáveis mas, muitas delas qualitativas, uma vez que tratamos de conteúdos tangíveis e intangíveis da cultura.

Segundo Raymond Quivy, quando se trata de estudar um caso particular – o caso de estudo – a aplicação da entrevista é uma das técnicas que melhor possibilita compreender uma realidade particular e complexa, como é o caso do estudo do CCC, que por dentro da sua realidade cultural incorpora a área comercial, no seu sentido mais directo, bem como a diversidade artística que

apresenta sugere um leque de públicos também diversificados. No entanto, admite a utilização de outra técnica de análise como seja o inquérito, que deverá ser apoiado por entrevistas no sentido de aprofundar um ou outro tema em particular (Quivy, 2013).

Neste caso optamos pelo inquérito. Porquê a utilização unicamente do inquérito? A razão é simples, a investigação precisaria de ser realizada com outro tempo e com outro financiamento que não só o do próprio investigador. Por isso o que aqui fica é um primeiro passo para futuros estudos que possam vir a demonstrar um quadro mais claro da relação da população com o CCC e vice-versa.

Ao decidirmos optar exclusivamente pelo inquérito, também o fizemos por ter sido demonstrado por outros estudos, tais como o *Impacto Económico da Fundação de Serralves*, os *Impactos económicos e sociais de Guimarães 2012*, e o *American for the arts, Eurostat – cultural statistics, Study of the Economic Impact of the activities of the Guggenheim Museum Bilbao*, que era possível obter dados credíveis relativamente ao que se pretendia estudar. A comparação com estes estudos só é possível nas características da actividade, sendo que qualquer outra correlação necessitaria de uma aferição mais aprofundada uma vez que a geografia humana, o financiamento e os próprios eventos e equipamentos pertencem a realidades com um outro peso.

A dificuldade em estruturar um inquérito para o presente estudo que contemple o que de tangível e intangível existe na arte e nas criações artísticas, a tal realidade complexa que se quer transformada em simples, é um trabalho que necessita de cuidados muito particulares na elaboração das variáveis, por isso é importante recorrer a estudos anteriores e verificar a transponibilidade de algumas questões já testadas com o público.

De modo a dar maior credibilidade à resposta da pergunta de partida, para além do inquérito aos públicos, utilizaremos os dados quantitativos e qualitativos, relativos a anos anteriores, que existam no Instituto Nacional de Estatística e nos documentos produzidos pelo próprio CCC, especialmente o Relatório 2008/2013.

Há, relativamente às fontes secundárias, uma questão particularmente infeliz que prejudica em muito a realidade de Caldas da Rainha no mapa cultural do país. Os dados constantes no INE<sup>3</sup> relativos à actividade cultural e artística não reflectem a verdade. Somando-se a isso a escassez de trabalho de investigação à volta dos equipamentos culturais que entre 1995-2001 foram construídos e recuperados, com financiamento da União Europeia.

Seria de esperar que a avaliação desses impactos, passados quase 20 anos, tivesse surgido como tema de interesse nas diversas organizações de avaliação das artes – programaticamente estes equipamentos tinham como princípio a descentralização e democratização das artes –, e que hoje se soubesse mais sobre estes edifícios e as populações que os envolvem, nomeadamente na sua componente social e cultural. O Relatório Final de Guimarães 2012 é o que mais se aproxima nessa tentativa de perceber o que a população vimaranense recebeu da Capital Europeia da Cultura. O Observatório das Actividades Culturais produziu um documento em 2005, Estudo

---

<sup>3</sup> Infelizmente os dados não são fiáveis: Caldas da Rainha, segundo os dados de 2012, tem como nº de espectáculos ao vivo – 13; receitas de bilheteira – 68,21 e nº de bilhetes vendidos – 4552. Por outro lado, a Classificação portuguesa das actividades económicas (CAE), junta as seguintes categorias: Actividades artísticas, de espectáculos, desportivas e recreativas.

Horizonte 2013 – *Cultura, Identidades e Património*, que visava perceber o perfil sociológico dos espectadores e as suas práticas culturais, tendo como objectivo central “**Integrar a arte e a cultura no quotidiano das populações** contribuindo para desenvolvimento da cidadania e da qualidade de vida” (Santos, 2005, p. 124).

Como se perceberá, há um caminho longo a realizar em Portugal nesta matéria e o conhecimento até ao momento produzido é quase residual, levando a que a construção do presente estudo padeça de termos comparativos e de metodologia aplicada e revista. Por outro lado, a nível internacional, a definição sobre que metodologia associar a estes estudos também se tornou problemática. Veja-se o estudo *L’apport de la culture à l’économie en France*, 2013, que chama a atenção para a questão das metodologias dos estudos sobre os impactos culturais, sociais e económicos em França não serem partilhados pelos diferentes organismos e instituições, resultando dessa separação uma enorme disparidade entre os estudos realizados e os dados obtidos. A construção das variáveis sem que haja uma capitalização do *savoir-faire* torna-se, no caso do estudo francês apresentado, um *handicap* para a elaboração de um documento que possa espelhar o actual estado das artes e da cultura em França.

Por outro lado, François Matarasso, que no seu livro *Towards a local culture index* encontrou dificuldades em escolher um caminho que superasse as omissões ao nível dos detalhes e dos conceitos, nesse sentido, faz uma proposta de indicadores representativos, isto é, que expressem de um modo abrangente todas as realidades sociais, culturais e económicas. Os indicadores *inputs*, *outputs* e *outcomes*, incidem sobre os resultados relativos às estruturas e financiamentos, da programação cultural e artística e do seu desenvolvimento e aceitação nas comunidades ou regiões. Os indicadores de *inputs* recaem sobre as infra-estruturas, as instituições e o investimento, em correlação com o grau de compromisso político local, o qual deve tender para a concretização de uma vida cultural estimulante na região ou na cidade. A acessibilidade aos equipamentos, a sua distribuição geográfica e a programação devem ser considerados nos estudos como elementos potenciadores ou não da participação da população na actividade artística e cultural.

Os *outputs* da criação artística e cultural contemplam os sinais mais importantes da actividade real da prática cultural no equipamento, por isso deve ser estudado todo o espectro da programação, profissional e amador, uma vez que a participação dos cidadãos se faz a diferentes níveis, sendo por isso importante analisar este indicador do dinamismo da actividade cultural local. A diversidade programática também representa a diversidade social, económica e cultural sendo esse um dos aspectos importantes da democracia. Os *outcomes*, ao centrarem-se na avaliação dos impactos culturais e económicos de uma actividade cultural e artística são potenciadores de uma construção de variáveis e de utilização de indicadores em larga escala, simples, mas abrangentes para que se determine o seu significado real.

Temos que reconhecer que em estudos desta natureza a complexidade do mundo em que vivemos e a diversidade de valores e culturas que o compõe, nos levam a nunca considerar um estudo como um todo mas sim como uma parte do que é possível estudar legitimado pelos dados disponíveis no espaço e tempo da sua realização. Por outro lado, é também esta diversidade cultural que permitirá salvaguardar a sustentabilidade das comunidades e a criação de novas identidades.

Assim, o que aqui se apresenta é um começo, não uma declaração definitiva das componentes de análise.

### **1.1 – Objectivo do estudo**

Pensando na diversidade cultural e nas componentes que constituem a sociedade, nomeadamente na democratização cultural e artística, o estudo que pretendo realizar visará identificar e analisar, no tempo da sua existência, o conjunto complexo de interações do CCC por dentro das realidades cultural, artística, social e económica da cidade de Caldas da Rainha e da Região de que é “centro” culturalmente falando.

A cultura, as artes da cena, a educação artística, a política de públicos e a criação de novos públicos, o alargamento da literacia artística e cultural, a par de objectivos estritamente comerciais, constituem os territórios de eleição e motivação essenciais da própria criação do CCC e importa compreender como as suas práticas de reportório e programação nas mais diversas disciplinas tiveram incidências transformadoras de natureza “sócio-artística” e educativa, na consciência da comunidade caldense e dos públicos do CCC em geral, modificando a realidade anterior em que se inseriu, tanto do lado da criação como do lado da fruição.

O objectivo do estudo tenderá a analisar a validade do que era previsto como referência no PORLVT – Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo (2000-2006) para apoio à construção dos edifícios e as premissas que constam no documento de “Valores & Missão do Centro Cultural e de Congressos”.

O processo de recolha de informação visará responder às seguintes questões:

- O grau de identificação e sentimento de pertença em relação às práticas culturais do CCC como expressão da própria identidade de uma Caldas da Rainha do futuro (o edifício é obviamente uma ideia de futuro em si, uma potencialidade concreta de vida nova);
- Quais os impactos culturais, sociais, sensíveis e intelectuais da actividade programada;
- Quais os impactos económicos.

Esta análise não pode prescindir nem da caracterização da situação cultural da cidade imediatamente antes do surgimento do CCC, nem da relação entre as características únicas da sua arquitectura – e tipologias arquitectónicas e técnicas do dispositivo de salas interior – e a “programação” desenvolvida nos vectores acima enunciados e sua abrangência ilimitada.

### **1.2 – Objecto de estudo**

O Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha – CCC, programação e públicos, será o objecto do presente estudo atendendo às suas múltiplas funções da cultura ao empreendedorismo e cuja Missão é, segundo o seu *site*: “(...) **a promoção da cultura, de proporcionar aos seus clientes, uma agenda cultural rica, da qual fazem parte: a musica, o teatro, a dança, o Bailado, o cinema, a Pintura, a Escultura, a fotografia e todo e qualquer projecto artístico que contribua para o enriquecimento do Ser Humano, quer em termos de conhecimento Contemporâneo,**

**quer em termos de formação e instrução do indivíduo.”**<sup>4</sup> (Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.).

Neste contexto, importa reflectir de que modo as criações artísticas programadas pelo CCC se “incorporaram”, se interiorizaram no quotidiano de vida dos cidadãos de Caldas da Rainha e de que forma o CCC é a sua “casa”. Mais relevante será ainda esta análise dos impactos “interiores” (mentalidades), no gosto das pessoas, na disponibilidade relativamente às práticas da cidadania e a abertura ao novo e diferente, ao outro, quando o CCC se propõe também programaticamente “(...) **aproximar o público que ao longo dos anos se têm afastado das Artes, pelas diversas razões. Propondo uma multiplicidade Cultural que tenta abranger todas as idades, gostos e quadrantes sociais.**”<sup>5</sup> (Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.)

Trata-se de um edifício construído para acolher programação cultural e artística de todas as áreas e géneros artísticos, tendo associada uma componente de prestação de serviços ao nível do aluguer do espaço para todo um outro conjunto de actividades de natureza comercial, como sejam congressos, salas para formação, aulas de dança, yoga, tai-chi, etc.

A cidade, carenciada de uma sala de espectáculos há mais de 18 anos – o último edifício que tinha funcionado como sala de espectáculos na cidade foi a Casa da Cultura de Caldas da Rainha que deixou de funcionar em 1990 –, utilizou a sala da Colectividade “Os Pimpões” para acolhimento de espectáculos de pequeno formato e sem exigências técnicas e artísticas, tendo em conta que a sala não possuía teia técnica nem bastidores que permitissem a concretização de criações exigentes desse ponto de vista.

O surgimento do CCC, construído com o apoio do PORLVT, trouxe à cidade a possibilidade de uma nova vida cultural, considerando que o edifício possui todas as qualidades técnicas e logísticas para o desenvolvimento de uma programação diversificada, e de um “valor cultural” na lógica de David Throsby (as atitudes, hábitos e práticas comuns partilhadas por um grupo é potenciador do desenvolvimento de uma comunidade).

Também neste sentido temos que equacionar as potencialidades do café teatro do CCC que tem uma dinâmica forte por dentro do edifício tornando-se ponto de encontro para a população em geral de diferentes faixas etárias, os mais jovens que o utilizam como sala de estudo e população em geral que se desloca para almoçar ou jantar.

O Centro Cultural e de Congressos enquanto “estudo de caso” terá assim uma diversidade de variáveis em estudo que tentarão compreender as dimensões dos impactos, não sendo completamente perceptível, como já foi dito no início do capítulo da metodologia, os impactos intangíveis por não se ter a opinião das pessoas mas sim um número que representa sempre várias leituras.

---

<sup>4</sup> Transcrição *ipsis verbis* do site do CCC; aqui estranha-se o facto dos públicos serem chamados de clientes. Mesmo em programações culturais comerciais a terminologia é públicos. Por outro lado, quando falamos do enriquecimento do ser humano através das artes, o cidadão/público é um elemento participativo activo ou passivo, espera-se que seja não na forma de mercadoria comprada mas na aquisição de conceitos e conhecimentos. A redacção revela algum desconhecimento das artes (dança, bailado) ou simplesmente o que se pretende é atrair empresários para aluguer dos espaços no sentido de mostrar os seus produtos aos clientes.

<sup>5</sup> Transcrição *ipsis verbis* do site do CCC

### **1.3 – Técnica de análise**

A técnica de análise por inquérito ao público do CCC, como atrás foi dito, apesar de todas as interrogações que possamos colocar quanto à sua fiabilidade, tentará aferir de que modo o público vê, vive e usufrui da programação cultural e artística, bem como dos espaços que fazem parte deste Centro Cultural e de Congressos, por isso tentaremos avaliar as percepções dos espectadores do ponto de vista qualitativo, ao mesmo tempo que faremos um outro grupo de perguntas em que se analisarão os aspectos quantitativos ligados à deslocação dos espectadores e frequentadores do espaço.

A utilização deste instrumento de medida dar-nos-á a possibilidade de avaliar as respostas que analisadas unicamente neste contexto nos permitirão fazer as correlações necessárias e a verificação da hipótese teórica: A programação cultural e artística do Centro Cultural e de Congressos tem impacto ao nível social, cultural e económico nas Caldas da Rainha.

O inquérito foi dividido em quatro grupos (social, cultural, económico e sociodemográfico) realizando-se um conjunto de perguntas que tentam minudenciar as dimensões envolvidas na pergunta de partida, esperando que cada resposta forneça a informação necessária.

Os resultados dos indicadores (sociais, culturais e económicos) levaram à construção das variáveis em respostas fechadas, de modo a que a investigação não padecesse de análises enviesadas ou com falta de objectividade por parte do investigador.

### **1.4 – Amostra**

A amostra do inquérito foi calculada segundo os dados constantes na tese de mestrado de André Esteves, *Os públicos do Centro Cultural e de Congressos*, tese em que se faz referência a uma média de 200 espectadores por sessão (Esteves, 2013, p. 70), – em finais de Abril foi divulgado na assembleia municipal de Caldas da Rainha o Relatório de Actividades e Contas do CCC com os resultados dos últimos cinco anos, relatório em que se pode perceber que a média de espectadores no ano de 2013 é de 228 por sessão, apresentando um total de 37 484 para 164 realizações –, o que levou a considerar a inquirição de 5% dos espectadores que se deslocassem durante o mês de Abril ao CCC, resultando disso a distribuição de 100 inquéritos.

A amostra foi aleatória, ou seja, foram distribuídos os inquéritos ao público que se deslocou ao CCC, quer para assistir a espectáculos, exposições, conferências e cinema, quer por razões gastronómicas, quer ainda por uma relação comercial com o espaço.

### **1.5 – Inquérito**

Do mesmo modo que a metodologia assentou por analogia em estudos nacionais e internacionais, também as perguntas do inquérito ao público foram construídas com base nesse *know-how* seguindo assim as recomendações do *L'apport de la culture à la économie en France*. Tenta-se, deste modo, criar um caminho sustentável ao apuramento dos indicadores com base nas mesmas variáveis, que permitam fazer correlações possíveis salvaguardando as diferenças de escala dos estudos analisados e o caso concreto do CCC.

Foi exactamente nessa medida que após a aplicação de 20 inquéritos se detectaram duas falhas constantes no inquérito: as idades não estavam todas contempladas e nas perguntas relativas aos alojamentos e às visitas a outros locais de interesse da cidade, como sejam o Museu José Malhoa, a Fábrica Bordalo Pinheiro, o Museu da Cerâmica, o Centro de Artes, entre outros, não haver indicação que a resposta era para todos, residentes e não residentes.

Após este primeiro teste foram realizados novos inquéritos com as devidas correcções.

O inquérito é composto por quatro partes. Primeira parte: a relação do indivíduo com as artes; segunda parte: a relação do indivíduo com o Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha; terceira parte: qual a percepção dos inquiridos no que respeita aos impactos económicos, sociais e culturais do CCC; quarta parte: os dados sociodemográficos (idade, escolaridade, profissão, etc.).

O inquérito foi aplicado ao longo do mês de Abril, em espectáculos de teatro e música, cinema, exposições e conferências, bem como ao público do café teatro. Grande parte dos inquéritos foi administrada e recepcionada pelo investigador, tendo recebido auxílio em dois momentos: 1) Concerto do grupo musical Resistência, o número de espectadores esperados era elevado, o grande auditório com 600 lugares estava lotado com diferentes escalões etários e sociais, por isso era benéfico recolher o maior número de opiniões; 2) Exposição Pintura Naturalista na Colecção Millennium bcp, que esteve aberta dois meses durante todos os dias tentando-se assim inquirir os visitantes em diversos momentos do dia e da semana.

Um segundo inquérito foi realizado aos funcionários do CCC. Neste caso, para além dos dados sociodemográficos, pretendia-se analisar a relação laboral que mantêm com a instituição (tipo de contrato e duração), bem como os gastos médios efectuados na habitação, consumos domésticos, bens de primeira necessidade e noutros bens, e qual o local preferencial para a realização das compras, na cidade ou fora.

#### **IV – Estudos realizados no território português e a nível internacional**

As investigações sobre os impactos da actividade artística e cultural na economia incidem sobre diferentes matérias e, como já foi dito, com distintas técnicas de análise e metodologias. Por um lado temos os edifícios e a sua inserção no meio onde foram construídos, onde são estimadas as mais-valias dessa edificação quer ao nível social quer económico, por outro temos a programação desses edifícios e as repercussões económicas, sociais e culturais dos eventos (Festivais, Capitais Europeias da Cultura, etc.) a nível local, regional e nacional. Em ambos os casos, edifícios e programações, a análise do que a comunidade recolhe como potenciador da cidadania, criação do gosto e formação de novos públicos não é o principal objectivo a observar.

No capítulo sobre a metodologia enunciei uma sucessão de estudos realizados em âmbito nacional e internacional, dos quais selecionei três que me pareceram mais adequados à tipologia de estudo que realizarei no CCC. O estudo de Serralves no contexto da região norte e da sua importância para a cidade do Porto, da Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura – este estudo realizado aborda questões para além das económicas e entra pelo caminho dos efeitos de uma programação na comunidade que a rodeia – e, a nível internacional, o estudo do Guggenheim Museum of Bilbao, cuja construção contribuiu de modo significativo para a requalificação daquela

zona da cidade, potenciou o turismo cultural e, sobretudo, tem uma preocupação com a comunidade e com a população com necessidades especiais.

### **1 – A Fundação de Serralves**

O estudo da Fundação de Serralves faz uma demonstração clara quanto à sua contribuição para a empregabilidade, os fluxos económicos que gera a partir dos seus *stakeholders*, e quanto à sua importância para a cidade do Porto, a região norte e o seu contributo para o PIB.

A metodologia usada foi idêntica à de outros estudos congêneres a nível europeu e americano. Seguiu o método de *input-output*, criando os seus indicadores relativamente aos efeitos multiplicadores. Foram explicados os impactos directos, indirectos e induzidos nos quadros de análise do estudo comprovando-se a importância da Fundação de Serralves para o sector do turismo, das indústrias criativas, do seu efeito dinamizador ao nível social e educacional, mas também ao nível das quantificações da sua actividade com as implicações na empregabilidade, no consumo, nos proveitos e nas receitas fiscais.

Retiram-se do estudo alguns dados:

- a) No sector do turismo, em 2010 e 2011, o número de estrangeiros que visitou Serralves foi, respectivamente, 70.487 e 75.866. O inquérito de rua deu ainda outros resultados, como sejam, o interesse que a Fundação de Serralves pode suscitar neste público e quais as repercussões que uma visita pode causar em termos económicos. Regista-se que Serralves se situa entre os quatro maiores pontos de interesse na cidade do Porto: os turistas estrangeiros que a visitam passam em média 2,3 noites; grande parte destes turistas viaja de avião em companhias *low-cost* e viajam em grupos de 2,75 pessoas, sendo que 86,3% viaja sem crianças. A este nível identificamos e quantificamos os valores relativos à deslocação de turistas estrangeiros a Serralves e quais os impactos directos e induzidos, no fundo as interdependências entre os sectores da economia local e a gerada pela Fundação.
- b) Ao nível dos visitantes nacionais, Serralves em 2010 contou com 379.430 pessoas que terão, segundo o método dos efeitos multiplicadores de *Leontief*, gerado um impacto em todos os sectores económicos que vai da aquisição de bilhetes, à restauração, aos transportes, às compras no comércio da cidade e aos bens adquiridos na loja de Serralves.
- c) No emprego, “entre 2001 e 2011, Serralves criou 28 postos de trabalho, o que corresponde a um crescimento de 41,2%. O pessoal ao serviço é muito jovem. Dos 96 colaboradores, 52% do pessoal tem menos de 40 anos de idade e só 9% têm cinquenta e cinco ou mais anos de idade.” (Serralves, 2013, p. 89)
- d) Em proveitos, 2010, gerou 9.538,5 milhares de euros, tendo o seu máximo sido atingido em 2008 com 10.241 milhares de euros. A recessão económica que se tem sentido a nível nacional não passou ao lado de Serralves. Em 2010 o financiamento público situava-se nos 43,1% do seu orçamento.
- e) As Indústrias criativas contribuíram em 2010 com um montante de 1.949,4 milhares de euros que são associados à sua linha cultural e criativa.

f) Em 2010, o impacto global de Serralves foi em relação ao “PIB com cerca de 40,56 milhões de euros, contribuiu para a criação de 1.296 postos de trabalho em equivalente a tempo inteiro, gerou cerca de 20,7 milhões de euros em remunerações e 10,8 milhões de euros de receitas fiscais.” (Serralves, 2013, p. 32)

À luz deste conjunto de informações pode dizer-se que Serralves é, sem dúvida, um motor da economia portuense, da região norte e com forte contribuição para o sector das actividades culturais e artísticas e indústrias criativas a nível nacional, reafirmando-se assim as conclusões que o estudo de Augusto Mateus revelou em 2006, que a nível nacional a dimensão sectorial relativa às actividades culturais e criatividade tem valores expressivos e detalhados para o VAB (valor acrescentado bruto) e emprego, sendo respectivamente, 2,8% e 2,6%.

Apesar de não ser dito de modo expreso percebe-se que o financiamento do Estado, 43% do orçamento, é que estimula toda a economia em redor de Serralves. Sem a alavancagem estatal a Fundação não conseguiria sobreviver.

## **2 – A Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012**

A criação da Fundação Cidade Guimarães (FCG), em meados de 2009, representa o momento da formalização oficial da iniciativa, da sua equipa e do modelo de gestão. A FCG, como estrutura de missão, foi incumbida da realização da Capital Europeia da Cultura (CEC) – Guimarães 2012, tendo como principal objectivo a concepção, planeamento, execução e desenvolvimento do programa cultural e artístico do evento. A FCG responsabilizou-se por assegurar directamente as áreas da gestão, planeamento e controle, contratualizando em *outsourcing* a parte da execução que neste caso foi assumida em grande parte pela Cooperativa Régie A Oficina. A Oficina estabeleceu assim um elo de ligação com os parceiros e agentes culturais e artísticos locais, nacionais e internacionais, de modo a agilizar os processos de apresentação dos diversos eventos constantes na programação.

O orçamento da Guimarães 2012 rondou os 36,5 milhões de euros, sendo que 22,5 milhões de euros foram investidos no programa cultural e os 14 milhões restantes destinaram-se à comunicação e *marketing* e despesas de funcionamento. Para além do orçamento do evento há ainda que considerar os investimentos ao nível do imobiliário e património realizados pela autarquia no concelho que deixam a marca evidente da passagem de uma iniciativa desta natureza no território (esta é uma prática normal das Capitais Europeias da Cultura que por norma associam à sua realização um programa de requalificação ou construção de novos espaços). A Câmara Municipal de Guimarães geriu a esse nível cerca de 42 milhões de euros de fundos públicos que originaram a concretização da Plataforma das Artes e da Criatividade (15 milhões de euros), a Casa da Memória (4 milhões de euros), infra-estruturas urbanas e requalificações (13 milhões de euros), e outros equipamentos realizados em parceria, nomeadamente o Instituto do *Design*, o Centro Avançado de Formação Pós-graduada e o Centro de Ciência Viva (7 milhões de euros).

Como estratégia a médio e longo prazo, a cidade terá ganho visibilidade e melhorado a qualidade de vida dos seus habitantes, permitindo-se seguir a linha orientadora das diversas CEC que tendem a projectar a realização da iniciativa como mais um passo para o futuro. Por isso, a atracção de visitantes, a promoção da imagem da cidade, a melhoria das infra-estruturas, dos

equipamentos culturais, do espaço público, o envolvimento da comunidade e a mobilização de estruturas artísticas e culturais locais, são iniciativas constantes das diversas Capitais Europeias da Cultura, que objectivamente têm réditos a médio e longo prazo. A título de exemplo podemos falar de Liverpool, uma cidade que sofreu uma requalificação geral do seu espaço urbano e público resultando numa transformação social, em que a taxa de criminalidade baixou consideravelmente.

O Relatório dos impactos económicos, sociais e culturais realizados por Guimarães 2012 é uma apreciação da programação nas suas múltiplas dimensões (económica, social e cultural), com base numa análise que combina a metodologia quantitativa com a qualitativa não seguindo qualquer “referencial de avaliação publicado nos últimos anos”.

A avaliação, ou proposta de avaliação como é referido no Relatório, quantitativa inclui na dimensão económica os impactos no turismo, comércio e restauração, nas indústrias criativas e na produção, no emprego e nas despesas e receitas públicas; na dimensão sociológica, combina a metodologia quantitativa e qualitativa, investiga as percepções dos diferentes grupos sociais; e por fim faz ainda uma quantificação dos impactos de natureza mediática e digital do evento na perspectiva de se perceber o reposicionamento da imagem que se tentou veicular.

A programação cultural e artística desenhada pela Guimarães 2012, organizada em quatro caminhos: Comunidade, Cidade, Pensamento e Arte, “foi interpretada à partida como uma oportunidade para promover a reconversão do tecido económico, assente na criatividade e na inovação, e para reforçar a sua competitividade e a criação de emprego qualificado, nomeadamente através do desenvolvimento das indústrias culturais e criativas.”

Ao longo de 2012, foram identificados em Guimarães cerca de 1300 eventos culturais.

Ao tentarmos objectivar a dimensão económica da Guimarães 2012, centrando sobretudo o seu estudo nos impactos indirectos, podemos analisar em primeiro lugar os dados relativos ao turismo:

- a) Na elaboração da candidatura, a dimensão turística está entre as principais motivações para o desenvolvimento das CEC, sendo esse um dos itens valorativos para a sua selecção. Guimarães 2012 não foi excepção na elaboração da sua programação, uma vez que, segundo o Relatório, os reditos consumaram-se ao atingirem um crescimento de visitantes estrangeiros, que cresceu cerca de 53,7% e quadruplicando os visitantes nacionais. Face a estes números é natural que para 90% dos inquiridos o evento produziu impactos positivos (69,9%) e muito positivos (23,9%). Da despesa associada ao turismo, 12.36 milhões de euros, 10 milhões foram gastos na cidade de Guimarães, o que representou um quarto do volume de negócios anual do sector no concelho;
- b) Nos impactos indirectos, um outro dado é a dinamização do comércio e restauração. Segundo os inquiridos, provou-se que Guimarães 2012 trouxe um dinamismo ao centro histórico de Guimarães (41,7%) superior ao esperado, nomeadamente no ramo da cafetaria e restauração (29,4%) que superou todas as outras actividades comerciais. O impacto no comércio, para 80% dos inquiridos foi positivo (64,9%) ou muito positivo (15,3%).
- c) Em termos de gastos por visitante português à Guimarães 2012, a maioria afirmou gastar mais de 50€, quando considerado individualmente, e 37€, no caso da deslocação em

grupo. Já os visitantes estrangeiros, em grupo, dependendo da sua origem gastaram em média 92€.

Os impactos económicos (directos, indirectos e induzidos) são medidos recorrendo aos multiplicadores de *input-output*. O Relatório de Guimarães 2012 optou pelo sistema de matrizes de *input-output* da Economia Portuguesa, para o ano de 2008, elaboradas pelo Departamento de Prospectiva e Planeamento e Relações Internacionais do Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território, com base nos dados do INE relativamente às famílias.

A vantagem da utilização desta metodologia é o cálculo de multiplicadores para além dos agregados à produção, sendo por isso possível determinar os multiplicadores do valor acrescentado, emprego e receitas fiscais referentes a cada um dos principais ramos de actividade directamente “tocados” pela Guimarães 2012.

Conclui o Relatório que a Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012, contribuiu para 2.100 empregos (com a duração de um ano ou equivalente), e estima que as receitas fiscais associadas ao evento ascendam a 30.8 milhões de euros, resultando assim uma contribuição para o PIB nacional acima dos 85 milhões. “Conclui-se assim que Guimarães 2012 não constitui um ónus financeiro para o Estado Português, contribuindo adicionalmente para minorar o impacto da recessão económica na região envolvente.”

Nos impactos do sector cultural e criativo os agentes locais avaliam a contribuição da Guimarães 2012 de forma positiva ou muito positiva 77%. No entanto, à medida que os inquiridos passam para o nível regional esta percentagem diminui para cerca de 30% e a nível nacional esses impactos são nulos ou inexistentes, mas considerando que é benéfica a celebração da Capital Europeia da Cultura.

A Guimarães 2012 propôs-se analisar assim os seus impactos culturais e sociais em função do programa que tinha delineado que visava:

- a) A valorização e o estímulo da população vimaranense em todas as fases do projecto, no sentido de criar redes de cooperação e co-criação no sector social;
- b) Introduzir transformações nas estruturas/entidades de produção cultural e artística das locais no sentido de assegurar um pós capital europeia em que os efeitos fossem visíveis ao nível da criação da imagem da cidade como um espaço de criação contemporânea.

É com base nesta programação “em três eixos: 1 – instituições e redes; 2 – envolvimento e participação dos cidadãos; 3 – criação artística, conhecimento e cultura”, que a análise do impacto social e cultural foi construída:

**Eixo 1** – instituições e redes, este programa foi dividido em três dimensões: Comunidade, Tempos Cruzados e Serviço Educativo.

De destacar na programação da Comunidade a criação de um coro A Outra Voz, com 150 elementos – que se constituiu ao longo dos dois anos de preparação da CEC –, cuja projecção nacional foi das mais relevantes devido à sua apresentação no CCB, Culturgest e na participação no disco de Amélia Muge e Michales Loukovikas. O coro A Outra Voz mantém-se em funcionamento como associação, sendo por isso considerado um dos resultados mais positivos da Guimarães 2012 pelas raízes que criou nas pessoas e na cidade. Neste programa é também de sublinhar o

espectáculo de encerramento da Guimarães 2012 realizado pelos 500 vimaranenses que ao longo de dois anos trabalharam com artistas nacionais, resultado do modo como a CEC interagiu com a comunidade local.

“Tempos cruzados”, com um orçamento de 1 milhão de euros foi gerido por um consórcio de associações locais com o objectivo de as integrar na programação e de potenciar o tecido associativo local. Tinha como ideia a continuidade da região e a sobreposição entre o rural e o urbano, o campo e a indústria, a que se junta a partir de 2012 o tempo da criação – arte e cultura – num cruzamento entre as linguagens contemporâneas e populares. O programa, desenvolvido em várias vertentes, inseria a valorização do património associativo, ligação em rede das instituições da cidade com as periferias rurais. Das iniciativas, destacam-se a Exposição Nacional de Trajes ao Vivo e o Ciclo de Festivais de Folclore. O Folclore foi apresentado em espaços nobres da cidade com a intenção de aproximar os “públicos tipicamente distanciados.” O balanço final deste programa Tempos Cruzados, apesar de parte da programação só ter ocorrido em 2013, é positivo para grande parte dos inquiridos, fundamentalmente porque partiu das raízes identitárias, do sentido de pertença e do Património cultural das comunidades, que ao debruçar-se sobre as comunidades envolvidas exigiu um trabalho continuado de negociação com os intervenientes e com os “criadores contemporâneos”, que propuseram abordagens inovadoras e profissionais na criação artística e cultural. Foi um momento de construção e de partilha de saberes entre as associações que permitirá a criação de valor no território e de propósito de continuidade.

O Serviço Educativo, uma das áreas a que só mais tarde a programação da Guimarães 2012 deu sentido, contou, no entanto, com o conhecimento dos responsáveis da Oficina, estrutura que detém a responsabilidade de gestão e programação do Centro Cultural Vila Flor, e por isso com anos de prática de trabalho com as instituições escolares e outras, verificando-se o impacto deste serviço em 2013 com o interesse demonstrado pelas escolas e associações ao quererem voltar a Guimarães. O relançar da relação entre a programação cultural e as escolas do concelho e o trabalho desenvolvido com as juntas de freguesia potenciou a ligação com os territórios. Foi importante o trabalho do Serviço Educativo para a área de Arte e Arquitectura, nomeadamente pelo número de visitas orientadas. O Serviço Educativo foi, no entanto, o menos conseguido da programação da Guimarães 2012, talvez por ter em mãos o trabalho com jovens e adolescentes (14-21), cujas causas apontadas no Relatório sugerem o facto de os interesses estarem cada vez mais centrados nas lógicas tecnológicas, e por outro lado a constatação de que a comunicação não foi direccionada para este público-alvo, obrigando ao cancelamento de diversas iniciativas.

#### **Eixo 2 – envolvimento e participação dos cidadãos.**

A análise deste item faz-se desde a comunicação com a população através do *leitmotiv* “Tu fazes parte” e os “corações”, até à sua participação nas iniciativas da Guimarães 2012. Pela inquirição realizada verifica-se que «a adesão e participação são sociologicamente selectivas: espectadores como voluntários, colaboradores da organização do evento como participantes nas iniciativas desenvolvidas pertencem maioritariamente a classes sociais mais instruídas, a grupos etários mais jovens e a áreas de residência da ou próximas da cidade. Entre as classes populares, a Capital Europeia da Cultura foi em parte vista como algo a que não eram chamados a participar, algo

que viam como das e para as elites, mesmo se chegavam a participar activamente em alguns dos eventos e iniciativas. Exemplo muito claro deste fenómeno é o que pudemos constatar no bairro de Couros, onde residentes que participaram em diversas actividades enquadradas na requalificação do bairro e programadas pela Guimarães 2012 afirmaram não ter participado em nenhuma actividade da Capital Europeia da Cultura (...)» (Minho, 2013, p. 77). A criação da Orquestra, dentro deste eixo da programação, foi dos projectos mais conseguidos da Guimarães 2012 não só porque tinha o amplo apoio da população – a cidade tem fortes tradições nesta área artística –, como também permitiu a recepção de um vasto número de músicos oriundos dos mais diversos países que mudaram a “paisagem” da cidade. A Orquestra teve um entrosamento com a comunidade através da participação no coro “Outra Voz” e das orquestras Sub-12 e Sub-21.

Outro exemplo do envolvimento da população na Guimarães 2012 são os voluntários (apesar de serem em número reduzido conforme frisa a Relatório) que acompanharam o desenvolvimento das iniciativas criando laços de proximidade com os eventos o que lhes permitiu serem mais do que vigilantes. A avaliação feita pelos voluntários entrevistados é muito positiva em termos da cidade no sector do turismo e na diversidade da oferta cultural e artística para os diferentes públicos, sendo notório a abertura da cidade ao exterior e a criação de novos hábitos culturais. No entanto, também neste campo o Relatório chama a atenção para a “relativa descoordenação na organização do trabalho dos voluntários e o escasso aproveitamento de competências pessoas e profissionais.”

Exemplos de menor sucesso no envolvimento da comunidade são apontados à Comunicação Social local (Jornais e Blogosfera) – que não foi capaz de acompanhar a dinâmica da CEC por falta de profissionais qualificados e no final de 2012 dois semanários encerraram as portas –, e aos jovens e estudantes do ensino superior que apesar de considerarem relevante o evento em si, participaram abaixo do que seria de esperar. Os jovens e estudantes entrevistados apontaram duas razões para a sua falta de adesão aos eventos: programação pouco interessante para a sua faixa etária nomeadamente ao nível da música e falhas na divulgação da programação. É considerado no Relatório o facto de os alunos da Universidade do Minho só se deslocarem à cidade para os tempos lectivos e o “muro invisível” que antes da Capital tinha surgido não foi superado o que quer dizer que a programação não tocou este sector de público.

No final deste eixo da programação, o Relatório faz uma pergunta muito pertinente: “Se os jornais e a blogosfera não tiveram capacidade para descodificar as linguagens mais inovadoras propostas pelo programa artístico da Guimarães 2012, como podem elas ter chegado à população em geral?” (Minho, 2013, p. 80)

### **Eixo 3 – criação artística, conhecimento e cultura.**

A avaliação efectuada pelos criadores e estruturas culturais é positiva, no que concerne ao impacto mediático e turístico, considerando o investimento realizado, mas interrogam-se quanto ao futuro desses impactos pós Capital uma vez que estando no terreno há mais de uma década conhecem bem as dificuldades na fidelização de públicos.

A crítica que fazem à Guimarães 2012 vai no sentido do distanciamento e desaproveitamento que sentiram por parte dos programadores em relação a quem trabalha no terreno. O seu conhecimento sobre a realidade da população vimaranense não foi levado em conta.

O efeito mais positivo considerado foi a concretização de redes entre os artistas e as plataformas de criação, principalmente nas artes performativas (exemplo disso é a ligação da companhia residente Teatro Oficina com o Útero Teatro) e no cinema (em 2012 foram realizados 50 filmes que tornaram possível a concretização da Plataforma de Produção Audiovisual que tem já trabalhos até 2015).

Por dentro deste eixo outros investimentos foram feitos, como seja a criação de um espaço na Fábrica Asa ou a Plataforma das Artes cujos destinos ainda estão por consolidar quer ao nível da programação quer ao nível da gestão.

Ao nível do conhecimento, a Guimarães 2012 deu azo a diversas investigações académicas que resultaram em teses de mestrado e doutoramentos, bem como a publicação de trabalhos de diversas áreas científicas, em Portugal e no estrangeiro.

Salienta-se ainda as *Dinâmicas e regeneração urbana* e *O espaço público* como programações da área da arquitectura da Guimarães 2012 que apontam caminhos de futuro quer na requalificação e revitalização de áreas históricas da malha urbana, como é o caso de Couros, quer como “ponto de encontro e de transversalidades entre a regeneração urbana e a programação cultural” como é o caso da utilização do espaço público nos diversos eventos da CEC.

Um outro factor importante ao nível dos impactos sociais e culturais é a caracterização da programação que, segundo o Relatório, se distinguiu pela quantidade, qualidade e diversidade em que se combinou “o clássico com o contemporâneo e o alternativo e, inclusivamente, o minoritário.” É importante também ter em consideração que a programação previa o envolvimento da população e dos agentes culturais: os eventos foram descentralizados (programa da música nas freguesias) e o espaço público foi um palco recorrente das iniciativas das diferentes áreas artísticas.

A Capital Europeia da Cultura Guimarães 2012 caracterizou-se, deste modo, por um forte envolvimento dos vimaranenses e de quem a visitou, gerou centros de criatividade, contribuiu para a regeneração urbana, social e económica da cidade, e esperam os responsáveis pelo evento que tenham sido adquiridos pelas pessoas novas dinâmicas culturais e modos de ver o mundo.

### **3 – O Guggenheim Museum of Bilbao**

Neste conjunto de estudos o *Guggenheim Museum of Bilbao* tem uma outra pertinência no contexto dos impactos económicos, culturais e sociais ao ser o símbolo da transformação urbanística operada na cidade de Bilbao. A cidade, localizada na Baía da Biscaia, é a quarta cidade de Espanha, um dos portos mais importantes do país, atendendo à produção, transporte e comércio de matérias-primas. Até finais dos anos 80, a cidade era essencialmente industrial, ligada principalmente ao sector da metalurgia. É, no entanto, com o desaparecimento de grande parte desse sector que se transforma numa cidade de serviços, surgindo desse modo um conjunto de edifícios devolutos que se tornam preocupantes para a câmara municipal devido ao uso inadequado, uma vez que são propícios à criação de ambientes de marginalidade. É neste contexto que as autoridades da cidade começam a empenhar-se seriamente na captação do turismo iniciando o processo de requalificação das áreas industriais de então, transformando-as em espaços comerciais, ócio e cultura, convidando para isso arquitectos de carreira internacional reconhecida, tais como Norman Foster, Santiago Calatrava,

Arata Isozaki e Federico Soriano, para construção de equipamentos e infra-estruturas importantes para a cidade como seja o metropolitano, a Ponte de Zubizuri e o Palácio Euskalduna.

Mas é o arquitecto Frank Gehry, em 1993, que inicia o processo de regeneração urbana com a construção de um equipamento cultural emblemático para a cidade, ao nível da cultura e turismo, o Museu Guggenheim. O museu é uma peça “arquitecto-escultórica” que criou uma dinâmica à volta da sua concretização. Muitas das visitas se devem não só à colecção que o museu alberga mas também à vanguarda da concepção do edifício.

Mas é claro que um edifício desta natureza desencadeia muito mais impactos do que só a requalificação de uma área urbana, o edifício é também a revitalização de um espaço antes devoluto que se transforma num espaço potenciador de actividades: económicas, sociais e culturais.

No estudo produzido por Beatriz Plaza, *The Return on Investment of the Guggenheim Museum of Bilbao*, a investigadora relaciona sobretudo os impactos económicos do Guggenheim no turismo e no emprego e o retorno do investimento. Segundo a autora, podem ser imputados à abertura do Guggenheim cerca de 904 empregos directos, a tempo inteiro, dados de 2004, que foram calculados segundo o número de dormidas na cidade ou na região basca.

De acordo com a análise de dados realizada com recurso ao programa ARIMA, a relação entre o número de visitantes por mês e a sua origem, originou uma criação directa no emprego ao nível da restauração e hotelaria. Também o Instituto de estatística basco mostra que em Outubro de 1997, data de abertura do museu, foram criados 415 empregos e em Dezembro de 2004 estavam concretizados 932, também eles imputados à abertura do Guggenheim. Xavier Greffe, professor de economia francês, confirma o mesmo número através de correlações entre o número de visitantes e os multiplicadores que utiliza para calcular a criação de empregos directos, indirectos, induzidos e no turismo.

Relativamente ao turismo, a cidade teve um decréscimo significativo entre Janeiro de 1976 e Dezembro de 1980, na ordem de 8,4% ano, entre Janeiro de 1981 e Setembro de 1997 subiu 3% e entre Outubro de 1997 e Dezembro de 2004 teve um crescimento de 6%, sendo que mais uma vez os resultados desse aumento foram imputados à construção e à abertura do Museu.

No que concerne ao retorno do investimento – como em todos os outros estudos, a preocupação dos dirigentes políticos é sempre o de analisar não só a sustentabilidade do projecto mas também de que modo se pode reaver o investimento realizado – a utilização dos fundos públicos em investimentos, que nem sempre são claros para a população, levantam problemas de compreensão e essencialidade; também os investidores que vêem facilmente o retorno dos seus investimentos nas actividades económicas têm dificuldade em identificar os benefícios directos dos investimentos nas actividades culturais. No entanto, no Relatório Oficial do Guggenheim de 2004 afirma-se que os 126 milhões de euros investidos pela Fazenda Pública tiveram a sua recuperação em seis anos: Beatriz Plaza cautelosamente sugere que tal afirmação precisa de ser comprovada e por isso faz uma análise da veracidade da afirmação segundo uma correlação entre a inclusão ou não da colecção permanente.

Segundo a autora, na realidade, o investimento começaria a ter retorno em 2006, uma vez que o relatório do Guggenheim incorre num erro ao não considerar os *deficits* operacionais que são

suportados pela Fazenda Pública, bem como os investimentos contínuos necessários ao aumento da colecção permanente. Assim, o investimento global foi de 158 milhões de euros (desde o projecto, licenciamentos e colecção) e em menos de uma década conseguiu-se recuperar o investimento.

Um outro estudo mais recente, de Dezembro de 2011, também analisa não só o impacto económico mas também os impactos sociais e culturais das actividades do Museu, *Study of the Economic Impact of the Activities of the Guggenheim Museum Bilbao – Estimation for 2011*. Quanto aos impactos económicos estimados indica-se que 311 milhões de euros são o resultado das actividades do Museu; contribuiu em 273,3 milhões de euros para o PIB, criou 5.885 empregos directos e gerou uma receita adicional de 42,5 milhões de euros em receitas fiscais, tendo em conta os impactos directos, indirectos e induzidos, para o País Basco.

Relativamente aos visitantes, 81,7% afirmam que a sua deslocação à cidade se deve à presença do Guggenheim e 83% que o factor determinante na sua decisão de visitar Bilbao se deve ao Museu.

Dos 311 milhões de euros gerados pela actividade, 27,9 milhões são despendidos dentro do museu, sendo que os 283,2 milhões gastos fora são essencialmente para no sector da hotelaria e restauração.

O estudo conclui que o Guggenheim Museu de Bilbao é importante a nível económico para a cidade de Bilbao em três pontos:

- a) Efeito transformador – a força motriz do Museu, uma vez que revitalizou uma área fundamental da cidade com a sua arquitectura e arte; é um ícone da cidade que iniciou a renovação urbana da cidade com a criação de edifícios únicos e projectados por arquitectos de renome; o apoio incondicional das autoridades políticas, da arte e da cultura tornou possível o desenvolvimento económico da cidade e a sua revitalização.
- b) Poder de atracção – o Museu, desde a sua inauguração em 1997, tem consolidado a sua posição como instituição capaz de atrair novos turistas e de desenvolver actividades que permitem atender a novas necessidades e desafios; em 2010 o Museu foi líder de visitantes fora de Madrid e Barcelona.
- c) Impacto internacional – a construção e a inauguração do Museu aumentou substancialmente a visibilidade da cidade na imprensa internacional, o que permitiu a sua inserção numa rede mundial ligada à vanguarda e inovação das cidades.

Quanto aos impactos sociais, artísticos e culturais, o estudo releva que, em 2011, 130 000 Bascos visitaram pelo menos uma exposição (cerca de 6% da população total da região basca), cerca de 602 mil pessoas participaram em actividades educacionais e 13246 pessoas da educação especial fizeram oficinas no museu. A este nível, o Museu tem criado as acessibilidades necessárias para o envolvimento da população residente e não residente, gerando um valor acrescentado na arte da cidade.

---

<sup>6</sup> Para a concretização deste fim o Museu de Guggenheim passou a seguir a norma UNE 170,001-2, e foi o primeiro museu a obter tal certificação, que se traduz essencialmente pelo compromisso social da organização de direitos e oportunidades iguais para todas as pessoas independentemente das suas capacidades.

Ao aproximar a arte dos cidadãos, o Museu passou a funcionar como um meio de promoção da arte contemporânea possibilitando ao público em geral disfrutar de obras importantes de artistas contemporâneos. O Museu organiza com regularidade mostras com a sua própria colecção ou de outras obras que são acolhidas temporariamente.

Neste momento o Museu possui 124 obras de 70 artistas diferentes e de várias nacionalidades.

Mas um dos mais importantes impactos sociais do Museu foi a consciência que criou na população relativamente à potencialidade da arte no embelezamento e criação de valor da sua cidade, alterando-se por isso a paisagem urbana de Bilbao pela possibilidade que temos agora de ver pintores e escultores como Dalí, Chillida e Oteiza, bem como o surgimento de novas galerias e espaços de arte que abriram na cidade. A cidade passou a incorporar um Museu de ar livre com o aparecimento de mais de 20 obras de artistas de renome nas ruas.

Outro dos contributos relevantes do Museu é ao nível da educação. O serviço educativo do Museu tem realizado um trabalho com a população no sentido de ajudar a perceber e a interpretar a arte moderna e contemporânea garantindo para isso o acesso às exposições e exercendo uma influência sobre a cena artística do País Basco.

Mas a participação do Guggenheim no cenário da arte basca vai para além da compra de obras dos artistas – o Museu possui 33 obras de 23 artistas que vivem ou trabalham na região Basca –, a colaboração que estabeleceu com a Faculdade de Belas Artes da Universidade do país basco é um marco para a ligação do Museu com a comunidade que o rodeia.

Para se ter uma ideia quantitativa desta ligação, em 2011, 604 014 pessoas participaram em pelo menos uma das iniciativas educacionais propostas pelo Museu; e 32 578 alunos (9,8% de todos os alunos matriculados no País Basco) participaram num dos programas didácticos organizado pelo Guggenheim.

No campo da acessibilidade para todos os sectores da comunidade, há também que realçar o trabalho com pessoas com deficiência, idosos, crianças e grupos de que de algum modo se encontram excluídos da sociedade.

Quanto ao modelo de gestão, público/privado, foi considerado um exemplo para outras instituições culturais e centros de arte do País Basco e a nível internacional. Cerca de 45% das instituições culturais e museus passaram a ser geridas por privados e 34% funcionam como Associações.

Um outro aspecto do trabalho do museu é o impacto ambiental, que tem reduzido quer a sua produção de resíduos, quer o consumo de água. Entre 2006 e 2011, o Museu reduziu o consumo de água em 14,7%, do gás natural em 9% e a energia eléctrica em 6,75%, fazendo ao mesmo tempo uma recolha selectiva de resíduos e a criação de uma área de armazenamento especial para resíduos perigosos, que se conseguiram reduzir em 40% em 5 anos (2006-2011). Para se atingirem estes objectivos houve uma formação especial para os funcionários de modo a sensibilizá-los e a sensibilizarem os visitantes.

Dos três estudos apresentados concluímos que os impactos de ordem económica, social e cultural se revelam principalmente na importância:

- a) Dos edifícios, dos eventos e das suas programações para o turismo, a restauração, a hotelaria e o comércio, e conseqüente reflexão no PIB.
- b) Da envôlvência das populações para a formação de novos públicos, bem como a componente de serviços educativos como factor democratizante da arte e da cultura e do desenvolvimento das actividades artísticas e culturais, mas, ao mesmo tempo, são os meios de legitimação do investimento por parte dos investidores e políticos;
- c) Da arte e da cultura onde encontram locais com capacidades logísticas e técnicas para o aprofundamento da sua actividade, divulgação e fruição.

Da síntese realizada aos estudos, percebe-se claramente a tónica dominante nos impactos económicos associados ao turismo, com especial valor para a restauração, hotelaria e comércio, mas também a questão da empregabilidade como factor de impulso da economia. A este propósito o relatório de Serralves salienta que comparando “(...) o impacto económico de Serralves com o impacto económico do Museu Guggenheim de Bilbao, constatamos que, por visitante, o impacto no PIB é ligeiramente inferior a metade e que o impacto no emprego em termos relativos é maior do que o impacto no PIB, acontecendo o mesmo com o efeito sobre as receitas fiscais. Por visitante, o efeito no emprego e o efeito nas receitas fiscais em Serralves é respectivamente 66% e 82% do efeito gerado pelo Museu Guggenheim de Bilbao.” (Serralves, 2013) E observa-se ainda “(...) que os valores do impacto económico de Serralves por visitante se situam no intervalo de valores estimados, quer no que diz respeito ao impacto no PIB, quer no que diz respeito ao impacto no emprego. A estimativa do impacto na receita fiscal é superior aos valores dos museus analisados, mas é inferior ao valor estimado para o Museu Guggenheim.” (Serralves, 2013, p. 32)

Já relativamente à Capital Europeia da Cultura – Guimarães 2012, é a parte da cidadania que importa realçar na expectativa de perceber se a análise realizada pela Capital Europeia da Cultura tem aspectos coincidentes com a programação acolhida ou realizada pelo CCC. Mas sobre esta questão é importante retirar do relatório de Guimarães 2012 as percepções relativas às diversas Capitais Europeias da Cultura, tais como Bruxelas 2000, Lille 2004, Cork 2005 ou Liverpool 2008, que são bons exemplos da participação da população nas programações; no entanto, há que ressaltar que só os resultados de curto prazo podem ser analisados comparativamente pela natureza da actividade realizada, porque qualquer outra tentativa de correlacionar o efeito nas comunidades a médio e longo prazo pode dar origem a dados enganadores pelas características intrínsecas das populações e das cidades.

## **V – Caldas da Rainha Cidade de Cultura**

### **1 – Enquadramento da cidade na região**

A cidade de Caldas da Rainha inserida na Região Oeste de Portugal<sup>7</sup> caracterizou-se desde sempre como uma cidade termal e de cerâmica.

A sua principal componente turística, se assim se pode dizer, foi o Hospital Termal que durante séculos trouxe à cidade um conjunto de pessoas, das mais variadas classes sociais, que aí tratavam

---

<sup>7</sup> A região é constituída por: Nazaré, Alcobaça, Óbidos, Bombarral, Peniche, Cadaval, Lourinhã, Torres Vedras, Alenquer, Sobral de Monte Agraço e Arruda dos Vinhos

das maleitas ao mesmo tempo que usufruíam dos bons ares da cidade e arredores com o seu Parque e o mar.

A região, segundo a análise da Comissão de Coordenação da Região de Lisboa e Vale do Tejo em 2004, sofria de atrasos estruturais ao nível da urbanização, industrialização e infra-estruturas básicas, mas, ao mesmo tempo, possuía dinâmicas de mudança bastante acentuadas apesar da sua proximidade com Lisboa<sup>8</sup>, cidade que concentra consideráveis recursos estratégicos nacionais para a inovação e desenvolvimento. Dessa análise sobressaíram outros problemas como: o envelhecimento da população, fraco poder de compra (em relação à média nacional) e qualificação dos recursos humanos (baixa taxa de escolaridade, insuficiência de quadros técnicos e de mão de obra qualificada), e uma estrutura produtiva diversificada mas com fortes traços rurais o que restringe a sua internacionalização. As cidades de média dimensão, algumas especializadas em determinados produtos como seja a pera rocha, a cerâmica ou os eventos ligados ao mar – Peniche e Nazaré –, têm fortes identidades locais, muito enraizada nas tradições, e uma boa qualidade de vida proporcionada pelo ambiente natural.

Uma outra característica da Região, para além da territorial e económica, é a sua multiculturalidade – ponto positivo na avaliação da região – que propicia dinâmicas sociais e diversidade organizacional dos cidadãos na vida social: associações culturais e desportivas, associações sem fins lucrativos, cooperativas, etc.

A região Oeste, segundo os Censos de 2011, tem uma população de 362 540 habitantes, uma população activa de 51,75%, uma taxa de desemprego de 12,34% e de analfabetismo de 6,09%. É neste contexto regional que se insere Caldas da Rainha, uma cidade de pequena dimensão: o concelho tem 51 729 habitantes, com uma população activa de 50,64%, uma taxa de desemprego de 14,12%, e de analfabetismo de 5,57%.

## **2 – Caldas da Rainha – cidade**

Poucas serão as cidades que têm a sua história tão documentada quanto as Caldas da Rainha.

Nascida a partir da vontade da Rainha D. Leonor (1458-1525) que ali mandou construir um Hospital – das Caldas / da Rainha / Termal das Caldas da Rainha – para assistência a doentes de fracas possibilidades económicas, passando a ser o edifício um elemento decisivo no desenvolvimento populacional, económico, social, cultural, do *lugar* que passou a vila no séc. XVI e, no início do séc. XX, a cidade.

Desde a sua fundação que Caldas da Rainha foi lugar de acolhimento de artistas e artesãos. A Rainha D. Leonor foi sem dúvida patrona e grande impulsionadora da vinda de artistas para as *Caldas* onde se inclui Gil Vicente (c.1465-c.1536?) – “pai” do Teatro português que a pedido da Rainha e por ocasião da Procissão de Corpus Christi em 1504 escreve o *Auto de São Martinho*, apresentando-o no interior da Igreja Nossa Senhora do Pópulo – e também os pintores Cristóvão de Figueiredo (?-c.1543) e Diogo Teixeira (1540-1612), o primeiro supõe-se que terá realizado o tríptico

---

<sup>8</sup> Uma das razões pelas quais se processa a mudança de Caldas da Rainha para a Comissão de Coordenação da Região Centro, no Quadro Comunitário IV – 2007/13, deve-se ao facto de Lisboa enviesar as necessidades para a região.

que se encontra na Igreja Nossa Senhora do Pópulo e o segundo fez a decoração da Ermida do Espírito Santo.

A tradição criada pela obra de Josefa d'Óbidos (1630-1684) no século XVII gerou na zona pintores famosos, autores de obras importantes nas igrejas do distrito de Leiria. No Hospital Rainha D. Leonor existem vinte e oito telas que retratam os Reis de Portugal, sendo dezoito delas da autoria do Pintor Belchior de Matos (1595-1628) e as restantes de autores desconhecidos.

Nos finais do século XIX, José Malhoa (1855-1933), pintor famoso, pioneiro do naturalismo português, e que fez parte do Grupo do Leão, destaca-se também por ser um dos artistas portugueses que mais se aproximou da corrente impressionista.

No decorrer do século XX, contamos com a presença de 3 escultores reconhecidos em termos nacionais: Leopoldo de Almeida (1898-1975), João Fragoso (1913-2000) e António Duarte (1912-1998). A Câmara Municipal de Caldas da Rainha, atendendo a que o espólio de António Duarte e o de João Fragoso lhe tinham sido doados, decidiu edificar os Ateliers-Museu no Centro de Artes de Caldas da Rainha e o Museu Barata Feyo.

A cerâmica que desde muito cedo surge na vila de Caldas conhece no século XVIII um forte incremento com um número significativo de oleiros que fabricam não só para a vila mas também para outros centros.

A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha é criada em 1884, constituída como sociedade anónima, e dirigida por Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905). A originalidade das peças criadas por Bordalo Pinheiro, formas, elementos e estilo decorativo, é reconhecida pelas elites o que cria a diversificação dos mercados de venda dos produtos e a sua divulgação à escala nacional e internacional.

Nas artes temos ainda a destacar o *Clube das Caldas* – situado em frente ao Hospital Rainha D. Leonor e que dava acesso ao Parque –, que em meados do século XIX é o local mais importante da vila onde os sócios e as suas famílias se reúnem para partilhar leituras, jogos, concertos e bailes, mantendo-se até meados do século XX. Em 1974, passa a ser a Casa da Cultura das Caldas da Rainha, que funcionou até 1990 – muito em articulação com o Hospital – como um centro cultural, promovendo exposições, concertos de música clássica e contemporânea, teatro, uma escola de dança, etc. É de salientar a criação do grupo Cénico Caldense que funcionou antes de 1974, na Travessa da Electricidade, e do qual saíram elementos que deram mais tarde origem à companhia de teatro profissional Teatro da Rainha, que esteve em actividade na Casa da Cultura até finais de 1989. Caldas da Rainha, cidade termal e cultural, sempre gravitou à volta do seu Hospital Termal daí a perspectiva da criação de uma imagem de marca da cidade com base no termalismo.

É na viragem do século XX para o século XXI que a cidade começa a perder algumas das suas características identitárias: dá-se o encerramento da Casa da Cultura em 1990 e o Cinema Pinheiro Chagas inicia um processo de recuperação que nunca será concluído, acabando por ser demolido. Entre 1990 e 2005, a colectividade “Os Pimpões” passa a funcionar como a sala de espectáculos da cidade apesar de não reunir condições técnicas e logísticas para o acolhimento e criação de espectáculos que nesses anos circulam em Portugal.

### 3 – Equipamentos culturais na cidade

O concelho de Caldas da Rainha tem um conjunto de instituições, equipamentos culturais e arquitectónicos, de facto, relevante:

- a) Museu José Malhoa – neste momento é um museu regional – tem mostrado desde sempre abertura para colaborar com as diversas iniciativas da cidade;
- b) Museu da Cerâmica – onde se encontra o espólio do Rafael Bordalo Pinheiro – com um jardim fantástico e com possibilidades de utilização múltiplas;
- c) Museu do Hospital – espólio do Hospital Termal e da Rainha D. Leonor – Igreja Nossa Senhora do Pópulo e Hospital Termal, formam o conjunto arquitectónico e cultural mais interessante da cidade até porque associado a estes espaços está o Parque D. Carlos I e a Casa da Cultura, que apesar de estar em ruínas, com o Céu de Vidro com potencialidades para a realização de actividades diversas. De salientar que a ex-Lavandaria foi recuperada como sala de espectáculos pelo Teatro da Rainha que aí produziu e apresentou mais de 11 espectáculos em cinco anos;
- d) Museu do Ciclismo;
- e) Centro de Artes – Casa Museu António Duarte e José Fragoso, o espaço em que ocorre bianualmente o encontro internacional de escultura em pedra;
- f) Museu Leopoldo de Almeida – em fase final de construção;
- g) Biblioteca Municipal;
- h) Silos “Contentor Criativo” – Estudantes, Criativos Empreendedores e Empresa, projecto que procura fomentar a transdisciplinaridade cultural e criativa; lugar privilegiado de criação de produtos e serviços e encontro de potenciais clientes;
- i) “Os Pimpões”, sala polivalente, utilizada para a apresentação dos saraus de Dança da sua Escola Profissional, mas também programações de um conjunto variado de outras áreas artísticas como seja teatro e música;
- j) Centro da Juventude – Casa das Artes – é um espaço dedicado à apresentação e realização de diversas actividades artísticas para o público entre os 4 e os 18 anos. Bandas de Garagem, Centro de Dança e Música e Teatro. É neste espaço que está instalada a TV Caldas, cuja principal acção é a divulgação da actividade artístico-cultural da cidade, ao mesmo tempo que promove parcerias com comerciantes e associações criando um meio de difusão eficaz e dinâmico com recurso às novas tecnologias.
- k) A sala-estúdio do Teatro da Rainha, instalada na antiga UAL, uma “*black-box*” destinada sobretudo a espectáculos de teatro, de poesia e de música de pequeno formato.
- l) O Centro Cultural e de Congressos, com uma das salas mais bem equipadas do país, e que é composto por um grande e um pequeno auditório, uma sala de exposições, um café teatro, uma sala de ensaios e cinco salas para formação;
- m) Na Escola Secundária Rafael Bordalo Pinheiro, existe um auditório polivalente;

Para além destes equipamentos existe um outro conjunto de entidades na área da formação das artes que importa salientar: Cencal – Centro de Formação Profissional para a Indústria Cerâmica,

ETEO – Escola Técnica Empresarial do Oeste, com o curso profissional de animação cultural, ESAD – Escola Superior de Artes e Design, com as licenciaturas de teatro, artes plásticas, cerâmica, multimédia, som e imagem e os mestrados em teatro, artes plásticas e gestão cultural, e o Conservatório de Música de Caldas da Rainha, com formação articulada e supletiva na música clássica, jazz e contemporânea.

## **2ª PARTE**

## **I – Caso de Estudo – Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha**

Neste capítulo afigurar-se pertinente fazer uma breve resenha da “história” do surgimento do Centro Cultural e de Congressos nas Caldas da Rainha, no que concerne ao Programa Operacional que lhe deu corpo, as premissas que estavam subjacentes à sua construção e a programação a desenvolver enquanto equipamento de interesse Intermunicipal.

### **1 – Estratégia Territorial da Região de Lisboa e Vale do Tejo – Quadro comunitário de apoio 2000-2006**

As directivas emanadas da União Europeia para o Quadro Comunitário de Apoio III (2000-2006) tinham como requisito primordial na atribuição dos fundos aos Estados-membros duas vertentes fundamentais tidas como problemáticas:

- 1) a existência de diferenças e assimetrias importantes nas condições de vida dos vários países e regiões europeias;
- 2) a dimensão do desemprego na maioria dos seus Estados-membros.

As negociações entre o Estado Português e a Comunidade Europeia visaram neste contexto, sobretudo, conciliar os Programas de Desenvolvimento Regional Nacional e a Estratégia de Política Regional da Comunidade (de acordo com a repartição dos fundos disponíveis para os Estados Membros), tendo o governo português concebido para o efeito três linhas orientadores, também elas consideradas prioritárias no quadro estratégico nacional, que se consubstanciaram em:

**a) Potencial humano:** A prioridade à valorização do potencial humano resulta da constatação de que os baixos níveis de produtividade constituem um ponto fraco da economia portuguesa. Com efeito, os progressos da convergência com a Europa, [...] assinaláveis em vários domínios, revelaram-se ainda muito insuficientes no que respeita à qualificação das pessoas e aos resultados obtidos em termos de produtividade.

**b) Actividade produtiva:** Pretende-se que sejam atingidos acréscimos da competitividade através do apoio às estratégias empresariais e pela consideração de outros factores decisivos, como sejam o progresso científico, a inovação tecnológica e o reforço dos serviços avançados às empresas. Ao mesmo tempo, prevêem-se intervenções de apoio à agricultura e desenvolvimento rural, e às pescas.

**c) Estruturação do território:** A consideração do território, como elemento de coesão do todo nacional e de integração de Portugal na economia global e europeia, determina, por sua vez, as grandes orientações quanto à construção de infraestruturas compatíveis com a preservação do ambiente e quanto ao apoio ao desenvolvimento das próprias regiões portuguesas, na perspectiva da correcção dos principais desequilíbrios e assimetrias regionais.” (CCDRLVT)

São assim definidos por Portugal quatro Eixos prioritários para sectores e regiões que procuravam superar o atraso estrutural que mantinham em relação aos Estados-membros mais desenvolvidos da União Europeia.

- Eixo 1 – “Elevar o Nível de Qualificação dos Portugueses, e a Promoção do Emprego e da Coesão Social;
- Eixo 2 – Alterar o perfil produtivo em direcção às actividades do futuro, promover a competitividade e estimular a inovação;
- Eixo 3 – Afiramar a Valia do Território e da Posição Geoeconómica do País;
- Eixo 4 – Promover o Desenvolvimento Sustentável das Regiões e a Coesão Social.” (CCDRLVT)

É a partir destes Eixos Prioritários do QCA III, repartidos em 19 Programas Operacionais, que surge o Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo (PORLVT), previsto no Eixo 4 do QCA III. O Eixo 4 tinha ainda como alicerce a Estratégia de Desenvolvimento Territorial da Região de Lisboa e Vale do Tejo, que se centrava na criação de uma “região euro-atlântica de excelência, singular e competitiva no sistema das regiões europeias, num território de elevada qualidade ambiental e patrimonial”. (Petersen, 2010)

O Programa Operacional da Região de Lisboa e Vale do Tejo foi subdividido em três eixos: Eixo 1 – Apoio a Investimentos de Interesse Municipal e Intermunicipal; Eixo 2 – Acções Integradas de Base Territorial; Eixo 3 – Intervenções da Administração Central Regionalmente Desconcertadas.

Numa caracterização sumária da Região Oeste, área correspondente ao local da edificação do Complexo Multiusos – Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha, percebe-se a adequação dos eixos propostos e, relativamente ao CCC que teve cabimentação no Eixo 1 – apoio a Investimentos de Interesse Municipal e Intermunicipal –, também se compreende a proposta de envolvimento e das relações culturais e sociais que inter-regionalmente se propõe que sejam materializadas.

### **1.1 – Caracterização sumária do Oeste**

O Oeste, segundo a caracterização feita pelo PORLVT no Relatório Intercalar de 2004, apresentava os seguintes problemas estruturais: processos difusos de urbanização e industrialização a par da agricultura e da pecuária, com agricultores a tempo parcial e explorações fragmentadas e de pequena dimensão; cidades de pequena dimensão, com algumas zonas de especialização produtiva; défice de infra-estruturas básicas;

A par disto temos uma região com:

- a) Intensificada endogeneidade das dinâmicas de mudança, apesar do território ser pouco articulado e absorvido por Lisboa, com uma crescente procura de segunda habitação;
- b) Um índice de envelhecimento da população superior ao da Região<sup>9</sup>;
- c) Fraco poder de compra em relação à média nacional;
- d) Fraca qualificação dos recursos humanos, baixa taxa de escolaridade e insuficiência de quadros técnicos e de mão-de-obra qualificada;
- e) Uma estrutura produtiva diversificada, com fortes traços rurais, pouco internacionalizada;

---

<sup>9</sup> A Região de Lisboa e Vale do Tejo integra: a área Metropolitana de Lisboa, a Península de Setúbal, Lezíria do Tejo e o Oeste.

f) Fortes identidades locais, tradições culturais e qualidade de vida, mas a necessitar de maior organização e afirmação;

É, no entanto, considerada uma região com potencialidades quanto à sua diversidade produtiva e com uma forte potencialidade agrícola e turística, precisando no entanto de modernizar-se e de se adaptar às novas formas de organização do mercado e da inovação nos processos de produção a par de uma qualificação da população.

É neste contexto de potencialidades e de *deficits* estruturais da região que um equipamento desta natureza pode fazer a diferença pelas sinergias culturais, sociais e económicas que cria entre os territórios da região.

## **1.2 – Análise SWOT das Caldas da Rainha**

Da leitura da documentação constante no processo de candidatura ao programa do PORLVT, percebe-se que a construção do Complexo Multiusos em Caldas da Rainha, (apesar de no Oeste ser a cidade melhor posicionada com base no seu historial cultural e artístico, já referido anteriormente), assenta fundamentalmente na necessidade da criação de um ambiente residencial atractivo para viver e trabalhar, revelando-se como um equipamento capaz de contribuir para a formação de novas centralidades e para a qualificação e competitividade das cidades de média dimensão.

Numa análise *swot* sumária (retirando sobretudo os pontos que no contexto desta dissertação são mais relevantes) pode dizer-se que, relativamente às potencialidades, a cidade tem boas acessibilidades aos principais eixos viários; é um centro de serviços de influência regional; é um centro educativo qualificado ao nível do ensino secundário e superior bem como oferece formação superior especializada ao nível das artes; tem elevado número de estudantes; um património cultural, natural e ambiental relevante; uma vida cultural activa; dinamismo económico; um sector comercial dinâmico com área de influência regional; tradição na cerâmica decorativa e utilitária; uma imagem de marca da cidade ligada ao termalismo <sup>10</sup>.

Quanto às debilidades, foram consideradas questões como: a gestão deficiente dos equipamentos desportivos, o que não permite a rentabilização para a prática desportiva; ausência de equipamentos culturais e de espectáculos ligados ao teatro, música, bailado, cinema e ópera; descoordenação da oferta cultural pública e privada, falta de animação nocturna; fraca participação em movimentos cívicos.

As oportunidades em Caldas da Rainha ligam-se ao facto da cidade estar integrada numa zona de elevado potencial turístico, cultural e religioso (Nazaré, Peniche, Óbidos, Alcobaça, Batalha e Fátima); existência de uma estância termal de referência que propiciará a reanimação da actividade termal e conseqüentemente um aumento dos fluxos de turismo cultural, ambiental e gastronómico; fluxo de públicos ligados às realizações de seminários, congressos e outros eventos culturais e científicos e também o aumento de deslocações associadas aos fins-de-semana.

---

<sup>10</sup> Como se trata de um documento de 2004, percebe-se a enumeração destas potencialidades. Não quer dizer que não existam mas, em 2014, das fábricas de cerâmica sobrevivem as Faianças Artísticas Bordallo Pinheiro – porque teve interferência da autarquia na sua continuidade e do Grupo Visabeira que a comprou –, o comércio de madeiras – nomeadamente uma das estâncias mais antigas da região (1965) Alberto Hortas encerrou – o Hospital Termal está encerrado há mais de cinco anos e deixou de ser a imagem de marca da cidade.

Na candidatura ao PORLVT, e para justificação da construção do edifício, podem ainda retirar-se informações relativas ao “Impacto na estrutura de desenvolvimento da região”, que consistem na:

- 1) “Protecção, valorização e promoção da componente ambiental da cidade à qual está associada ao Hospital Termal;
- 2) Requalificação urbanística e funcional do centro histórico e das zonas envolventes;
- 3) Melhoria da mobilidade interna e externa e criação de uma rede de estacionamento públicos;
- 4) Qualificação dos espaços públicos, privilegiando o uso pedonal do centro urbano;
- 5) Criação de produtos que aproveitem o património cultural, histórico e industrial e a capacidade de inovação da economia local;
- 6) Estímulo a iniciativas de investimento público e privado, conducentes à criação de emprego e à coesão social;
- 7) Valorização do património ambiental e cultural como factor de criação de riqueza e de promoção social” (Câmara Municipal de Caldas da Rainha – Departamento de Obras).

No “Enquadramento do Investimento na estratégia da região”, em que se ponderava a “Adequação do investimento ao plano estratégico da região de Lisboa, Oeste e Vale do Tejo num horizonte de 2000 – 2010” são de salientar os investimentos a realizar no âmbito municipal e intermunicipal, como meio de qualificar e estruturar o território através da criação de uma rede de transportes e acessibilidades, preservação do meio ambiente, construção de equipamentos urbanos, para apoio à população no âmbito do ensino, da cultura, do lazer e do desporto, valorização do património histórico/arquitectónico construído, qualificação urbana e espaços exteriores.

Neste contexto, o Oeste tem a oportunidade de reforçar a sua integração no conjunto do espaço nacional funcionando como uma rede de cidades, desenvolvendo a sua centralidade mediante a criação de uma estrutura de serviços ligada ao turismo cultural, aos circuitos turísticos, à gastronomia do mar, à procura de recreio e lazer por parte da população residente e da área metropolitana de Lisboa, ao mesmo tempo que a criação de novas dimensões na acessibilidade da informação na área cultural, valorizando o conhecimento da cultura e das identidades, podem ajudar a qualificar as pessoas e reforçar os laços de proximidade, possibilitando retirar da condição periférica a região Oeste.

## **2 - O Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha**

O Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha – CCC, como ficou exposto atrás na descrição dos critérios e objectivos da medida 1.5 do Eixo 1 do PORLVT e na Missão & Valores (já enunciado no capítulo relativo ao objecto do estudo), tinha como princípio orientador a criação de uma rede regional ligada à criação artística e cultural como meio de difusão/democratização da cultura para as populações da região Oeste, do país e do mundo, não esquecendo, no entanto, a vertente comercial em que a utilização do espaço por parte das empresas, instituições bancárias, partidos políticos, etc., se teria que adequar à publicitação dos seus produtos.

A tipologia do edifício teria assim que dar corpo a estas duas vertentes, cultural e comercial, sendo por isso projectado com um auditório com 600 lugares, (1ª e 2ª plateia, balcão, camarotes e

fosso de orquestra); um pequeno auditório com 150 lugares; uma sala de exposições; cinco salas de formação; uma sala de ensaios que reproduz a dimensão da caixa de cena do grande auditório; um café teatro/restaurante; um *foyer* (bilheteira, mas também espaço expositivo ou de realizações artísticas de pequeno formato, nomeadamente na área da música); e, por último, um parque de estacionamento de 350 lugares. Pela sua dimensão e condições técnico-logísticas é considerado pelo sector artístico como um dos edifícios com condições únicas para o acolhimento do que de mais sofisticado se pode produzir ao nível da criação do espectáculo ao vivo (dança, teatro e música).

Uma outra condição para o bom funcionamento do equipamento e acolhimento dos eventos revelou-se na necessidade de dotar o edifício com uma equipa directiva, organizativa e executiva. Entre 2008 e 2012, a gestão e direcção foi da responsabilidade da Câmara Municipal e da ADIO – Associação para o Desenvolvimento Industrial do Oeste. Em 2012, com a criação da Associação Culturcaldas<sup>11</sup> a gestão e direcção do equipamento passa a ser efectuada por esta associação, tendo como “supervisora” a Vereadora do Pelouro da Cultura.

A Câmara Municipal é ainda responsável pela contratação do director geral – que tem como funções a definição da programação cultural e artística, que submete à apreciação da direcção, e a gestão do orçamento anual relativo ao edifício – e da empresa de segurança, bem como assegurar através dos serviços camarários um elemento da protecção civil e um engenheiro responsável pela direcção técnica do edifício.

Por fim, a equipa executiva da programação e manutenção do CCC compõe-se de diversas áreas: administrativa, produção/técnica, comunicação e frente casa. A área administrativa é formada por uma coordenadora que assume o planeamento, secretariado, congressos e *meeting*, uma responsável pela contabilidade e recursos humanos e uma empresa de contabilidade. A área da produção é técnica constitui-se por uma produtora para as artes do espectáculo, cinema, edições e *backoffice*, um técnico de vídeo/TV CCC e projeccionista, um coordenador do departamento técnico, uma técnica de luminotécnica, um técnico de som, um técnico de palco e projeccionista. A comunicação, *marketing*, economato, *site*, *facebook* e distribuição de publicidade, está a cargo de uma única pessoa, enquanto o *design* e imagem são realizados por um estagiário – estágio profissional – normalmente da ESAD, em regime de rotação. Para a gestão do *site* foi contratada uma empresa externa. A frente casa tem uma coordenadora em *part-time*, o posto de informação e bilheteira tem duas funcionárias (uma das funcionárias está em regime de *part-time* para venda de bilhetes que antecede os espectáculos) e a higiene e limpeza duas pessoas.

O regime de contratações dos trabalhadores envolvidos será desenvolvido na análise do inquérito aos funcionários.

Para uma melhor percepção dos modos de uso do equipamento fizemos um levantamento da programação cultural e comercial do ano de 2013, que consta no Relatório de Actividades e Contas 2008-2013.

---

<sup>11</sup> A Culturcaldas tem como presidente da direcção o Presidente da Junta de Freguesia Nossa Senhora do Pópulo, o Vice-presidente da Direcção corresponde ao Presidente da ACCRO e o Tesoureiro é assumido pelo Presidente da Junta de Freguesia de Santo Onofre.

Analisando a programação do ano de 2013, verifica-se especial pendor para a programação de espectáculos de música, nacionais e internacionais, e o bailado, em especial nas produções de grande dimensão que surgem na época natalícia. A programação destas áreas é normalmente realizada em rede, com as cidades de Figueira da Foz, Lisboa, Porto, Coimbra, etc., e assenta sobretudo na aquisição dos serviços às produtoras UGURU e Produtores Associados para a área da música e à Classic Stage na área da dança.

É também na área da música que surgem as residências artísticas, com músicos/compositores que utilizam os espaços do CCC para gravações de CD, vídeo clips, espectáculos, etc.

Foi também em 2013 que surgiu o Festival de Jazz.

O teatro e o cinema são duas áreas que surgem na programação pontualmente, isto é, áreas não prioritárias para a persecução dos fins enunciados para o edifício. O teatro é sobretudo dirigido para o público infanto-juvenil e a programação do cinema assenta principalmente no “cinema de autor”, tendo o ano de 2013 sido dedicado aos realizadores brasileiros. As exposições, outra área sem grande investimento por parte do CCC, ocorrem entre o *foyer* e a galeria. No ano de 2013, duas mostras estiveram ligadas às escolas: “Modos de ver” pela Escola Técnica e Empresarial do Oeste e “O Corpo Expedicionário Português na Grande Guerra: O Batalhão de Infantaria 5 na Batalha de Lys”, pela Escola de Sargentos do Exército; duas exposições de fotografia: “Lagoa de Óbidos – Um olhar” por Vasco Trancoso, “Comércio Tradicional” por Carlos Barroso e, por último, Sérgio Godinho e as 40 ilustrações, exposição relativa aos 40 anos de carreira do cantor que se traduziu no convite a 40 ilustradores para “iluminarem” 40 das suas melodias.

Relativamente ao Serviço Educativo, apesar de constarem 28 realizações no relatório, não se consegue perceber qual a programação que alicerça essa vertente. Entendemos por este serviço – área fundamental num equipamento desta natureza – a prática de formas de mediação e animação dos objectos programados com a missão de que sejam o elo de ligação da comunidade escolar, associações, população, etc., a essas realizações, transcendendo-se assim a experiência apenas centrada no momento do espectáculo que assim é alargada e aprofundada, além da criação artística virada em sim para propósitos educativos, de formação de públicos, isto é, um programa próprio que deverá estar alicerçado na programação geral, mas não obrigatoriamente cingir-se a tal. Por outro lado, seria necessário considerar uma equipa própria para esta função. Percebe-se que em anos anteriores houve a tentativa de criar o serviço através dos programas ocupacionais de férias, mas no ano de 2013 o que acontece é unicamente o contacto com escolas no sentido de passar a informação sobre os espectáculos a decorrer.

As outras actividades: conferências, lançamento de livros, programações de rua na cidade e na praça exterior ao CCC, residência de pintores na época estival, etc., preenchem a restante programação cultural do edifício.

A nível comercial, como já se disse, o espaço é também um centro de negócios, os congressos e eventos de instituições bancárias, seguradores, empresas e partidos políticos representam a outra parte do uso do equipamento, assim como os alugueres de salas para a formação ou para outras actividades como sejam aulas de ioga e tai-chi. O café teatro/restaurante foi também concessionado a um dos restaurantes da cidade representando por isso uma mais-valia financeira.

Expostos os objectivos da construção do equipamento e a análise da programação do CCC em 2013, passaremos ao estudo dos impactos culturais, sociais e económicos.

### **3 – Impactos culturais, sociais e económicos – análise dos inquéritos**

Os impactos (a definição de impacto encontra-se no capítulo II – Impactos culturais, sociais e económicos) correspondem a uma consequência ou efeito de uma acção, neste caso, referente ao estudo da programação cultural e artística do CCC enquanto sistema de interacção com a comunidade caldense, mas também com a população regional, nacional e internacional.

Para a realização da investigação, conforme consta da metodologia, foram realizados dois inquéritos (ao público e aos funcionários) e recorreremos também à observação do Relatório de contas e actividade 2008-2013 como complemento desta pesquisa.

Da amostra calculada, 100 pessoas a inquirir, foram recepcionados 99 inquéritos, sendo que 98 foram considerados válidos uma vez que um dos inquiridos deixou por responder mais de 50% do questionário. As perguntas e respostas foram inseridas no programa de SPSS e obtiveram-se os dados relativos à caracterização sociodemográfica do público e dos impactos culturais, sociais e económicos.

#### **3.1 – Caracterização sociodemográfica do público e dos funcionários do CCC**

O público do CCC caracteriza-se por na sua maioria ser do sexo feminino, ter entre os 31 e 45 anos, habilitações literárias de grau superior e estar na situação de empregado<sup>12</sup>. Relativamente às habilitações literárias saliente-se que, na faixa etária entre os 31-45 anos, o número de pessoas que tem o ensino superior (18 pessoas) e o ensino secundário são consideravelmente próximas (14 pessoas) sendo a faixa etária dos 46-64 a que possui maior número de pessoas com habilitações ao nível do ensino superior: 23 pessoas<sup>13</sup>.

É também de evidenciar que o sexo feminino é quem detém maior grau de escolaridade: 31,6%<sup>14</sup>.

O resultado da análise sobre a residência dos inquiridos diz-nos que o público vive a menos de 15 minutos do CCC, 57%<sup>15</sup>, sendo por isso maioritariamente da cidade, 49%, tal como nos indica o gráfico número 1.

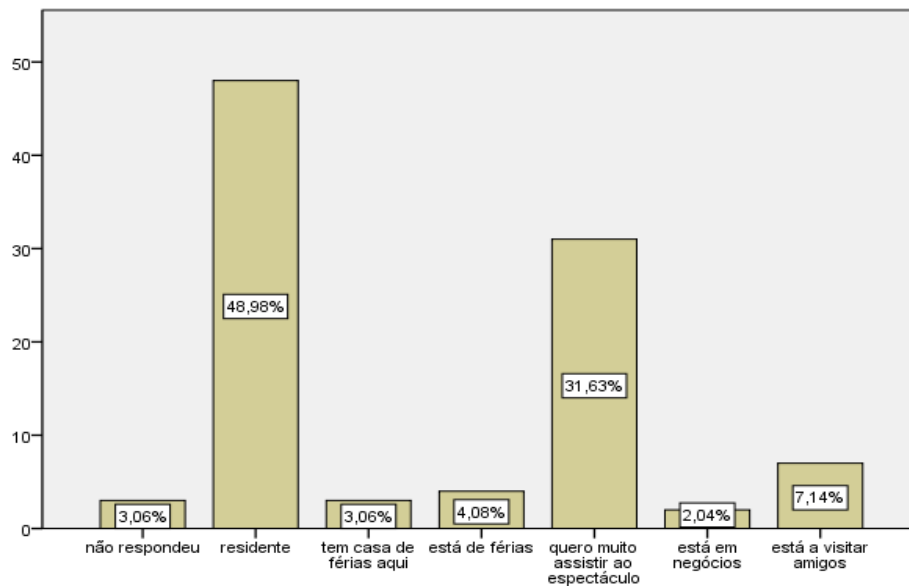
---

<sup>12</sup> Ver tabela nº 1, 4 e 5 do Anexo III

<sup>13</sup> Ver tabela nº 7 do Anexo III

<sup>14</sup> Ver tabela nº 8 do Anexo III

<sup>15</sup> Ver tabela nº 2 do Anexo III

**Gráfico 1 – Qual destas situações descreve como principal razão para estar no CCC**

Podemos neste caso afirmar que os espectadores e fruidores do CCC são da cidade – não se verifica a incidência do equipamento em termos regionais conforme previsto no PORLVT, que considerou o equipamento de interesse municipal no sentido da criação de redes culturais entre as diversas cidades da região, do país e internacionalmente, caminhando para a concretização da região Euro-Atlântica. Esses espectadores são sobretudo das classes sociais mais instruídas: 53% tem formação superior e 31,6% o ensino secundário<sup>16</sup>.

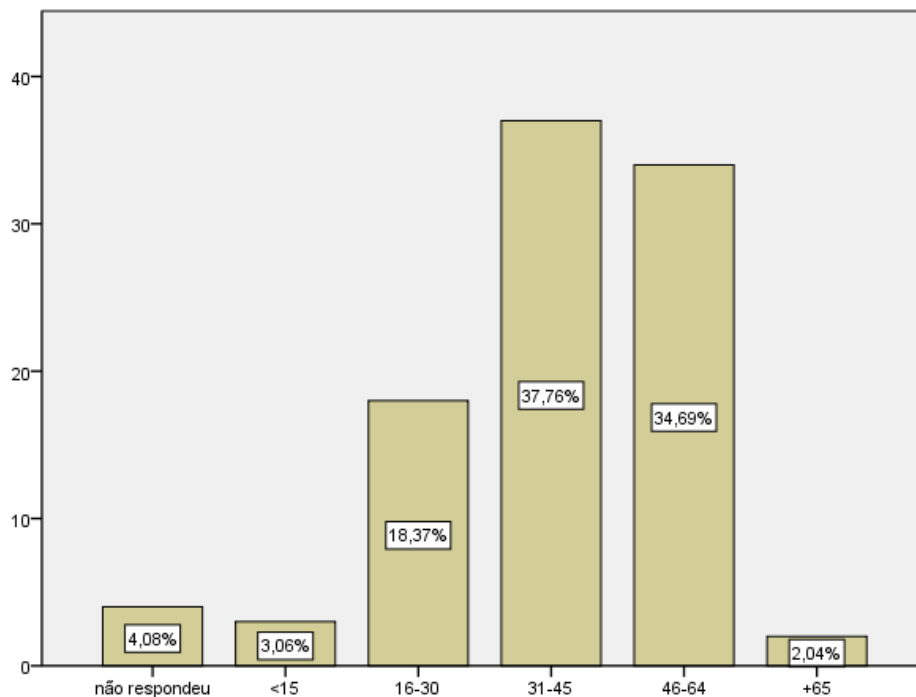
Cruzando o dado das habilitações literárias com a profissão verifica-se que as áreas profissionais, para quem tem formação superior, são sobretudo exercidas na educação ou as artes e que no caso dos espectadores com formação secundária as suas funções são no comércio ou serviços diversos. No cômputo geral dos inquiridos, a maioria do público exerce funções na área da educação seguindo-se as artes e por fim os serviços diversos – comércio, escritórios, etc.<sup>17</sup>

O estudo dos dados sociodemográficos ainda nos assinala um outro dado relevante na faixa etária entre os 16 e 30 anos, em que dos 98 inquiridos só 18 pertenciam a esse escalão, como está indicado no gráfico 2.

<sup>16</sup> Ver tabela nº 5 do Anexo III

<sup>17</sup> Ver tabela nº 9 do Anexo III

Gráfico 2 – Idade



Depreende-se que a sua atenção não esteja a ser captada pela programação do CCC, conforme o previsto nos objectivos da sua Missão: “Temos como intuito, aproximar o público que ao longo dos anos se têm afastado das Artes, pelas diversas razões. Propondo uma multiplicidade Cultural que tenta abranger todas as idades, gostos e quadrantes sociais.”<sup>18</sup> (Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.)

Os dados sociodemográficos relativos aos funcionários extraídos do inquérito revela-nos que dos 10 funcionários do quadro do CCC, homens e mulheres estão na mesma proporção, 50% para cada lado, têm a área de estudo ligada as artes, 50%, habilitações literárias ao nível do ensino superior, 60%, e situam-se no escalão etário entre os 26 e 30 anos 50% dos funcionários.<sup>19</sup>

Vivem sobretudo na Freguesia de Nossa Senhora do Pópulo, 50%, em habitação arrendada, 50%<sup>20</sup>.

### 3.2 – Impactos culturais

A análise dos impactos culturais tinha como linha principal colocar os inquiridos perante dois conjuntos de perguntas que nos levassem a perceber as práticas culturais e qual o real impacto cultural e artístico da programação do CCC na cidade, mas também fora das fronteiras concelhias, regionais e nacionais. Assim, considerámos um primeiro conjunto de perguntas que nos deram a conhecer a sensibilidade do público para as actividades culturais e artísticas, nomeadamente questionando a sua participação em projectos de arte e cultura, 1) como caracterizavam o consumo cultural (uma necessidade, um prazer ou um luxo), 2) qual a disponibilidade para participar nas

<sup>18</sup> Transcrição *ipsis verbis*

<sup>19</sup> Ver tabela nº 1 e 2 do Anexo IV

<sup>20</sup> Ver tabela nº 4 do Anexo IV

actividades culturais programadas em conjunto com os criadores, 3) saber com que frequência se deslocavam ao CCC, e, por último – mesmo para os residentes a questão colocava-se – 4) se tinham por hábito visitar outros equipamentos culturais na cidade, designadamente o Museu José Malhoa, o Centro de Artes, o Parque D. Carlos I, a Fábrica Bordalo Pinheiro, o Hospital Termal e/ou outros.

No segundo conjunto colocámos questões dirigidas 1) à programação artística e cultural do CCC no que se refere à divulgação das artes do espectáculo e das artes plásticas, 2) no contributo para dar a conhecer a produção artística da cidade na região, no país e internacionalmente e, por fim, 3) de que modo a qualidade dos espectáculos e a actividade cultural e artística acolhida e produzida pelo CCC modificou a vida cultural da cidade criando uma nova alma/imagem.

O estudo dos dados relativos ao primeiro conjunto de perguntas revelou-se satisfatório quanto à participação do público em projectos culturais, 58,16%. O consumo cultural foi caracterizado como um prazer por 78,3% dos inquiridos e à participação nas actividades com criadores, 49% respondeu que gostaria de ter uma experiência a esse nível<sup>21</sup>.

Quanto à pergunta sobre se assiste a espectáculo/exposições frequentemente, raramente ou nunca, o resultado apurado indica que 54% se desloca com frequência aos espectáculos, no entanto à pergunta sobre se é frequentador do CCC, o resultado obtido é de raramente, ou seja 62,2% – a pergunta solicitava que o inquirido colocasse o nº de vezes por mês, tendo sido atribuído que entre 1 – 5 vezes correspondia a raramente. (Ver Tabela 1)

**Tabela 1 – Assiste a espectáculos/exposições | É frequentador do CCC**

		Frequência do CCC				Total
		NR	Frequentemente	Raramente	Quase	
Assiste a espectáculos e exposições	NR	0	2	2	3	7
		0,0%	28,6%	28,6%	42,9%	100,0%
		0,0%	11,1%	3,3%	16,7%	7,1%
	Frequentemente	1	13	33	6	53
		1,9%	24,5%	62,3%	11,3%	100,0%
		100,0%	72,2%	54,1%	33,3%	54,1%
	Quase nunca	0	1	0	4	5
		0,0%	20,0%	0,0%	80,0%	100,0%
		0,0%	5,6%	0,0%	22,2%	5,1%
	Raramente	0	2	26	5	33
		0,0%	6,1%	78,8%	15,2%	100,0%
		0,0%	11,1%	42,6%	27,8%	33,7%
Total	1	18	61	18	98	
	1,0%	18,4%	62,2%	18,4%	100,0%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

<sup>21</sup> Ver tabela nº 11, 12 e 13 do Anexo III

Aqui detecta-se alguma incongruência nas respostas do público entre a frequência com que se desloca ao CCC e o facto de assistir a espectáculos /exposições, o que nos leva directamente à análise de uma outra questão que se prende com “Qual o espectáculo/exposição a que se deslocou”. (A resposta a esta questão foi sobretudo a menção dos espectáculos/exposições programados durante o mês de Abril de 2014, mês em que a pesquisa foi realizada). A exposição de *Pintura Naturalista* foi a mais visitada pelos inquiridos com 22,4%, seguiu-se o concerto do grupo Resistência 18,4%, o teatro e a música diversa tiveram respectivamente 5,1% e a dança 3,1%. Há um outro resultado que nesta questão teremos que levar em linha de conta, são as não respostas que totalizaram 38,8% dos inquiridos<sup>22</sup>. Relacionando o resultado das não respostas ao espectáculo que assistiu com o situação de ser frequentador do CCC, teremos um valor que aponta para que raramente os inquiridos se deslocam aos eventos programados.

Sobre as visitas a outros locais culturais e turísticos da cidade, 12,4% dos respondentes visitaram todos os locais indicados no questionário, 8,1% visitaram o Parque D. Carlos I e 5% visitou o Parque e o Hospital Termal. Nesta pergunta apesar de não haver indicação a quem era dirigida a pergunta (residentes ou não residentes), pretendia-se saber de todos os inquiridos como usufruem dos equipamentos culturais da cidade, 59,1% das pessoas não responderam à questão<sup>23</sup>.

Prosseguindo o estudo com a análise do segundo conjunto de questões, obtiveram-se os seguintes resultados quanto à programação do CCC no que respeita ao contacto com as artes e novas formas de expressão artística: na divulgação das artes do espectáculo 49% dos inquiridos consideraram relevante e, na difusão das artes plásticas, 61,2% dos auscultados também reconheceram como relevante<sup>24</sup>.

Para se perceber até que ponto o CCC tem impacto cultural foi necessário inquirir o público sobre outras matérias intangíveis, nomeadamente a percepção que têm sobre o contacto entre criadores e residentes, a divulgação da produção artística e cultural dos criadores da cidade na região e fora dela e a qualidade dos espectáculos apresentados.

Destes três itens o público inquirido considerou que a relação entre criadores e residentes é relevante com 48%; sobre a divulgação da produção cultural e artística dos criadores da cidade 55% considera que sim, que o CCC faz essa divulgação, mas 33,7% não sabe qual a consequência do trabalho do CCC nessa área; quanto à qualidade dos espectáculos 49% considera-os como muito bons<sup>25</sup>.

Finalmente sobre a alteração da imagem da cidade a nível cultural e a criação de um local com “alma”, 51% das pessoas inquiridas considerou a alteração como relevante<sup>26</sup>.

Na definição dos impactos culturais e sociais chamamos à atenção para o facto de materiais intangíveis terem que ser avaliadas quantitativamente. Estes três últimos itens são sem dúvida os mais difíceis de concluir de modo definitivo e categórico sobre o real impacto cultural da programação e do edifício do CCC na cidade e na população, por isso mesmo sugerimos que há um outro

---

<sup>22</sup> Ver tabela nº 23 do Anexo III

<sup>23</sup> Ver tabela nº 16 do Anexo III

<sup>24</sup> Ver tabela nº 17 e 18 do Anexo III

<sup>25</sup> Ver tabela nº 20, 21 e 22 do Anexo III

<sup>26</sup> Ver tabela nº 19 do Anexo III

desenvolvimento desta dissertação que seria a análise por entrevista, também já mencionada na metodologia.

Há no entanto duas conclusões que podemos tirar, até com base em autores já citados como François Matarasso, Richard Florida ou Adorno.

A primeira conclusão é que o público do CCC, quer pela sua formação académica quer pela profissão que exerce, têm hábitos culturais próprios, não sendo neste caso notório a concretização do objectivo do CCC: **“(...) a promoção da cultura (...) que contribua para o enriquecimento do Ser Humano, quer em termos de conhecimento Contemporâneo, quer em termos de formação e instrução do indivíduo.”**<sup>27</sup>

Reforça esta conclusão o facto de, no cruzamento entre a formação académica, a profissão exercida e os eventos a que se deslocou, ter-se obtido que das 22 pessoas que visitaram a exposição *Pintura Naturalista* catorze têm formação superior, nove exercem funções na área das artes e quatro estão ligados à área da educação<sup>28</sup>. Também François Matarasso, em *Towards a local culture index*, chama a atenção para o facto da educação e a formação propulsionarem os hábitos culturais, nomeadamente no que se refere ao trabalho com escolas como apoio à actividade cultural.

A segunda conclusão a que podemos chegar é sobre a tipologia e duração dos espectáculos/exposições a que o público inquirido assistiu.

O primeiro exemplo é a Exposição *Pintura Naturalista na Colecção Millennium bcp*. Foi um dos eventos mais visitados pelo público inquirido e esteve patente ao público durante dois meses na galeria de exposições do CCC.

O acervo que integrou esta mostra é pertença do Banco e traduz-se numa das maiores colecções privadas de pintura naturalista que integram museus e particulares de Portugal. A instituição bancária desenhou um projecto de comunicação e acompanhamento da exposição que determinou a divulgação e comunicação nacional da colecção – factor que alavancou a participação da população caldense no evento – ao mesmo tempo que contou com um serviço educativo de excelência, constituído por elementos de formação superior em História da Arte, contratadas directamente pelo Banco, de forma a que a sala de exposições tivesse sempre presente pessoal com recursos para satisfazer o público em geral.

A Exposição contou com visitas guiadas e temáticas, conferências e *ateliers* lúdicos e educativos para todo o público, tendo tido uma afluência de cerca de 3000 visitantes, desde o público habitual destes eventos e interessados, a escolas de ensino básico, secundário e superior, passando pelas Universidades Seniores do concelho, bem como grupos espontâneos e turistas que estavam de passagem.

Esta exposição teve um trabalho de envolvimento da comunidade escolar e do público em geral que permite concluir que o impacto cultural nesta área foi concretizado e por essa mesma razão, o público inquirido elegeu a divulgação das artes plásticas como um dos campos do CCC com maior impacto. No entanto, neste caso concreto, a responsabilidade do trabalho foi da instituição bancária que desenhou o plano de comunicação e contratou profissionais para acompanhar o evento.

---

<sup>27</sup> Transcrição *ipsis verbis*

<sup>28</sup> Ver tabela nº 24 e 25 do Anexo III

Este é um exemplo de uma acção que entre o elitismo e a democratização cultural está, na perspectiva de Rancière, a dar ao espectador ferramentas para a sua “emancipação”.

O segundo exemplo – tipologia e duração dos espectáculos – é o concerto do Grupo Resistência. Esta banda que marcou o panorama musical no início dos anos 90 teve um interregno de quase duas décadas, tendo reaparecido em 2013. Realizou alguns concertos de grande dimensão, «logrando, uma vez mais, capturar os favores do público esgotando o Campo Pequeno e o Pavilhão Multiusos de Guimarães. Trata-se de uma *tour* de auditórios que tem por título “Palavras ao Vento”». (Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.) É tipicamente um dos espectáculos/concertos que se integra nas produções das indústrias do entretenimento – consumo de massas. Segundo Adorno, este tipo de espectáculo está formatado para agradar a todos. As actividades culturais desta natureza têm certamente o seu impacto, pelo menos imediato, sem grandes aspirações ao aprofundamento do conhecimento musical do espectador.

### **3.3 – Impactos Sociais**

Como observámos no capítulo Cultura e Desenvolvimento, mais concretamente no subponto Identidades culturais/sociais e criação artística, François Matarasso no seu livro *Towards a local culture index* (Matarasso, 1999), demonstra a importância da criação artística e da actividade cultural pelo impacto que gera nas comunidades, nomeadamente criando capacidade organizacional e activação da cidadania, gerando um campo para o fortalecimento de laços entre as pessoas que as identifique e una.

Um equipamento como o CCC terá necessariamente que criar laços com a comunidade, a população terá que se identificar com as actividades que este concretiza. Por essa razão demos especial atenção na elaboração das perguntas sobre os impactos culturais.

As questões foram divididas de modo a perceber os diversos entendimentos dos inquiridos relativamente ao edifício – se considera o CCC como um espaço seu, qualidade de vida e bem-estar, relevância do edifício para a cidade, região, país e internacionalmente – e à dinamização da actividade social a partir de uma oferta cultural diversificada, assim como a interacção e a troca de ideias e mesmo quanto ao ambiente calmo e familiar que proporciona aos seus fruidores.

A um outro nível, tenderemos a perceber de que forma a programação se insere na cidade quanto à diversidade e divulgação das actividades, ao envolvimento da comunidade, nomeadamente qual a participação dos inquiridos nas actividades culturais e artísticas programadas pelo CCC, oficinas, workshops, etc., ou por outras entidades – aulas de tai-chi, yoga, etc – e em que actividades do café teatro participa.

Pretendemos também averiguar se a criação de empregos é ou não uma realidade. O resultado dá-nos os efeitos sociais e económicos, no entanto, neste ponto, tenderemos a analisar os seus efeitos sociais.

A requalificação daquela área da cidade com a construção do edifício é outra das questões que colocámos ao público.

Os resultados obtidos quanto às percepções dos inquiridos sobre o edifício dizem-nos que o CCC enquanto símbolo de relevância e motivo de orgulho dos seus cidadãos é considerado por 57%

da população como muito relevante; a nível internacional 49% das pessoas considera relevante; 70,4% considera o espaço como seu, o que faz depreender que têm uma relação de à vontade com o espaço físico e de criação – sentimento de pertença<sup>29</sup>.

Observando-se um sentimento de pertença forte, relacionamos essa questão com o impacto na qualidade de vida e bem-estar e com a fruição do café teatro em situações mais informais como sejam: conferências/espectáculos musicais e encontros com amigos. Obtivemos desse cruzamento uma relação entre a assiduidade ao café teatro, 57%, e a qualidade de vida e bem-estar que se situa nos 53%<sup>30</sup>. O resultado final da interligação destes factores – sentimento de pertença, assiduidade ao café teatro e bem-estar para a qualidade de vida do público – levou-nos a correlacionar o resultado com um outro dado já apurado: “É frequentador do CCC?”. O resultado a esta questão, apurado nos impactos culturais, foi de “raramente” para os 62,2%, dos inquiridos.

Ora, aqui temos alguma dificuldade em associar factores tão positivos ao nível da importância do CCC para a cidade e a nível internacional, a frequência do café teatro por lazer e isso contribuir para o bem-estar dos inquiridos, com um factor menos positivo como seja o facto de raramente frequentarem o edifício. Esta questão merecerá ser analisada em futuros trabalhos. Aqui sim a entrevista teria ajudado a perceber até que ponto a ideia que têm do CCC corresponde à vivência do espaço.

Prosseguindo a leitura dos dados do inquérito analisaremos a relevância do CCC quanto à dinamização das actividades sociais. As respostas dos inquiridos revelam-nos que 52% considera “relevante” a oferta cultural variada<sup>31</sup>. 70% responderam que é “relevante” a interacção e troca de ideias, o que torna o espaço calmo e familiar segundo 48% dos inquiridos que responderam à questão como “relevante” – este dado reforça, em certa medida, o resultado relativo ao bem-estar na vida quotidiana dos públicos<sup>32</sup>.

Relativamente ao estudo da programação cultural e artística do CCC e ao modo como ela se insere na cidade, o público respondeu sobre a diversidade das actividades como sendo “muito boa” com 30,6%<sup>33</sup>. A divulgação das actividades como “boa”, 34,7%<sup>34</sup>. Nesse sentido a relação com a comunidade foi classificada como “boa”, também com 34,7%<sup>35</sup>.

Sobre o resultado obtido – a relação do envolvimento da comunidade nas práticas culturais e artísticas do CCC –, há, no entanto, uma questão a ser colocada no sentido de compreender de que forma os inquiridos têm esta percepção, uma vez que nos cinco anos de actividade do CCC o único trabalho que surge no Relatório de actividades e contas de 2008 a 2013 foi o espectáculo “Vale” de Madalena Vitorino em 2010. As actividades programadas para os espaços de ar-livre, como o *Animate Caldas*, visam obviamente o envolvimento dos populares que assistem mais como “observadores” furtivos do que como participantes activos – curiosos ou estudantes – no processo artístico do evento. Por outro lado, a cooperação que é efectuada com o ensino secundário e superior (ESAD –

---

<sup>29</sup> Ver tabela nº 27, 28 e 36 do Anexo III

<sup>30</sup> Ver tabela nº 26 e 39 do Anexo III

<sup>31</sup> Ver tabela nº 52 do Anexo III

<sup>32</sup> Ver tabela nº 30 e 31 do Anexo III

<sup>33</sup> Ver tabela nº 35 do Anexo III

<sup>34</sup> Ver tabela nº 42 do Anexo III

<sup>35</sup> Ver tabela nº 33 do Anexo III

Instituto Politécnico de Leiria), Escola técnica e empresarial do oeste e Escola de hotelaria e turismo, é ao nível dos estágios curriculares e desconto para espectáculos. Das 161 entidades mencionadas no Relatório, a principal actividade é o desconto ou oferta de bilhetes para espectáculos. Das residências artísticas realizadas ao longo destes cinco anos, outra das actividades que poderia ter a envolvência da comunidade, só a residência de Filipe Melo menciona *workshop* não sendo perceptível em nenhum outro momento a ligação à cidade.

Sabe-se, pela análise dos dados culturais que há uma predisposição dos inquiridos para a participação em actividades com os criadores. Há também um conjunto de actividades, quer sejam programadas pelo CCC, oficinas e *workshops*, quer por outras entidades que alugam espaços para a realização de outras acções – dança, yoga e tai chi – que merecem ser analisadas para se perceber qual a verdadeira motivação dos inquiridos.

O resultado das respostas dá-nos que 87,8% não participa nas oficinas promovidas pelo CCC, e 86,7% também não frequenta as aulas, conforme podemos verificar na Tabela 2.

**Tabela 2 – Frequência de aulas | Frequência de Oficinas**

		Oficinas			Total
		Não respondeu	Não	Sim	
Aulas	Não respondeu	4	0	0	4
		100,0%	0,0%	0,0%	100,0%
		100,0%	0,0%	0,0%	4,1%
	Não	0	80	6	86
		0,0%	93,0%	7,0%	100,0%
		0,0%	94,1%	66,7%	87,8%
		0	5	3	8
		0,0%	62,5%	37,5%	100,0%
	0,0%	5,9%	33,3%	8,2%	
Total	4	85	9	98	
	4,1%	86,7%	9,2%	100,0%	
	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	

Em conclusão: a dinamização das actividades sociais e a inserção da programação na cidade obteve resultados muito positivos por parte dos inquiridos, no entanto, não se compreende a sua correspondência com o facto da participação nas actividades como oficinas, *workshops* ou aulas ser praticamente nula.

Poderíamos analisar estas perguntas à luz da divulgação das actividades, mas essa pergunta foi respondida como “boa” por parte de 34,7% das pessoas questionadas, no entanto o CCC não tem um serviço de públicos ou educativo que apresente de modo empreendedor as suas actividades aos diferentes sectores da comunidade, público em geral, escolas, instituições, empresas, etc., será essa a razão? Um dos objectivos do CCC é o **“aproximar o público que ao longo dos anos se têm**

**afastado das Artes, pelas diversas razões”** (Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha.).

Como se depreendeu pela investigação realizada sobre a definição dos impactos culturais há três factores – voluntariado, programas específicos para as escolas e para a comunidade – que conjugados entre experiências e aprendizagens propiciam a criação de uma comunidade de espectadores e de habitantes cientes da importância do projecto social, recorrendo à arte e às actividades culturais, para a capacitação dos indivíduos no aprofundamento da democracia.

Creemos que este é um dos pontos estruturantes da ligação do CCC à cidade e ao território, por isso esperamos a sua reavaliação em estudos futuros.

Realizada a análise dos dois tópicos – dinamização das actividades sociais e o modo como a programação se insere na cidade – passamos à observação das actividades do café teatro quanto à participação do público nos eventos aí realizados e na sua fruição enquanto espaço lúdico e ao mesmo tempo tentar perceber entre as actividades realizadas no CCC se os inquiridos se deslocam sozinhos ou acompanhados. Nesse sentido, sabendo que o café teatro é frequentado por 57% dos inquiridos, verificamos que das actividades que aí se desenrolam 23,5% assiste a espectáculos (música) e conferências<sup>36</sup>. Para além das actividades mencionadas verificamos, por contagem manual dos inquiridos, que na alínea correspondente as refeições (jantar, almoçar, tomar uma bebida antes do espectáculo) 30 pessoas assinalaram esse item como sendo uma das razões da sua deslocação ao café teatro ou seja 31% dos inquiridos usa o espaço no sentido lúdico/gastronómico.

Por fim, neste conjunto de perguntas, falta-nos avaliar o modo como os espectadores se deslocam às actividades culturais e artísticas, se sozinhos ou acompanhados, como ponderação das consequências sociais da programação. As respostas revelam-nos que 60, 2 % vêm acompanhados, dos quais 11,2% respondem com o companheiro e 9,2% com o companheiro e amigos.<sup>37</sup> Depreende-se dos resultados obtidos que o assistir acompanhado aos eventos é em si uma vontade manifesta de interacção social.

Passámos ao último ponto da investigação dos impactos sociais, a requalificação da área urbana e a empregabilidade.

Anterior à construção do CCC o terreno, privado, era ocupado por uma das fábricas mais importantes da região e do país, a “F. A. Caiado – indústria de produtos alimentares S.A”, posteriormente foi o local da feira semanal e por último era um parque de estacionamento desorganizado, habitado sobretudo por arrumadores de carros e toxicodependentes. Era sem dúvida uma zona crítica do ponto de vista social na cidade e prioritária na requalificação urbana da área.

As respostas sobre a requalificação do espaço público indicam que para 29,6% dos inquiridos foi considerada como “muito boa” e para 27,6% como “boa”<sup>38</sup>.

De salientar que a requalificação urbanística e funcional do centro histórico das Caldas da Rainha e a qualificação e estruturação do território eram elementos valorativos da candidatura da construção do CCC ao PORLVT no âmbito dos investimentos de interesse municipal e intermunicipal.

---

<sup>36</sup> Ver tabela nº 40 do Anexo III

<sup>37</sup> Ver tabela nº 41 do Anexo III

<sup>38</sup> Ver tabela nº 34 do Anexo III

Analisando, por último, o impacto do CCC na empregabilidade temos um resultado que divide os inquiridos ao considerarem como “nada relevante” com 38,8% e “relevante” com 37,8%<sup>39</sup>.

Na realidade, ao responder a esta questão, os inquiridos não tiveram em linha de conta as muitas pessoas que são necessárias ao funcionamento de um equipamento desta natureza. Quererá dizer que o público não está tão envolvido no edifício e na sua programação como fez supor a leitura dos dados até aqui?

Em síntese no objecto de estudo propúnhamo-nos reflectir sobre o modo como os inquiridos consideravam o CCC como a sua “casa”, mas também os impactos “interiores” nomeadamente no que se refere à disponibilidade para as práticas da cidadania e a abertura ao novo e diferente – ao outro –, verificamos algumas contradições nas respostas entre o sentimento de pertença e o verdadeiro usufruir do espaço.

Já considerar o envolvimento da comunidade com uma avaliação positiva, não se alcança tal percepção, porque, na verdade, só em 2010 existiu um programa destinado à comunidade. Não podemos, nesta circunstância, aferir com legitimidade as práticas de cidadania formativa-artística. Por outro lado, a actividade com escolas contidas no documento dos cinco anos de actividade do CCC, surge-nos como um sector sem programação autónoma, ou seja, há a comunicação das acções e a perspectiva de vinda dos estudantes com preços reduzidos ou oferecidos nos casos de famílias carenciadas, mas não há nenhum investimento quanto a um contacto mais continuado.

É importante, no entanto, frisar que o equipamento, principalmente o café teatro, cativou a população ao admitirem, os inquiridos, a contribuição do mesmo para o bem-estar quotidiano e o ambiente calmo e confortável com que se deparam para os seus encontros e refeições. A relevância do edifício na cidade é outro dos dados a assinalar, principalmente no que concerne à presença da arte e das actividades culturais, na medida em que fortalece as comunidades e as identidades ao mesmo tempo que modifica os ambientes sociais pela presença dos agentes criativos.

### **3.4 – Impactos económicos**

O estudo dos impactos económicos visará, no contexto desta dissertação, o inquérito realizado aos públicos e aos funcionários do CCC, assim como a análise de alguns dados constantes no Relatório de Actividades e Contas de 2008-2013 do CCC.

O inquérito ao público, na vertente económica, estava subdividido em duas áreas distintas: uma primeira que incidia sobre o entendimento dos inquiridos comparativamente à participação do CCC no desenvolvimento da economia local (restauração e comércio) e na captação turística; e a segunda pretendia observar quais os impactos directos da deslocação ao evento/actividade – receitas de bilheteira, o meio de transporte utilizado, as refeições e os gastos médios (alimentação, hotel e transporte).

Com o inquérito aos trabalhadores pretendia-se obter uma visão circunscrita aos impactos indirectos e induzidos através do conhecimento da remuneração salarial e do contrato que o CCC estabeleceu com os funcionários e o modo como os seus salários se repartiam pelas despesas fixas a efectuar com a habitação (própria, alugada, com hipoteca ou a viver em casa partilhada), a

---

<sup>39</sup> Ver tabela nº 32 do Anexo III

aquisição dos bens de primeira necessidade e noutros bens, bem como o local onde normalmente efectuam as compras, se na cidade ou fora.

Relativamente ao Relatório sobre os cinco anos do CCC, optámos por analisar os anos de 2009 e 2012. Nesse aspecto o estudo recairá sobre as despesas com o pessoal e qual a sua contribuição para as receitas fiscais. Os eventos realizados serão avaliados quanto as despesas e receitas de bilheteira e alugueres. Um outro dado a analisar neste documento é a importância que assume o subsídio da autarquia no projecto e qual o seu retorno em termos da economia local e das receitas fiscais.

O estudo dos impactos económicos ficar-se-á no contexto deste estudo pela opção do tratamento dos impactos directos careados pelo inquérito ao público e os impactos indirectos recolhidos no inquérito aos funcionários.

Os impactos indirectos do Relatório dos cinco anos do CCC serão uma ajuda para balizar os dados obtidos pelo instrumento de análise nos dois casos, uma vez que naquilo a que se refere os impactos indirectos e induzidos globais do equipamento, estes careciam de recolha de informação contabilística junto dos fornecedores de bens e serviços, assim como das famílias que estão implicitamente ligadas ao equipamento. Por outro lado, a informação contabilística do CCC teria que ser reclassificada segundo uma categorização diferente para que a investigação conseguisse alcançar os efeitos desejados.

O estudo da Fundação de Serralves deparou-se com a mesma dificuldade, tendo por isso necessidade de recorrer a uma reformulação da informação contabilística. “(...) o detalhe da informação pedida implicou recorrer-se a informação de gestão já disponível, mas também exigiu um trabalho adicional por parte dos serviços para formatar informação existente.” (Serralves, 2013, p. 27). Como se compreenderá, não poderíamos considerar no contexto deste estudo a realização de tão aprofundada investigação.

Iniciando o tratamento dos dados contantes nos inquéritos, passamos em primeiro lugar à observação do inquérito ao público sobre as suas percepções ao nível do desenvolvimento local (restauração e comércio) e captação turística do qual obtivemos as respostas no quadrante do “relevante”, com percentagens respectivamente de 59,2 % e 54,1%<sup>40</sup>.

Pelos resultados percebe-se que a população considera importante a existência do CCC na dinamização do comércio local e do turismo. Este dado parece, de certa forma, contradizer a questão da empregabilidade que obteve um resultado entre o “relevante” e “nada relevante”.

Na verdade, a criação do emprego realiza-se por duas vias. A primeira com a criação de emprego directo – constituição das equipas necessárias à persecução dos objectivos culturais e funcionamento do edifício –, e a segunda via, o emprego indirecto, que representa a contribuição do CCC para a empregabilidade nas áreas do comércio e restauração local – de modo a garantir uma resposta profissional aos fluxos de públicos que se deslocam ao edifício por via das actividades culturais e artísticas –, na aquisição de bens e serviços às entidades culturais e artísticas, empresas de trabalhos especializados e, por último, as empresas que co-habitam o espaço do CCC como

---

<sup>40</sup> Ver tabela nº 44 e 45 do Anexo III

sejam o café-concerto, cuja exploração foi adjudicada a uma outra empresa ou, ainda, as salas de aulas que são alugadas segundo uma percentagem sobre cada um dos alunos<sup>41</sup>.

Aquando da sua abertura em 2008, o CCC tinha constituído uma equipa de 28 pessoas, que a nível contratual implicava quatro contratos em regime de avença, seis contratos a termo, 14 em regime de colaborações temporárias (frente casa e recepção do público), e dois funcionários integrados no programa CEI – Contrato Emprego Inserção, e dois funcionários do quadro da autarquia transferidos.

Em 2012, há um ligeiro decréscimo na equipa, passando para 24 o número de pessoas contratadas; no entanto a redução dá-se sobretudo nos avençados, nos colaboradores temporários e no programa CEI, aumentando o número de contratados a termo de seis para sete, e também a entrada de uma pessoa em estágio profissional.

Analisada esta primeira área do inquérito, passou-se ao estudo dos impactos directos aferidos pelo meio de transporte, estacionamento e refeições. Os resultados obtidos demonstram que o público desloca-se sobretudo de carro, 62,2%, mas 59,2% não usam o estacionamento do parque do CCC<sup>42</sup>.

Quanto ao número de refeições, outro item a avaliar conjuntamente com o número de pessoas e os gastos médios da deslocação às actividades, resultou que 63,3% não fizeram qualquer refeição e 13,3% fizeram uma refeição<sup>43</sup>. Apesar do facto de as pessoas se deslocarem acompanhadas, por 1 a 3 pessoas, em média, verifica-se que não há sinal de consumos extra, ao apurarmos que o valor médio de gastos por deslocação foi de 5€ para 28,6% dos inquiridos e que 32,7% não respondeu à questão<sup>44</sup>.

Quanto à pergunta sobre o alojamento, como grande parte dos frequentadores é residente, o recurso a esse serviço não se lhes colocava como sendo necessário. No conjunto de pessoas inquiridas só para um espectador a questão do hotel foi respondida afirmativamente.

Numa outra linha de análise, a dos impactos directos, encontram-se as receitas de bilheteira. Este valor que gostaríamos de analisar por se tratar da primeira entrada financeira em caixa não foi disponibilizado pelo CCC em tempo útil para concretização deste ponto da dissertação, sendo por isso difícil perceber qual o retorno desse valor em receitas fiscais a nível nacional, mais concretamente no valor do IVA sobre os ingressos.

Prosseguindo para os impactos económicos secundários (indirectos e induzidos), tal como foram definidos anteriormente no capítulo II da 1ª parte. Teríamos agora que ter em conta nos impactos indirectos, a actividade económica gerada a partir da entrada de bilheteira que é despendida pelo CCC na aquisição de bens e serviços aos fornecedores. Nos impactos induzidos teríamos de apurar as segundas despesas realizadas pelas famílias dos trabalhadores das empresas contratadas, em bens e serviços, resultante do aumento dos seus ganhos.

---

<sup>41</sup> Em Caldas da Rainha, em 2001, a taxa de desemprego situava-se nos 6,5%, e em 2011, segundo os últimos censos, estava nos 13,7%. Dados retirados do portal da PORDATA  
<http://www.pordata.pt/Municipios/Taxa+de+desemprego+segundo+os+Censos+total+e+por+sexo+%28percentagem+em%29-405>

<sup>42</sup> Ver tabela nº 46 e 47 do Anexo III

<sup>43</sup> Ver tabela nº 48 e 49 do Anexo III

<sup>44</sup> Ver tabela nº 51 do Anexo III

Uma análise desta natureza obrigaria, como já foi mencionado, a uma nova categorização das despesas e receitas do CCC que não estariam em conformidade com o POC – Plano Oficial de Contabilidade –, assim como haveria necessidade de consultar os dados contabilísticos dos fornecedores e dos seus empregados.

No sentido de apurar alguns dados relativos aos impactos indirectos e induzidos foi solicitado ao CCC, a desmultiplicação de números referentes às despesas e receitas próprias constantes nos orçamentos de 2009 e 2012. O esclarecimento visava perceber quais os valores das receitas próprias – proveitos das actividades de natureza comercial: aluguer de espaços, venda de produtos, venda de programas dos espectáculos, mecenato, etc. – e das despesas, nomeadamente gastos com actividades artístico-culturais e despesas de investimento e de estrutura, para que num sentido mais global se percebesse qual o impacto económico que a actividade do CCC está a desenvolver na cidade e na região. Não tendo sido possível obter as informações passamos à leitura dos dados constantes no Relatório de 2008-2013.

Os impactos indirectos que podemos observar no documento dizem-nos que em 2009 o peso das vendas de produtos era de 0,25% e as prestações de serviços (entendemos que esta rubrica do orçamento contemplava as receitas como alugueres de espaços – congressos, café-concerto e salas de formação – e de bilheteira) correspondiam a 48,77% do orçamento. As despesas relativas à programação no período de 2009 correspondem a 53,51% do orçamento. Em 2012, com a mudança de gestão do equipamento da ADIO para a CULTURCaldas a lógica de apresentação de contas alterou-se e tornou-se ainda mais hermética a leitura do orçamento; no entanto, podemos concluir que a venda de produtos se situa nos 0,05% e as prestações de serviços correspondem a 40,23%. As despesas com a programação em 2012 situam-se nos 51,96% do orçamento.

No mesmo documento pode ler-se que o número de eventos e congressos em 2009 foi de 96 e em 2012 foi de 59, assim como o número de realizações artísticas e culturais, nos mesmos anos, passaram de 193 para 139 e o número de espectadores diminuiu de 72 742 para 29 043. Na realidade, o decréscimo das actividades tem implicações a todos os níveis: número de público e consequentemente de receitas de bilheteira.

Por fim, constata-se que de 2009 para 2012 o orçamento global do CCC teve um decréscimo de 24%, ou seja, de 550 646€ passou para 417 103€; esta descida é também acompanhada pela diminuição do apoio da autarquia de 280 683€ para 249 082€, representando um decréscimo de 11%. O subsídio da autarquia representa efectivamente 50,97% e 60% nos orçamentos de 2009 e de 2012<sup>45</sup>.

Em termos imediatos, a leitura cruzada destes elementos dá-nos o decréscimo apresentado nas receitas e nas despesas, mas não as razões que levaram a tal situação. Qual a justificação para este decréscimo? A crise que assola o país desde 2007/8, a diminuição do rendimento das famílias, o desinvestimento na cultura, são seguramente algumas das razões, mas que outras justificações poderemos encontrar?

---

<sup>45</sup> A Câmara Municipal de Caldas da Rainha em 2009 apoiava a cultura num total de 651.842,55€ e em 2012 o apoio situava-se nos 447.241,27€.

A análise do inquérito dos funcionários relativos aos seus dados económicos pretende apurar o impacto induzido pelas remunerações dos funcionários, ou seja, os seus gastos, com habitação, domésticos (luz, água, telefone, etc.), bens de primeira necessidade e outros, ou seja, de que modo os salários auferidos voltam a entrar no circuito económico.

Da análise do inquérito, verificamos que dos 10 funcionários considerados a tempo inteiro, 40% recebe entre 751€ e 1000€ e 30% entre 601€ e 750€, sendo que os restantes se dividem: 20% com salários abaixo dos 600€ e 10% com salários entre os 1001€ e os 1500€<sup>46</sup>.

Extraímos da análise dos dados que 50% dos funcionários vive em casa arrendada e os gastos com habitação situam-se entre os valores de 201€ e os 350€<sup>47</sup>. Quanto aos gastos domésticos, 60% dos funcionários, gastam entre 101€ e 200€. Em bens de primeira necessidade 40% dos trabalhadores despendem menos de 100€ e 30% gasta entre 101€ e 200€.<sup>48</sup>

As compras são realizadas na cidade para 60% dos funcionários.

Este conjunto de informações dá-nos a possibilidade de perceber que o financiamento realizado tem um retorno imediato nos rendimentos auferidos pelos trabalhadores do CCC, quer através das receitas fiscais individuais, quer através do que é consumido na própria cidade. Depreende-se, da leitura do documento dos cinco anos do CCC, que no ano de 2009 os gastos com pessoal foram de 93 414€ e em 2012 foram de 121 030€, o que corresponde a 2802,42€ e 3025,75€ do IRS<sup>49</sup> para a autarquia.

Em conclusão, o estudo dos impactos económicos tal como foi definido no capítulo da metodologia necessitaria agora da análise dos dados segundo os indicadores de *inputs*, *outputs* e *outcomes*, de modo a perceber qual a correlação da infra-estrutura, do poder político e da população na concretização de uma vida cultural estimulante para a região. Deixamos mais este passo em aberto.

## **II - Conclusões**

O Centro Cultural e de Congressos tem impacto cultural, social e económico na cidade de Caldas da Rainha. Esta era a hipótese que a pergunta de partida levantava e que ao longo do estudo teria que ser provada com base nos dados recolhidos pelo instrumento de análise adoptado, o inquérito.

Desde cedo nos apercebemos que cingir a investigação ao inquérito seria redutor, sobretudo no que concerne aos aspectos intangíveis das perguntas, numa conclusão que se quisesse ampla e credível. Por isso mesmo, a investigação foi direccionada não para chegar a uma conclusão absoluta mas preferentemente no sentido de levantar questões sobre a importância do estudo dos impactos culturais e sociais dos equipamentos construídos e cujo vínculo às populações é desconhecido na maior parte dos casos em Portugal, e por outro lado deixar um conjunto de dados sobre o CCC que possam servir para estudos futuros do equipamento na sua relação com a cidade, a região e o país.

---

<sup>46</sup> Ver tabela nº 5 do Anexo IV

<sup>47</sup> Ver tabela nº 6 do Anexo IV

<sup>48</sup> Ver tabela nº 7 e 8 do Anexo IV

<sup>49</sup> A taxa de IRS para a Câmara Municipal de Caldas da Rainha em 2009 era de 3% e em 2012 era de 2,5%.

Uma das primeiras conclusões que tirámos ao realizar o presente estudo é a pertinência da criação de indicadores que nos possam levar a um conhecimento aprofundado da importância dos equipamentos para as populações, no sentido da literacia das actividades culturais e artísticas, já que o gosto/não gosto, a limitação da resposta ao alcance de um sim ou de um não, impossibilita-nos perceber, de facto, o que é que os espectadores pensam. Parece-nos relevante face ao número de equipamentos existentes no país quanto mais não seja para a valorização territorial e coesão social, independentemente de aspectos ligados à liberdade do gosto como liberdade individual enquanto domínio individual das linguagens da arte – neste aspecto as manifestações de tipo massivo são muito elucidativas de um gosto que é trabalhado pela publicidade, pela mitificação dos protagonistas, pelas narrativas em torno das suas vidas e pelos aparatos do espectáculo que gerem no espaço mediático, muitas vezes sobrepostos aos daquilo que é especificamente cultural ou artístico na relação de fruição.

Relativamente ao CCC, cremos que o conjunto de informações agora disponibilizadas poderá vir a interessar a outros investigadores que queiram aprofundar a temática sugerida ligando-a, por um lado, à população (habitantes e comunidade escolar) e à região e, por outro lado, às relações de parceria artística e comercial que se desenvolvem com a concretização da programação cultural e artística apresentada pelo CCC.

Ao concretizar este primeiro diagnóstico ao público do CCC, muitas outras interrogações se abriram ao longo da investigação, nomeadamente: Qual a política cultural que o edifício deveria desenvolver? Políticas de serviço público ou comercial? Políticas culturais e artísticas de literacia ou de entretenimento da população?

Como já foi confirmado por diversos autores nacionais e internacionais, mencionados ao longo do estudo, os territórios afirmam-se e valorizam-se também pela sua identidade e coesão social e não só pela actividade comercial e económica que conseguem congregam. Neste sentido, as actividades artísticas e culturais deverão ter em atenção a concretização de um aprofundamento das estéticas da arte capacitando as populações para novas participações e fruições.

É com base neste pressuposto que iniciamos o capítulo das conclusões, analisando a missão do CCC em relação aos resultados sociodemográficos obtidos através do inquérito e ao que era pedido no programa do PORLVT.

O CCC tem, segundo o seu *site*, a missão e valores de: 1) o aproximar as populações que ao longo dos anos se têm afastado das artes por diversas razões propondo para isso uma multiplicidade cultural que abranja todos os quadrantes sociais e faixas etárias; 2) propiciar uma programação aos seus “clientes” que contribua para o enriquecimento do ser humano na sua instrução e formação.

Quanto ao primeiro ponto da missão do CCC há, a nosso ver, duas situações que colocam este objectivo em perigo de concretização.

A primeira situação é a inexistência de um serviço educativo e de públicos. A ausência deste serviço dificulta certamente a passagem dos conteúdos temáticos e formais dos objectos programados para os seus destinatários ou “clientes”, o que justamente obriga a lógicas de descodificação que se afastam dos mecanismos de marketing dos produtos culturais que visam principalmente ter o máximo de público. Este exemplo fica corroborado com o fraco índice de

participação do escalão etário entre os 16 e 30 anos e o escalão etário com maior incidência ser na faixa etária entre os 31 e os 45 anos.

Esta mesma situação foi detectada no caso da Guimarães 2012, a falta de um serviço educativo desde início e a fraca participação dos jovens e estudantes. Haverá aqui alguma correlação entre serviço educativo e ausência deste escalão etário nas actividades propostas? Matarasso sublinha a importância da educação, sobretudo o trabalho com as escolas como lugares propiciadores da construção de novos públicos.

A segunda situação que decorre da primeira é: qual a programação e a duração dos eventos para que possamos ter o envolvimento dos públicos dessa faixa etária e, num outro sentido, os diferentes estratos sociais. Como verificamos nos dados sociodemográficos o público do CCC é maioritariamente de um estrato social com instrução superior e empregado. Quer com isto dizer que os estudantes não se revêem na programação do CCC?

O desenho da programação e a durabilidade dos eventos no sentido de corresponderem a um trabalho do serviço educativo/públicos é importante para a concretização do objectivo de envolvimento de todas as faixas etárias e quadrantes sociais. Uma representação que possa acontecer prolongadamente no tempo permitiria um trabalho junto da comunidade em geral e em particular da escolar que traria réditos futuros para a composição dos espectadores do CCC e para a sua própria condição de espectador.

Quanto ao segundo ponto da missão do CCC, o propiciar o enriquecimento do ser humano, também aqui nos deparamos com uma situação não concretizada, ou seja, o público do CCC tem maioritariamente habilitações literárias de grau superior e será portanto de ponderar uma estratégia de atracção e inclusão de pessoas de outras classes e estratos sociais com menor habilitação. Pensar concretamente na questão dos desempregados e emigrantes, que hoje compõem uma faixa da população considerável, e cujo trabalho junto deles torna-se importante, quer para o enriquecimento individual, quer para a concretização de um bom clima social.

O que detectamos de um modo geral é a contradição entre a missão e a programação que é veiculada para os destinatários ou “clientes”. Se por um lado a missão aponta para um serviço público – apesar do uso da palavra “clientes” em vez de públicos ou espectadores –, ao analisarmos os critérios de elegibilidade do PORLVT sabemos que o CCC não foi construído como espaço de serviço público, o que de algum modo contraria o facto de o equipamento ter a sua construção financiada pela comunidade europeia e pela autarquia, quer ao nível da construção, quer do seu funcionamento (manutenção e programação). Já a programação, principalmente a musical, pertence entretanto ao chamado *mainstream*, ou seja, ao meio comercial segundo a observação que efectuamos ao analisarmos a programação no ponto sobre a caracterização do CCC.

O equipamento foi edificado para dar resposta a grandes eventos que se pretendia chamar ao Oeste no sentido de concretizar uma região Euro-Atlântica, competitiva e sustentável e que ao mesmo tempo fosse atenuando a assimetria da região Oeste em relação a outras regiões do país.

O CCC mantém, de facto, um contacto com outras cidades do país para a concretização de uma programação em rede, principalmente, na área da música a nível internacional e nacional; todavia a sua implantação na região estará aquém do que estava previsto no programa do PORLVT e

disso mesmo demos conta ao analisarmos qual a residência dos inquiridos que frequentam o CCC, tendo o resultado indicado que maioritariamente habitam na cidade.

Sabemos que dificilmente um edifício se torna uma referência em menos de dez anos, disso mesmo nos dão conta os diversos documentos sobre o Guggenheim. E nesse caso temos uma arquitectura de referência associada a uma única área artística em exposição permanentemente trabalhada por mediadores, artistas e animadores culturais. Por isso, parece-nos oportuno e essencial a criação quer de um serviço educativo/públicos, quer de uma programação que transponha as fronteiras do concelho. Mais uma vez ilustramos esta ideia recorrendo ao caso de estudo do Guggenheim em que um dos motes para a sua implantação no território foi o de recorrer aos artistas bascos para programação das exposições temporárias e uma actividade intensa do seu serviço educativo, destinado a um espectro de visados que vai desde as pessoas com deficiência aos alunos das diversas escolas da região basca. Em Portugal são reconhecidos os réditos de públicos e imagem alcançados para o Centro Cultural de Belém através Centro de Pedagogias e Animação orientado pela coreógrafa Madalena Vitorino.

Relativamente ao CCC, será que a sua programação beneficia dos criadores e das entidades artísticas e culturais existentes na região?

Nesta fase de existência do CCC, seis anos, será importante que os responsáveis pela gestão do equipamento equacionem quais as razões que levam a que a programação não tenha rompido as fronteiras do concelho.

Passando para as conclusões sobre os impactos sociais, podemos afirmar que o CCC é uma realidade na cidade de Caldas da Rainha conseguida ao fim de seis anos de actividade. Há por parte dos inquiridos um grau de satisfação que passa pela importância do edifício para a cidade, da oferta diversificada das actividades, do ambiente calmo e familiar que o espaço proporciona o que levou a que 70,4% considere o espaço do CCC como seu.

Há, no entanto, nas respostas a estas questões um senão. O grau de satisfação não é acompanhado pelo número de vezes que frequentam o espaço, ou seja 62% dos inquiridos “raramente” o frequenta. Pelo resultado da frequência do edifício cruzado com a participação nas aulas ou nos *workshops* programados pelo CCC fica comprovado que mais de 85% dos inquiridos não realiza qualquer uma das actividades mencionadas.

Aliás, a análise deste item dá-nos o CCC com três mundos distintos no seu interior: as salas de espectáculo com a programação cultural e artística, o café concerto com a música e a gastronomia e as salas de formação com os alunos de tai-chi e yoga. Estas três vertentes não se tocam entre si, ou seja, quem vai ao restaurante nem sempre vai aos espectáculos e vice-versa; os alunos não são espectadores do CCC e o público do CCC não frequenta as diversas oficinas e aulas que decorrem no espaço.

Esta conclusão tem ainda por base o cruzamento do sentimento de pertença, assiduidade ao café teatro e bem-estar para a qualidade de vida do público, relacionando-o com a frequência com que os inquiridos “usam” os espaços do CCC que, como já se apurou, é de “raramente”.

Um outro dado que concluímos ao nível dos impactos sociais é a questão do envolvimento da comunidade. A este item as respostas situam-se no quadrante de “boa”, por parte de 37,4% dos

inquiridos. No entanto, o trabalho com a população nestes seis anos de existência, só por uma vez se concretizou com o espectáculo “Vale” de Madalena Vitorino, em 2010. Por isto se percebe que as respostas foram automáticas o que nos leva à questão inicial do aprofundamento dos dados por via da entrevista como forma de fiabilizar o resultado.

No cômputo geral podemos afirmar que o CCC encontra por parte de um determinado estrato da população a sua relevância e os seus impactos sociais são sentidos nessa camada social pela forma como julgaram o espaço importante para o seu quotidiano e pela forma como acham que este se liga à cidade.

No que toca aos impactos culturais percebemos que grande parte dos inquiridos considera as práticas culturais um prazer e têm uma participação activa em projectos de arte e cultura, assim como é um desejo seu não limitar a sua acção só como espectadores mas também participar com os criadores na produção dos objectos artísticos.

Os impactos culturais do CCC detectam-se sobretudo ao nível da análise da contribuição da programação para o contacto com as artes do espectáculo e novas formas de expressão artística que foram considerados pela maioria dos inquiridos como “relevante”, sendo a área das artes plásticas a destacar-se ao obter esse resultado por parte 61,2% dos espectadores. Já no que toca à divulgação da produção artística dos criadores da cidade a nível regional, nacional e internacional, 55% dos frequentadores considera que o CCC tem uma participação activa enquanto 33, 7% dos inquiridos respondeu que não sabe.

Avaliar o valor acrescentado dos impactos sociais e culturais reduzindo a sua resposta a expressões como: “relevante”, “muito boa”, “sim”, “pouco” ou “nada”, foi uma tarefa difícil na concepção do inquérito e nota-se que as respostas dos inquiridos são em muitos casos respostas automáticas ou “politicamente correctas”, sendo posteriormente detectadas nas perguntas de controlo verificadas as discrepâncias que ao longo da investigação fomos encontrando e chamando à atenção.

O reconhecimento apenas da dimensão quantitativa retira-nos a possibilidade de compreender a relevância das actividades culturais e artísticas por critérios estéticos, científicos ou artísticos. Tentamos de alguma forma contrariar a análise quantitativa ao solicitar que para além da frequência aos espectáculos, mencionassem quais as realizações em que participaram. A pergunta tornou-se irrelevante na medida em que as respostas foram dadas sobre aquilo a que iam assistir no momento, mais do que em relação àquilo a que já tinham assistido ou participado, não sendo por isso possível analisar os lados simbólico e imaginário, o que teria efeitos no futuro da consideração dos públicos e programações.

Ao nível dos impactos económicos obtivemos conclusões fundamentadas pela análise do inquérito relativamente às percepções e gastos do público na deslocação aos eventos, mas também através da documentação disponibilizada pelo CCC, o Relatório de Actividades e Contas entre 2008 e 2013, e dos dados contabilísticos fornecidos pela autarquia.

Podemos afirmar que o público inquirido tem uma percepção da contribuição “relevante” do CCC para o desenvolvimento da economia local, quer através do comércio e restauração quer através da captação turística. Em relação à empregabilidade, que teve uma análise por parte dos

espectadores como “relevante” seguida de muito perto por “nada relevante”, podemos comprovar (a criação directa de empregos) a sua importância através dos dados do Relatório dos cinco anos que demonstram, logo no primeiro ano de existência do equipamento, a criação de vinte e oito postos de trabalho - nos diversos regimes contratuais: contrato a prazo, prestação de serviços e avençados - tendo havido um decréscimo em 2013 para vinte e quatro, sendo importante realçar que houve mais um contrato a prazo (6 para 7) e que a descida se deu nos contratos temporários (acolhimento de espectadores – frente casa), o que se coaduna com o facto do número de espectáculos e eventos de uma forma geral também terem descido assim como o número de público.

A importância da empregabilidade favorece sobretudo as receitas da autarquia provenientes do IRS, que em 2013 era de 2,5% sobre os rendimentos das pessoas, mas também as receitas fiscais a nível nacional.

Já em termos de empregabilidade indirecta há um elemento importante por dentro do CCC que vem corroborar a importância da existência do equipamento nesta área, o restaurante do café-teatro. A empresa que alugou o espaço criou emprego directamente ao contratar empregados de mesa, cozinheira e auxiliares.

No Relatório dos cinco anos do CCC pode verificar-se que no ano de 2009 os empregos directos criados pelo equipamento renderam à autarquia 2802,42€, que em 2012 corresponderam a 3025,75€. Já na empregabilidade indirecta este número não se pode apurar sem justamente se analisarem as contas dos fornecedores.

Ao nível dos gastos do público com a ida aos eventos, os impactos directos, há sobretudo uma despesa que se evidencia, a utilização do carro como meio de transporte. Os inquiridos, 62,2%, deslocam-se de carro mas não utilizam o parque de estacionamento.

As refeições e o alojamento não têm expressão na investigação realizada uma vez que grande parte é residente na cidade e mesmo quando acompanhados as despesas não assumem valor superior aos 5€.

Ao nível dos impactos económicos podemos ainda concluir a importância da retribuição dos funcionários ao nível da economia local. Dos dez funcionários inquiridos grande parte dos seus gastos são efectuados no concelho de Caldas da Rainha, quer através do arrendamento e aquisição da habitação, quer pelos bens de primeira necessidade que adquirem no comércio local.

Avaliar a contribuição da cultura para a economia é um trabalho de compilação fortemente correlacionado através da informação contabilística analítica de todas as empresas envolvidas de modo a obter uma visão macroeconómica da cultura para o PIB nacional, opção que não tomamos devido à já vasta abrangência do estudo: Impactos culturais, sociais e económicos.

Como foi sendo referenciado ao longo desta conclusão o CCC é um equipamento importante para a cidade e para a população que o “habita” com mais ou menos frequência, como se depreende a partir da construção dos indicadores criados para a recolha da informação, por isso atrevemo-nos a deixar algumas sugestões: a criação de um serviço educativo/públicos – é necessário captar a atenção dos jovens e do público de menor instrução como meio de progressão para abranger novos públicos e promover a capacitação da população; a unificação dos espaços e públicos que o usufruem, o café concerto e as aulas não devem estar desagregadas das actividades culturais e

artísticas, o equipamento precisa de entradas financeiras mas necessitará também de um entrosamento por dentro de si; a produção de bens culturais com as residências artísticas deve tender a uma maior aproximação com a comunidade, dado que, uma vez que há disponibilidade por parte dos públicos para tal; a programação deverá contemplar realizações que possam durar mais do que um dia de apresentação para abranger o maior número de pessoas; ter em consideração as criações artísticas e culturais da região e da cidade de modo a promover os seus criadores para fora dos limites concelhios e regionais, alterando desse modo a imagem do equipamento no país.

Sabendo-se que o equipamento não foi construído com intuito de serviço-público, cremos, no entanto, que a par da programação *mainstream*, o serviço público parece ser urgente, nomeadamente quando se detecta um índice tão baixo de frequentadores de um escalão etário tão importante como o dos 16 aos 31 anos. Este é um escalão que para além de ser o público do futuro é também o público do presente, mas percebe-se que quem tem 30 anos hoje, e depois de ter passado 18 anos sem um equipamento na cidade que o motivasse para as práticas culturais, sinta alguma dificuldade em mudar os seus hábitos, por isso consideramos premente a necessidade de encontrar financiamentos que possibilitem a concretização de um programa de públicos e comunidade que reverta a situação.

A propósito desta questão gostaríamos de deixar uma sugestão à autarquia, que se baseia não tanto num aumento do seu financiamento – o apoio da autarquia de 2009 para 2013 teve um decréscimo de 11%, e a subvenção ao CCC representou, em 2012, 59% do orçamento disponível para a cultura, por outro lado, em 2013, 60% do orçamento do CCC concretiza-se com o apoio da autarquia –, mas a disponibilização da sua equipa técnica referente aos fundos comunitários na materialização de candidaturas ao programa Europa 2020 bem como a outros programas que possam existir.

Como se demonstrou, os impactos positivos do CCC têm repercussões ao nível das receitas fiscais para a autarquia, mas também do ambiente social e educacional dos seus habitantes.

## Bibliografia

- Adorno, T. W. (2003). *Sobre a Indústria da Cultura*. Coimbra: Angelus Novus.
- Arts, A. f. (2013). *Economic Prosperity IV*. Washington: American for the arts.
- Barrento, J. (2011). *O mundo está cheio de deuses*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Câmara Municipal de Caldas da Rainha, D. d. (Fevereiro de 2004). Critério 1- Impacto na estrutura de desenvolvimento da região. Caldas da Rainha.
- Carrilho, M. M. (s.d.). *Revista Lusófona de Estudos Culturais*. Obtido em 17 de Novembro de 2013, de <http://estudosculturais.com/revistalusofona/index.php/rlec/article/download/13/39>.
- CCDRLVT. (s.d.). Obtido em 29 de Dezembro de 2013, de <http://www.ccdr-lvt.pt/pt/enquadramento-qca-iii/104.htm>
- Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha. (s.d.). Obtido em 9 de Novembro de 2013, de Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha: Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha. (s.d.). Obtido em 09 de Novembro de 2013, de <http://www.ccc.com.pt/ccc/historia-valores-missao/90-historia-centro-cultural-e-de-congressos-das-caldas-da-rainha>
- Crespi, F. (1997). Manual da Sociologia da Cultura. In F. Crespi, *Manual da Sociologia da Cultura* (p. 280). Lisboa: Estampa.
- England, A. C. (2012). *Measuring the economic benefits of arts and culture - Practical Guidance on reserach methodologies for arts and cultural organisations*. Arts Council of England.
- Estatística, I. N. (s.d.). *Instituto Nacional de Estatística*. Obtido em 20 de 04 de 2014, de <http://smi.ine.pt/Categoria/Detalhes/2017407?data=20%2F04%2F2014%2000%3A00%3A00>
- Esteves, A. (2013). *Os públicos do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha*. Mestrado em Cultura e Comunicação. Lisboa: Faculdade de Letras de Lisboa.
- Florida, R. (2002). *The Rise of the Creative Class*.
- Gil, J. (2005). *Portugal, Hoje - O Medo de Existir*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Grefe, X. (2009). *La politique culturelle en France*. Paris: La documentacion Francaise.
- Lage, R. (18 de Agosto de 2014). Democracia culta. *Jornal Público*.
- Landry, C. (2008). *The Creative City - A Toolkit for Urban Innovators*. London: Comedia - Earthscan.
- Landry, F. M. (1999). *Balancing act: twenty-one strategic dilemmas in cultural policy*. Strasbourg cedex: Council of Europe Publishing.
- Marques, F. P. (1995). *De que falamos quando falamos de cultura*. Lisboa: Editora Presença.
- Matarasso, F. (1997). *Use or Ornament ?* Bournes Green: Comedia.
- Matarasso, F. (1999). *Towards a local culture index*. Bournes Green: Comedia.
- Matarasso, F. (1999). *Towards of a local culture index*. Bournes Green: Comedia.
- Mateus, A. (2010). *O Sector Cultural e Criativo em Portugal*. Lisboa.

- Metropolitan, C. d.-B. (2009). *La Culture à Montréal: impacts économiques et financement privé*. Montréal.
- Minho, U. d. (2013). *Impactos económicos e sociais - Relatório Executivo - Guimarães 2012*.
- Museum, G. (s.d.). *Study of the Economic Impact of the Activities of the Guggenheim Museum Bilbao – Estimation for 2011*. Obtido em 4 de 11 de 2013, de [http://prensa.guggenheim-bilbao.es/src/uploads/2012/09/Estudio\\_de\\_Impacto\\_Economico\\_2011-ENG.pdf](http://prensa.guggenheim-bilbao.es/src/uploads/2012/09/Estudio_de_Impacto_Economico_2011-ENG.pdf)
- Nicolas, Y. (2006). *L'analyse d'impact économique de la culture - Principes et limites*. DOCUMENT DE TRAVAIL, N° 1271, Ministère de la Culture et de la Communication, Département des études de la prospective et des statistiques, Paris.
- Petersen, L. M. (2010). *Relatório Final de Execução 2000-2006 - Programa Operacional Regional de Lisboa e Vale do Tejo*. Lisboa: Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional de Lisboa e Vale do Tejo.
- Petrova, L. (3 de Maio de 2011). David Throsby: The Economics of Cultural Policy. *Cambridge University Press, UK*.
- Quivy, R. (2013). *Manual de investigação em ciências sociais*. (M. A. João Minhoto Marques, Trad.) Lisboa: Gradiva.
- Rancière, J. (2010). *O espectador emancipado*. Lisboa: Orfeu Negro.
- Ritenour, S. (2003). *The Quarterly Journal of Austrian Economics*. Obtido de Economics and Culture by David Throsby: [http://mises.org/journals/qjae/pdf/qjae6\\_2\\_5.pdf](http://mises.org/journals/qjae/pdf/qjae6_2_5.pdf)
- Rodrigues, L. N. (1993). *Terra de Águas: Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Câmara Municipal de Caldas da Rainha.
- Santos, M. d. (1998). *As políticas culturais em Portugal*. Lisboa: Observatório das Actividades Culturais.
- Santos, M. d. (2005). *CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMULAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS NO HORIZONTE 2013 RELATIVAS AO TEMA CULTURA, IDENTIDADES E PATRIMÓNIO*. Observatório das Actividades Culturais.
- SERGE KANCEL, J. I. (2003). *L'apport de la culture à l'économie en France*. Inspection Général des Finances et Inspection Général des Affaires culturelles.
- Serra, J. B. (1995). *Introdução à História das Caldas da Rainha*. Caldas da Rainha: Cadernos de História Local.
- Serralves, F. d. (2013). *Impacto Económico da Fundação de Serralves*. Fundação de Serralves, Porto.
- Steiner, G. (2003). As lições dos mestres. In G. Steiner, *As lições dos mestres*. Lisboa: Gradiva.
- Tavares, J. (2014). *Cultura e Desenvolvimento: Um Guia para os decisores*. Lisboa: Gabinete de Estratégia, Planeamento e Avaliação Culturais. Secretaria de Estado da Cultura.
- Vilar, E. R. (primavera-verão de 2007). Sobre a economia da cultura. *Comunicação & Cultura* n° 3, pp. 131-141.
- Yúdice, G. (2007). *Economia da Cultura no Marco da Protecção e Promoção da Diversidade Cultural*. Obtido em 15 de Junho de 2013, de Biblioteca do Ministério do Planeamento, Orçamento e

Gestão: <http://biblioteca.planejamento.gov.br/biblioteca-tematica-1/textos/educacao-cultura/texto-57-2013-economia-da-cultura-no-marco-da-protecao-e-promocao-da-diversidade-cultural.doc>

## **Anexos**

## Anexo I – Inquérito ao público

Com a finalidade de perceber qual a posição do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha na cidade onde se insere, solicito a colaboração dos espectadores do CCC para responder a um pequeno inquérito sobre o impacto social, cultural e económico do equipamento na cidade

1 – A área de residência está a: < 15 m  >30m  30m-1h  +2 h  Fora do país

2 - Qual destas situações descreve a principal razão por estar no CCC:  
 É residente  Tem uma casa de férias aqui  Está de férias   
 Quer muito assistir ao espectáculo  Está em Negócios  Está a visitar Amigos

3 - Quantas pessoas vieram consigo \_\_\_\_ Adultos \_\_\_\_ Crianças \_\_\_\_

4 - Participa activamente em projectos de arte e cultura? Sim  Não

5 - O consumo cultural para si é:  
 um luxo  um vício  um prazer  uma necessidade

6 - É frequentador do CCC?  
 Frequentemente  (nº de vezes por mês) \_\_\_\_ Raramente  Nunca cá estive antes

7 - A frequência do CCC tem um impacto positivo na sua qualidade de vida e bem estar ?  
 Muito  Pouco  Nada

	Muito Relevante	Relevante	Nada Relevante
8 – Considera o CCC um símbolo relevante da cidade de Caldas da Rainha e motivo de orgulho dos seus residentes?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
9 - Considera que o CCC tem um papel relevante na afirmação internacional das Caldas da Rainha?	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10 – Acha que o CCC tem um papel relevante na dinamização das actividades sociais:			
10.1 - Oferta cultural diversificada	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.2 - Interação e troca de ideias	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.3 - Criação de um ambiente calmo, confortável e familiar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
10.4 - Ao desemprego	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11 – Acha que o CCC tem uma contribuição relevante no contacto com as artes e novas formas de expressão artística:			
11.1 – Artes do espectáculo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.2 – Artes Plásticas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.3 – Proporciona o contacto entre residentes e artistas	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
11.4 - Criação de uma cidade com alma	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12 – Acha que o CCC tem uma contribuição relevante para a actividade económica ao nível:			
12.1 - Comércio e restauração local	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12.2 - Ao turismo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

13 - Acha que o CCC tem contribuído para dar a conhecer a produção artística da cidade a nível da região, do país e internacionalmente? Sim  Não  Não sei

14 - Assiste a espectáculos/Exposições: Frequentemente  Raramente  Quase nunca

14.1 - Espectáculo/exposição a que se deslocou \_\_\_\_\_

14.2 - Vem normalmente (pode dar mais que uma hipótese): Sozinho  acompanhado

Amigos  Companheiro/a

14.3 - Como classifica a qualidade dos espectáculos?

Excelente  Muito boa  Boa  Razoável  Fraca

15 - De que modo a programação do CCC se insere na cidade quanto ao:

	Excelente	Muito Boa	Boa	Razoável	Fraca
--	-----------	-----------	-----	----------	-------

15.1 - Envolvimento da Comunidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

15.2 - Requalificação da cidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
---------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

15.3 - Divulgação das actividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
-----------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

15.4 - Diversidade das actividades	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
------------------------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------	-----------------------

16 - Pretende regressar ao CCC? Sim  Não

17 - Sente o CCC como um espaço seu? Sim  Não

18 - Gostaria de participar nas iniciativas do CCC não só como espectador mas em conjunto com os criadores? Sim  Não

19 - Participa nas Oficinas do CCC? Sim  Não  Qual \_\_\_\_\_

20 - Frequenta as aulas do CCC? Sim  Não  Qual \_\_\_\_\_

21 - Frequenta o Café Teatro do CCC? Não  Sim

21.1 - Assistir aos espectáculos/conferências  encontro com os amigos  estudar  jantar/almoçar/tomar uma bebida antes do espectáculo  para reuniões informais  Outro \_\_\_\_\_

22 - Deslocou-se: A pé  Carro  Autocarro  Comboio  Táxi

23 - Estacionou no parque? Sim  Não

24 - Tomou alguma refeição em restaurante/pastelaria associada ao facto de ir ao espectáculo? Sim  Não

24.1 - Nº de refeições \_\_\_\_\_

25 - Tem que ficar alojado num dos hotéis da cidade? Sim  Não

25.1 - Nº de noites \_\_\_\_\_

26 - Pretende ficar mais tempo na cidade? Sim  Não

27 - Visitou outros locais? Parque  Hospital Termal  Fábrica Bordalo Pinheiro  Museu José Malhoa  Centro de Artes  Outro \_\_\_\_\_

28 - Em média quanto gastou nesta deslocação (excluindo o bilhete do espectáculo):

>5€  6€ - 10€  11€ - 20€  + 20€

29 - Masculino  Feminino

30 - Idade: >15  16 - 30  31 - 45  46 - 64  +65  31 - Nacionalidade \_\_\_\_\_

32 - Habilitação literária: Ensino Básico  Ensino Secundário  Ensino Superior

33 - Área de estudo: Humanidades  Ciências  Artes  Desporto

34 - Área Profissional: Educação  Artes  Comércio  Desporto  Serviços  Saúde  Agricultura  Indústria  Outro  Qual? \_\_\_\_\_

35 - Situação perante o emprego: Empregado  Desempregado  Reformado

**Anexo II – Inquérito aos funcionários**

Com a finalidade de perceber qual a posição do Centro Cultural e de Congressos de Caldas da Rainha na cidade, solicito a colaboração dos funcionários do CCC para responder a este pequeno inquérito sobre o impacto social, cultural e económico.

1 - Masculino  Feminino

2 - Idade: 20 - 25  26-30  31 – 40  41 – 55  +65

3 - Nacionalidade \_\_\_\_\_

4 - Habilitação literária: Ensino Básico  Ensino Secundário  Ensino Superior

5 - Área de estudo: Humanidades  Ciências  Artes  Desporto

6 - Área Profissional: Educação  Artes  Comércio  Desporto  Serviços  Saúde  Agricultura  Indústria  Outro

Qual? \_\_\_\_\_

7 - Reside em que Freguesia? \_\_\_\_\_

7.1 - Casa própria sem hipoteca  Casa própria com hipoteca  Arrendada  Familiares/amigos  Outro \_\_\_\_\_

7.2 - Qual o tipo de contrato que tem com o CCC?  
 Contrato individual de trabalho  Prestação de Serviços

7.3 - Em que regime? A Prazo  Sem Termo

7.4 - Escalão Salarial  
 < 600€  601€ - 750€  751€ - 1000€  1001€ - 1500€  1501 € - 2000€  + 2000€

8 - Quais os gastos em média:	< 100€	101€ 200€	201€ 350€	351€ 500€	501€ 650€	+651
8.1 - Na habitação	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.2 - Nos consumos domésticos	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.3 - Nos bens de primeira necessidade	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8.4 - Noutros bens	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

9 - Faz as suas compras preferencialmente na cidade ou fora? Dentro  Fora

9.1 - Se faz fora quando rendimento %  
 30%  60%

**Anexo III – Tabelas do inquérito ao público**

Tabela – 1

**Género**

	Frequência	Percentagem
Feminino	50	51,0
Masculino	36	36,7
Total	98	100,0

Tabela – 2

**A área de residência está a:**

	Frequência	Percentagem
<15m	56	57,1
>30m	23	23,5
30m-1h	14	14,3
+2h	3	3,1
Total	98	100,0

Tabela – 3

**Qual destas situações descreve como principal razão para estar no CCC**

	Frequência	Percentagem
Residente	48	49,0
Tem casa de férias aqui	3	3,1
Está de férias	4	4,1
Quero muito assistir ao espectáculo	31	31,6
Está em negócios	2	2,0
Está a visitar amigos	7	7,1
Total	98	100,0

Tabela – 4

**Idade**

	Frequência	Percentagem
>15	3	3,1
16-30	18	18,4
31-45	37	37,8
46-64	34	34,7
+65	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 5

**Habilitações literárias**

Ensino	Frequência	Percentagem
Básico	5	5,1
Secundário	31	31,6
Superior	52	53,1
Total	98	100,0

Tabela – 6

**Situação perante o emprego**

	Frequência	Percentagem
Desempregado	14	14,3
Empregado	66	67,3
Reformado	6	6,1
Total	98	100,0

Tabela – 7

**Idade | Habilitações literárias**

	Habilitações literárias			Total
	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	
>15	1 20,0%	2 6,5%	0 0,0%	3 3,1%
16-30	1 20,0%	6 19,4%	9 17,3%	18 18,4%
31-45	2 40,0%	14 45,2%	18 34,6%	37 37,8%
46-64	1 20,0%	8 25,8%	23 44,2%	34 34,7%
+65	0 0,0%	1 3,2%	1 1,9%	2 2,0%
Total	5 100,0%	31 100,0%	52 100,0%	98 100,0%

Tabela – 8

**Género | Habilitações literárias**

	Habilitações			Total
	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	
Feminino	2 40,0%	13 41,9%	31 59,6%	50 51,0%
Masculino	3 60,0%	15 48,4%	16 30,8%	36 36,7%
Total	5 100,0%	31 100,0%	52 100,0%	98 100,0%

Tabela – 9

**Situação perante o emprego/Habilitação literária**

	Habilitação literária			Total	
	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior		
Situação perante o emprego	Artes	0 0,0%	2 6,5%	12 23,1%	15 15,3%
	Agricultura	1 20,0%	0 0,0%	1 1,9%	2 2,0%
	Comércio	0 0,0%	6 19,4%	1 1,9%	7 7,1%
	Desporto	1 20,0%	0 0,0%	1 1,9%	3 3,1%
	Educação	0 0,0%	1 3,2%	21 40,4%	24 24,5%
	Indústria	0 0,0%	3 9,7%	2 3,8%	6 6,1%
	Saúde	0 0,0%	1 3,2%	4 7,7%	6 6,1%
	Serviços diversos	1 20,0%	7 22,6%	6 11,5%	14 14,3%
	Outro	0 0,0%	0 0,0%	1 1,9%	1 1,0%
	Total	5 100,0%	31 100,0%	52 100,0%	98 100,0%

Tabela – 11

**Participa em projectos de arte e cultura:**

	Frequência	Percentagem
Não	40	40,8
Sim	57	58,2
Total	98	100,0

Tabela – 12

**O consumo cultural é para si:**

	Frequência	Percentagem
Um vício	2	2,0
Um prazer	76	77,6
Uma necessidade	19	19,4
Total	98	100,0

Tabela – 13

**Gostaria de participar nas actividades do CCC não só como espectador mas em conjunto com os criadores**

	Frequência	Percentagem
Não	43	43,9
Sim	48	49,0
Total	98	100,0

Tabela – 14

**Assiste a espectáculos/exposições**

	Frequência	Percentagem
Frequentemente	53	54,1
Quase nunca	5	5,1
Raramente	33	33,7
Total	98	100,0

Tabela – 15

**É frequentador do CCC**

	Frequência	Percentagem
Frequentemente (6-15)	18	18,4
Raramente (1-5)	61	62,2
Nunca cá estive antes	18	18,4
Total	98	100,0

Tabela – 16

**Visita outros locais**

	Frequência	Percentagem
Centro de artes	1	1,0
Fábrica Bordalo Pinheiro	1	1,0
Museus/Fábrica	1	1,0
Parque	8	8,2
Parque/Hospital Termal	5	5,1
Parque/Hospital/Museus*	4	4,1
Parque/Museus	4	4,1
Parque/Museus/Fábrica	1	1,0
Todos	12	12,2
Outros/Museu Cerâmica	3	3,1
Não respondeu	58	59,2
Total	98	100,0

\*Quando estão referenciados Museus quer dizer: Museu José Malhoa e Centro de Artes

Tabela – 17

**Acha que o CCC tem contribuído para o contacto com as artes do espectáculo**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	44	44,9
Relevante	48	49,0
Total	98	100,0

Tabela – 18

**Acha que o CCC tem contribuído para o contacto com as artes plásticas**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	27	27,6
Relevante	60	61,2
Nada relevante	5	5,1
Total	98	100,0

Tabela – 19

**Criação de uma cidade com alma**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	29	29,6
Relevante	50	51,0
Nada relevante	13	13,3
Total	98	100,0

Tabela – 20

**Como classifica a qualidade dos espectáculos**

	Frequência	Percentagem
Boa	19	19,4
Excelente	17	17,3
Muito boa	48	49,0
Razoável	1	1,0
Total	98	100,0

Tabela – 21

**Contacto entre residentes e artistas**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	28	28,6
Relevante	47	48,0
Nada relevante	14	14,3
Total	98	100,0

Tabela – 22

**Contributo do CCC para dar a conhecer a produção artística da cidade na região, no país e internacionalmente**

	Frequência	Percentagem
Sim	54	55,1
Não	7	7,1
Não sei	33	33,7
Total	98	100,0

Tabela – 23

## Espectáculos/exposições a que se deslocou

	Frequência	Percentagem
Cinema	1	1,0
Dança	3	3,1
Música diversa	5	5,1
Pintura naturalista	22	22,4
“Resistência”*	18	18,4
Teatro	5	5,1
Vários	6	6,1
Não respondeu	38	38,8
Total	98	100,0

\*Resistência – nome de um grupo de música rock dos anos 90

Tabela – 24

## Área Profissional /espectáculos/exposições a que se deslocou

		espectáculos e exposições								Total
		não respondeu	cinema	dança	música diversa	pintura naturalista	resistência	teatro	vários	
Profissão	Count	8	0	0	2	3	4	3	0	20
	% within espectáculos e exposições	21,1%	0,0%	0,0%	40,0%	13,6%	22,2%	60,0%	0,0%	20,4%
artes	Count	4	0	0	0	9	0	0	2	15
	% within espectáculos e exposições	10,5%	0,0%	0,0%	0,0%	40,9%	0,0%	0,0%	33,3%	15,3%
agricultura	Count	1	0	0	0	0	0	1	0	2
	% within espectáculos e exposições	2,6%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%	0,0%	2,0%
comércio	Count	3	0	1	0	1	2	0	0	7
	% within espectáculos e exposições	7,9%	0,0%	33,3%	0,0%	4,5%	11,1%	0,0%	0,0%	7,1%
desporto	Count	1	0	0	0	1	0	1	0	3
	% within espectáculos e exposições	2,6%	0,0%	0,0%	0,0%	4,5%	0,0%	20,0%	0,0%	3,1%
educação	Count	9	1	0	2	4	5	0	3	24
	% within espectáculos e exposições	23,7%	100,0%	0,0%	40,0%	18,2%	27,8%	0,0%	50,0%	24,5%
indústria	Count	3	0	2	0	0	1	0	0	6
	% within espectáculos e exposições	7,9%	0,0%	66,7%	0,0%	0,0%	5,6%	0,0%	0,0%	6,1%
outro	Count	0	0	0	0	0	1	0	0	1
	% within espectáculos e exposições	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	5,6%	0,0%	0,0%	1,0%
Saúde	Count	4	0	0	0	2	0	0	0	6
	% within espectáculos e exposições	10,5%	0,0%	0,0%	0,0%	9,1%	0,0%	0,0%	0,0%	6,1%
serviços diversos	Count	5	0	0	1	2	5	0	1	14
	% within espectáculos e exposições	13,2%	0,0%	0,0%	20,0%	9,1%	27,8%	0,0%	16,7%	14,3%
Total	Count	38	1	3	5	22	18	5	6	98
	% within espectáculos e exposições	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela – 25

**Espectáculos e exposições | Habilitações**

		Habilitações Literárias				Total
		Não responde	Ensino básico	Ensino secundário	Ensino superior	
Espectáculos e Exposições	Não respondeu	7 70,0%	1 20,0%	11 35,5%	19 36,5%	38 38,8%
	Cinema	0 0,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 1,9%	1 1,0%
	Dança	0 0,0%	0 0,0%	1 3,2%	2 3,8%	3 3,1%
	Música diversa	1 10,0%	0 0,0%	2 6,5%	2 3,8%	5 5,1%
	Pintura	2 20,0%	2 40,0%	4 12,9%	14 26,9%	22 22,4%
	naturalista	0 0,0%	0 0,0%	9 29,0%	9 17,3%	18 18,4%
	Resistência	0 0,0%	2 40,0%	3 9,7%	0 0,0%	5 5,1%
	Teatro	0 0,0%	0 0,0%	1 3,2%	5 9,6%	6 6,1%
	Vários	0 0,0%	0 0,0%	1 3,2%	5 9,6%	6 6,1%
	Total	10 100,0%	5 100,0%	31 100,0%	52 100,0%	98 100,0%

Tabela – 26

**O facto de frequentar o CCC tem um impacto positivo na sua qualidade de vida e bem-estar**

	Frequência	Percentagem
Muito	52	53,1
Pouco	37	37,8
Nada	3	3,1
Total	98	100,0

Tabela – 27

**Considera o CCC um símbolo relevante da cidade e motivo de orgulho dos seus habitantes**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	56	57,1
Relevante	38	38,8
Nada relevante	3	3,1
Total	98	100,0

Tabela – 28

**Considera que o CCC tem um papel relevante na afirmação internacional de Caldas da Rainha**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	37	37,8
Relevante	48	49,0
Nada relevante	8	8,2
Total	98	100,0

Tabela – 29

**Oferta cultural diversificada**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	44	44,9
Relevante	51	52,0
Total	98	100,0

Tabela – 30

**Criação de um ambiente calmo e familiar**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	44	44,9
Relevante	47	48,0
Nada relevante	1	1,0
Total	98	100,0

Tabela – 31

**Desemprego**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	6	6,1
Relevante	37	37,8
Nada relevante	38	38,8
Total	98	100,0

Tabela – 32

**Envolvimento comunidade**

	Frequência	Percentagem
Excelente	8	8,2
Muito boa	25	25,5
Boa	34	34,7
Razoável	17	17,3
Fraca	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 33

**Requalificação da área da cidade**

	Frequência	Percentagem
Excelente	10	10,2
Muito boa	29	29,6
Boa	27	27,6
Razoável	16	16,3
Fraca	6	6,1
Total	98	100,0

Tabela – 34

**Diversidade das actividades**

	Frequência	Percentagem
Excelente	11	11,2
Muito boa	30	30,6
Boa	28	28,6
Razoável	17	17,3
Fraca	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 35

**Sente o CCC como um espaço seu**

	Frequência	Percentagem
Não	24	24,5
Sim	69	70,4
Total	98	100,0

Tabela – 36

**Participa nas oficinas do CCC**

	Frequência	Percentagem
Não	85	86,7
Sim	9	9,2
Total	98	100,0

Tabela – 37

**Frequenta as aulas do CCC**

	Frequência	Percentagem
Não	86	87,8
Sim	8	8,2
Total	98	100,0

Tabela – 38

**Frequenta o café teatro**

	Frequência	Percentagem
Não	37	37,8
Sim	56	57,1
Total	98	100,0

Tabela – 39

**A que tipo de eventos**

	Frequência	Percentagem
Não respondeu	25	25,5
Amigos/outros	5	5,1
Estudar	2	2,0
Encontro amigos	12	12,2
Espectáculos/conferências	23	23,5
Espectáculos/conferências/outros	22	22,4
Refeição	7	7,1
Todas	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 40

**Vem normalmente:**

	Frequência	Percentagem
Acompanhado	59	60,2
Amigos	1	1,0
Amigos e companheiro	9	9,2
Companheiro	11	11,2
Sozinho	5	5,1
Sozinho e acompanhado	7	7,1
Sozinho e amigos	1	1,0
Todos	1	1,0
Total	98	100,0

Tabela – 41

**Divulgação actividades**

	Frequência	Percentagem
Excelente	14	14,3
Muito bom	20	20,4
Boa	34	34,7
Razoável	14	14,3
Fraca	7	7,1
Total	98	100,0

Tabela – 42

**Sente o CCC como um espaço seu | Participa nas oficinas do CCC**

		Oficinas			Total
		Não respondeu	Não	Sim	
Sentimento	Não respondeu	3	2	0	5
		60,0%	40,0%	0,0%	100,0%
		75,0%	2,4%	0,0%	5,1%
	Não	1	19	4	24
		4,2%	79,2%	16,7%	100,0%
		25,0%	22,4%	44,4%	24,5%
Sim	0	64	5	69	
	0,0%	92,8%	7,2%	100,0%	
	0,0%	75,3%	55,6%	70,4%	
Total	4	85	9	98	
	4,1%	86,7%	9,2%	100,0%	
		100,0%	100,0%	100,0%	

Tabela – 43

**Comércio e restauração local**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	15	15,3
Nada relevante	18	18,4
Relevante	58	59,2
Total	98	100,0

Tabela – 44

**Turismo**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	29	29,6
Nada relevante	10	10,2
Relevante	53	54,1
Total	98	100,0

Tabela – 45

**Deslocou-se a:**

	Frequência	Percentagem
Autocarro	2	2,0
A pé	32	32,7
Carro	61	62,2
Comboio	1	1,0
Total	98	100,0

Tabela – 46

**Estacionou no parque do CCC**

	Frequência	Percentagem
Não	58	59,2
Sim	31	31,6
Total	98	100,0

Tabela – 47

**Tomou alguma refeição**

	Frequência	Percentagem
Não	62	63,3
Sim	30	30,6
Total	98	100,0

Tabela – 48

**Número de refeições**

	Frequência	Percentagem
Não respondeu	80	81,6
1	13	13,3
2	4	4,1
3	1	1,0
Total	98	100,0

Tabela – 49

**Tem que ficar alojado num dos hotéis da cidade**

	Frequência	Percentagem
Não	90	91,8
Sim	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 50

**Número de noites**

	Frequência	Percentagem
1	1	1,0
0	2	2,0
Total	98	100,0

Tabela – 51

**Em média quanto gastou na deslocação**

	Frequência	Percentagem
Não respondeu	32	32,7
<5€	28	28,6
6€-10€	12	12,2
11€-20€	10	10,2
+20€	16	16,3
Total	98	100,0

Tabela – 52

**Interacção e troca de ideias**

	Frequência	Percentagem
Muito relevante	22	22,4
Relevante	59	60,2
Nada relevante	3	3,1
Total	98	100,0

**Anexo IV – Tabelas do inquérito aos funcionários**

Tabela – 1

**Idade | Género**

		Género		Total
		Feminino	Masculino	
26-30	Count	3	2	5
	% within Género	60,0%	40,0%	50,0%
31-40	Count	1	2	3
	% within Género	20,0%	40,0%	30,0%
41-55	Count	1	1	2
	% within Género	20,0%	20,0%	20,0%
Total	Count	5	5	10
	% within Género	100,0%	100,0%	100,0%

Tabela – 2

**Habilitações Literárias**

	Frequência	Percentagem
Ensino básico	1	10,0
Ensino secundário	3	30,0
Ensino superior	6	60,0
Total	10	100,0

Tabela – 3

**Área de estudo**

	Frequência	Percentagem
Artes	5	50,0
Ciências	1	10,0
Humanidades	3	30,0
Não respondeu	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela – 4

**Residência | Habitação**

		Habitação			Total
		Arrendada	Casa própria com hipoteca	Familiares e/ou amigos	
Residência	Caparica	0 0,0%	1 50,0%	0 0,0%	1 10,0%
	Foz Arelho	0 0,0%	0 0,0%	1 33,3%	1 10,0%
	Landal	1 20,0%	0 0,0%	0 0,0%	1 10,0%
	Nossa Senhora	3 60,0%	1 50,0%	1 33,3%	5 50,0%
	Pópulo	1 20,0%	0 0,0%	1 33,3%	2 20,0%
Total		5 100,0%	2 100,0%	3 100,0%	10 100,0%

Tabela – 5

**Salário**

	Frequência	Percentagem
€600	2	20,0
€601-€750	3	30,0
€751-€1000	4	40,0
€1001-€1500	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela – 6

**Salário | Gastos Habitação**

		Gastos Habitação			Total
		<100	201-350	351-500	
€600	Count	1	1	0	2
	% of Total	10,0%	10,0%	0,0%	20,0%
€601-€750	Count	1	2	0	3
	% of Total	10,0%	20,0%	0,0%	30,0%
€751-€1000	Count	2	2	0	4
	% of Total	20,0%	20,0%	0,0%	40,0%
€1001-€1500	Count	0	0	1	1
	% of Total	0,0%	0,0%	10,0%	10,0%
Total	Count	4	5	1	10
	% of Total	40,0%	50,0%	10,0%	100,0%

Tabela – 7

**Salário | Gastos Domésticos**

		Gastos Domésticos			Total
		<100	101-200	201-350	
€600	Count	1	1	0	2
	% of Total	10,0%	10,0%	0,0%	20,0%
€601-€750	Count	0	3	0	3
	% of Total	0,0%	30,0%	0,0%	30,0%
€751-€1000	Count	1	1	2	4
	% of Total	10,0%	10,0%	20,0%	40,0%
€1001-€1500	Count	0	1	0	1
	% of Total	0,0%	10,0%	0,0%	10,0%
Total	Count	2	6	2	10
	% of Total	20,0%	60,0%	20,0%	100,0%

Tabela – 8

**Salário | Gastos primeira necessidade**

		Gastos primeira necessidade				Total
		<100	101-200	201-350	351-500	
€600	Count	2	0	0	0	2
	% of Total	20,0%	0,0%	0,0%	0,0%	20,0%
€601-€750	Count	1	2	0	0	3
	% of Total	10,0%	20,0%	0,0%	0,0%	30,0%
€751-€1000	Count	1	1	1	1	4
	% of Total	10,0%	10,0%	10,0%	10,0%	40,0%
€1001-€1500	Count	0	0	0	1	1
	% of Total	0,0%	0,0%	0,0%	10,0%	10,0%
Total	Count	4	3	1	2	10
	% of Total	40,0%	30,0%	10,0%	20,0%	100,0%

Tabela – 9

**Tipo de contrato**

	Frequência	Percentagem
Contrato individual trabalho	9	90,0
Prestação de serviços	1	10,0
Total	10	100,0

Tabela – 10

**Regime**

	Frequência	Percentagem
A prazo	10	100,0

Tabela – 11

**Habitação**

	Frequência	Percentagem
Arrendada	5	50,0
Casa própria com hipoteca	2	20,0
Familiares e/ou amigos	3	30,0
Total	10	100,0

**Anexo V – Formato digital**

*Outputs do SPSS*